Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

KÁTIA ROBERTA RODRIGUES-PINTO

CONSTRUÇÕES RELACIONAIS DE FINGIMENTO COM OS VERBOS "PAGAR" E "DAR"

TRÊS LAGOAS - MS
30 de agosto de 2021

KÁTIA ROBERTA RODRIGUES-PINTO

CONSTRUÇÕES RELACIONAIS DE FINGIMENTO COM OS VERBOS "PAGAR" E "DAR"

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos) do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes

TRÊS LAGOAS - MS
30 de agosto de 2021

KÁTIA ROBERTA RODRIGUES-PINTO

CONSTRUÇÕES RELACIONAIS DE FINGIMENTO COM OS VERBOS "PAGAR" E "DAR"

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos) do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/CPTL

Membro externo: Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário
Universidade Federal Fluminense - UFF/Niterói

Membro interno: Profa Dra Taísa Peres de Oliveira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/CPTL

TRÊS LAGOAS - MS
30 de agosto de 2021

Aos meus gêmeos, Henrique e Pedro,
razão maior da minha existência.

AGRADECIMENTOS

Mais do que um sonho, mais do que um projeto e muito além do que um dia pudesse imaginar, concluir o mestrado é, sem sombra de dúvidas, uma grande conquista.

A todos os envolvidos, seja direta ou indiretamente, ofereço minha mais sincera gratidão, em especial:

A Deus, por me manter de pé nos momentos mais dolorosos e sempre me fazer acreditar em um amanhã próspero; por me dar saúde, força e fé ao longo da minha vida.

Ao Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes, meu respeitado e querido orientador, por ter me aceito como sua primeira orientanda na pós-graduação, guiando-me tão seriamente ao longo do mestrado e acreditando na minha evolução enquanto pesquisadora. Sinto-me privilegiada por tê-lo ao meu lado desde quando fui sua aluna especial.

À Profa. Dra. Solange de Carvalho Fortilli, minha primeira docente na UFMS, pela acolhida como aluna especial e grande incentivadora dos meus projetos de pesquisa; pelas valiosíssimas contribuições no exame de qualificação e pela constante gentileza e sinceridade.

Aos professores Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, Dra Taísa Peres de Oliveira, Dr. Renato Rodrigues Pereira, Dr. Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira, Dra Aparecida Negri Isquerdo, Dra Vânia Maria Lescano Guerra, Dra Marize Mattos Dall'Aglio Hattnher e Dra Maria Helena de Moura Neves pelos enriquecedores ensinamentos compartilhados durante as disciplinas do curso.

Aos docentes Prof Dr. Ivo da Costa do Rosário e Profa Dra. Taísa Peres de Oliveira por, tão gentilmente, aceitarem participar da banca de arguição de mestrado e oferecerem contribuições muito significativas para a concretização desta pesquisa.

À UFMS/CPTL, pela acolhida e por fazer parte da minha jornada acadêmica.

Aos meus queridos pais, Nelson e Bernadete, pela educação firme e carinhosa que serviram de alicerce para construção do meu 'EU'; por sempre acreditarem em mim e por terem me ensinado que todo esforço tem sua recompensa.

Ao meu marido, Gilberto, companheiro de alma e coração, pelas inúmeras horas em que estive ausente me dedicando à pesquisa; pela paciência em me ouvir discursando sobre minhas análises; pelo amor sempre presente em suas palavras, olhares e gestos.

Aos meus filhos, Henrique e Pedro, que me proporcionaram a dádiva da maternidade, dedico meu título de mestre e peço perdão pelos momentos de ausência. Meu coração

apertava sempre ao ouvir: *"Mãe, qui cê tá fazendo? Tá estudando DI NOVO!"*. Agradeço pela ternura que só os vossos abraços possuem. Meu objetivo maior é servir de exemplo a vocês e mostrar que a educação e a dedicação aos estudos são os instrumentos mais importantes quando se quer construir um mundo melhor.

Às amadas amigas e 'irmãs acadêmicas', Arielly Ferreira Berlandi e Letícia de Almeida Barbosa, verdadeiras joias que a UFMS me deu, pelos momentos maravilhosos de discussão e troca de experiências. O fruto desta pesquisa nasceu de um encontro de ideias em uma manhã de outono durante uma aula no campus: nesse momento, a semente foi plantada!

A todos os colegas da pós que, entre vários cafés e guloseimas, tornaram minha jornada mais doce.

"Há um tempo em que é preciso
abandonar as roupas usadas que
já tem a forma do nosso corpo e
esquecer os nossos caminhos que nos
levam sempre aos mesmos lugares.

É tempo da travessia:
e, se não ousarmos fazê-la
teremos ficado para sempre
à margem de nós mesmos."

Fernando Pessoa, Tempos de Travessia

MEMORIAL DESCRITIVO

Cursei os dois semestres de 2018, como aluna especial, nas disciplinas "Tópicos Especiais: A mudança por gramaticalização" ministrada pela Profa Dra Solange de Carvalho Fortilli obtendo conceito A, nota 90 e 4 créditos e "Tópicos Especiais: Gramática Funcional do Português" ofertada pelo docente Dr. Michel Gustavo Fontes, conceito A, nota 92 e 4 créditos. Nesse mesmo ano, participei do processo seletivo para cursar mestrado em Letras pela UFMS/CPTL sendo classificada em quarto lugar com nota final de 6,86.

Já como aluna regular, cursei sete disciplinas: cinco em 2019 e duas em 2020.

Em 2019 cursei a disciplina "Linguística Aplicada" ofertada pelo Prof. Dr. Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira, somando 4 créditos, conceito A e nota 90. No decorrer das aulas, foi possível ampliar conhecimentos recorrendo à metodologias de ensino e interdisciplinaridade das subáreas que envolvem a Linguística, tanto em língua materna (L1), quanto em língua estrangeira (L2).

Em "Teorias da Linguagem", ministrada pelos docentes Profa Dra Aparecida Negri Isquerdo, Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira, Prof. Dr. Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira e Profa Dra Vânia Maria Lescano Guerra, foi possível aprofundar o conhecimento acerca dos primeiros estudos sobre língua(gem), o advento da Linguística enquanto ciência e as escolhas feitas por estudiosos que buscavam sistematizar e teorizar esse campo de estudo, obtendo 4 créditos, conceito B e nota 88.

Ao cursar "Tópicos Especiais: Abordagem construcional da mudança linguística", ministrada pela Profa Dra Taísa Peres de Oliveira, pude observar estudos que contemplam os processos de mudança pela perspectiva da abordagem construcional, o que possibilitou um olhar mais analítico quanto ao arcabouço teórico desta dissertação, com aproveitamento de 4 créditos, conceito A e nota 90.

Na disciplina "Tópicos Especiais: Descrição linguística em perspectiva funcionalista", ministrada pelo Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes, meu orientador, pude observar a abordagem funcionalista da linguagem ressaltando os princípios que subjazem sua constituição e construção e, também, contemplar a metodologia de análise em pesquisas de cunho funcionalista, resultando em 4 créditos com conceito A e nota 92.

No final do segundo semestre do ano de 2019, cursei a disciplina condensada "Tópicos Especiais em Estudos Linguísticos: Tipologia" ministrada pela Profa Dra Marize Mattos Dall'Aglio Hattnher, docente efetiva da UNESP de São José do Rio Preto, obtendo

conceito A, nota 100 e 2 créditos. Por meio dessa disciplina, foram introduzidos os preceitos básicos que compreendem os processos de análise tipológica das gramáticas, seja de uma língua ou de uma família de línguas com base em um suporte teórico.

No ano de 2020, cursei uma disciplina condensada ofertada pelo Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes sob o título "Tópicos Especiais: Introdução à Gramática Discursivo-Funcional", no mês de junho, alcançando conceito A, nota 93 e 2 créditos. Ainda neste ano, cursei, como aluna especial, pela Unesp/Araraquara a disciplina condensada "Gramática do Português" ministrada pela Profa Dra Maria Helena de Moura Neves, obtendo conceito A e 4 créditos.

Quanto à publicações em periódicos, publiquei dois artigos e um capítulo de livro em formato *e-book*.

Em setembro de 2020, tive um artigo publicado em coautoria com a doutoranda e amiga Letícia de Almeida Barbosa Santos, pelo periódico Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli (*qualis* B2), ISSN 2316-1663, vol. 09, nº 04, pág. 618-632, DOI: 10.47295/mren.v9i4.2612, com o título 'A construção [pagar$_{infinitivo}$+SN] no português brasileiro'.

O contato com uma nova perspectiva teórica, Gramática Discursivo-Funcional (GDF), permitiu a confecção de um trabalho, em forma de artigo, submetido à Revista Muitas Vozes (*qualis* B2), ISSN 2238-7196, em coautoria com meu orientador Dr. Michel Gustavo Fontes. O mesmo foi intitulado 'Ordem de palavras e expressão de ênfase no português', aceito pela revista em novembro de 2020 e publicado em março de 2021, v. 9, nº 01, pág. 184-205, DOI: 10.5212/MuitasVozes.v.9i1.0011.

Em dezembro de 2020, publiquei um capítulo de livro, na modalidade *e-book*, com o título 'O predicado pagar no contexto penitenciário paulista: análise e uso', compondo a obra Estudos interdisciplinares da linguagem, vol. 2, p. 126-137, ISBN: 978-65-86901-14-6, organizado pelo Dr. Natanael Duarte de Azevedo, Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL/UFRPE). Este trabalho foi submetido ao I CONGRESSO NACIONAL EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA LINGUAGEM - I CONEIL realizado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco em setembro do mesmo ano.

Em relação aos eventos, foram oito participações ao longo do curso: duas como aluna especial e seis como aluna regular.

Participei, ainda como aluna especial, da Ação de Extensão INTERCÂMBIOS LINGUÍSTICO-LITERÁRIOS DO/NO CENTRO-OESTE e II CONGRESSO REGIONAL DO PROFLETRAS, realizada no campus de Três Lagoas da Fundação Universidade Federal

de Mato Grosso do Sul no período de 19 a 21 de setembro de 2018. Realizei a comunicação oral intitulada 'Usos do verbo pagar no português brasileiro', além de colaborar na organização do evento e monitoria.

Apresentei, também como aluna especial, no simpósio 8 - Estudo de verbos na perspectiva do uso da língua, o trabalho 'O verbo pagar dentro do contexto penitenciário paulista: uma análise centrada no uso', no III SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE O PORTUGUÊS EM USO, Núcleo de Estudos Linguísticos do Português em Uso – PORUS, realizado no Instituto de Letras da UFF, cidade de Niterói/RJ, nos dias 06, 07 e 08 de novembro de 2018. Durante o evento, participei do minicurso 'Funcionalismo linguístico e abordagem construcional da gramática' promovido pela Profa Dra Mariangela Rios de Oliveira (UFF/CNPq).

Já como aluna regular, apresentei no simpósio temático 9 - Perspectiva Sociofuncionalista da Análise Linguística do V SILF – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA FUNCIONAL que ocorreu de 29 a 31 de maio de 2019, no campus Cora Coralina da Universidade Estadual de Goiás (UEG), na Cidade de Goiás/GO, o trabalho intitulado 'A abstratização do verbo pagar: um caso de mudança linguística emergente do uso', tendo meu orientador como coautor. Nesse mesmo evento assisti a três minicursos: (i) Variação e mudança no português: perspectiva sociocognitiva e multifatorial – Prof. Dr. Augusto Soares da Silva (Universidade Católica de Portugal), (ii) Gramática de (RE)construção diacrônica – Prof. Dr. Spike Gildea (*University Oregon*) e (iii) Texto, Discurso e Gramática – Profa Dra Maria Helena de Moura Neves (Mackenzie/UNESP Araraquara).

Realizei a comunicação intitulada 'A construção [pagar+SN] no português brasileiro sob o viés da Linguística Funcional Centrada no Uso' na 67ª edição do GEL – GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, realizada no período de 16 a 19 de julho de 2019, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, em São José do Rio Preto-SP.

Demonstrei as primeiras análises da pesquisa no evento científico promovido pela UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, realizado entre os dias 23 a 25 de setembro de 2019, campus Vitória da Conquista/BA, III SEVALING – SEMINÁRIO DE VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES, com a apresentação do trabalho 'A construção [pagar+SP] e suas dimensões de uso'. Houve a oportunidade de participar de três minicursos: (i) Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso – Profa Dra Mariangela Rios de Oliveira (UFF/CNPq) e Prof. Dr. Ivo da Costa do

Rosário (UFF); (ii) Introdução à Morfologia Construcional - Prof. Me Natival Simões Neto (UEFS) e (iii) Introdução à Gramática de Construções Baseada no Uso - Prof. Dr. Diego Oliveira (UFRJ).

O último evento de 2019 ocorreu entre os dias 02 e 04 de outubro, oportunizado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Três Lagoas (MS) que promoveu a I SEMANA DE LETRAS DA UFMS/CPTL e, neste evento, pude ministrar o minicurso 'Inteligência emocional aliada à práticas pedagógicas: Programa Gestão da Emoção do Instituto Augusto Cury' e apresentar a comunicação oral 'A metáfora pagar é dever em usos do português moderno'.

Em novembro de 2020, participei do evento intitulado I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE/XIX ENCONTRO DE LETRAS - I SIELLI que ocorreu entre os dias 09 e 13 de novembro promovido pela Universidade Estadual de Goiás, campus Cora Coralina (UEG). Apresentei a comunicação oral (*on-line*) 'O predicado pagar no contexto penitenciário paulista: análise e uso'. Durante o evento, houve a oportunidade de participar do minicurso Análise do Discurso: reflexões introdutórias ministrado pela doutoranda Simone de Sousa Naedzold (Unemat/Cáceres) e pela Profa. Me. Débora Pereira Lucas Costa (Unifasipe).

A última comunicação oral foi apresentada no evento virtual promovido pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) - III ENCONTRO DE ESTUDOS EM FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO entre os dias 22 e 24 de março de 2021, sob o título '*Prefab* e padrões microconstrucionais de fingimento com os verbos pagar e dar'.

Assisti a seis arguições do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGLetras UFMS/CPTL, sendo elas: (i) banca de defesa pública de dissertação da doutoranda Letícia de Almeida Barbosa com o título: 'Gramaticalização de verbos cognitivos: aspectos semântico-pragmáticos' no dia 08 de março de 2019; (ii) banca de defesa pública de dissertação da doutoranda Camila Gabriela Clemente da Cruz com o título: 'O subesquema V_QUE condicional no português' em 13 de março de 2020; (iii) banca de defesa pública de dissertação da doutoranda Júlia Augusta Oslei Pereira com o título 'Marcadores conversacionais em audiências trabalhistas: estratégias linguísticas dos juristas' no dia 28 de maio de 2020 pela plataforma digital *Google Meet*; (iv) banca de defesa pública de doutorado de Sheila da Costa Mota Bispo com o título 'A (des)construção do discurso indigenista oficial brasileiro: uma análise discursiva' realizada no dia 30 de junho de 2020, pela plataforma digital *Google Meet*; (v) banca de defesa pública de mestrado de Arielly Berlandi Ferreira com o título 'Usos do verbo deitar: um exercício de análise com a abordagem construcional'

realizada dia 31 de agosto de 2020 pela plataforma digital *Google Meet* e (vi) banca de defesa pública de mestrado de Ingridy Inara Perico com o título 'Construções condicionais com "desde que" no português brasileiro' realizada no dia 31 de agosto de 2020 pela plataforma digital *Google Meet*.

RODRIGUES-PINTO, Kátia Roberta. **Construções relacionais de fingimento com os verbos "pagar" e "dar"**. Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2021, p. 135. (Dissertação de Mestrado)

RESUMO

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos dos Modelos Baseados no Uso (KEMMER; BARLOW, 2000; BYBEE, 2010), e concentrando-se nos princípios da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006), este estudo objetiva descrever o pareamento de forma-significado de construções que denotam fingimento de estado, recortando-se àquelas com os verbos "pagar" e "dar". Especificamente, objetiva-se: (i) caracterizar tais construções em termos de esquematicidade, produtividade e composicionalidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021), (ii) distinguir seus padrões microconstrucionais e (iii) determinar suas relações hierárquicas e de herança no interior da rede mais ampla de construções relacionais.

Adotando parâmetros que mapeiam aspectos tanto formais quanto semântico-pragmáticos dessas construções, pode-se chegar a resultados que apontam para padrões construcionais instanciados por dois subesquemas, no caso um subesquema de fingimento + durativo, Suj+V_{rel}+de+SN/SAdj, e um subesquema de fingimento + pontual, Suj+V_{rel}+uma+de+SN/SAdj, que se desdobram em quatro microconstruções, representadas da seguinte maneira: Suj+pagar+de+SAdj/SN; Suj+dar+de+SAdj/SN, Suj+pagar+uma+de+SAdj/SN e Suj+dar+uma+de+SAdj/SN. Para tanto, recorreu-se ao banco de dados do *Corpus do Português*, seção *Web Dialetos* (DAVIES; FERREIRA, 2006).

Defende-se que as construções de fingimento de estado pertencem à rede das construções relacionais, cujos membros mais prototípicos são as construções de estado com os verbos "ser" e "estar" (FERREIRA, 2015). As construções de fingimento de estado com "pagar" e "dar" configuram-se como membros mais marginais dessa rede, já que, ao mesmo tempo em que compartilham certos traços com os membros protótipos da rede, como, por exemplo, significado relacional e condição de estado do indivíduo, também se distanciam deles por apresentarem propriedades distintas, como, sujeito agente e natureza pragmática disfórica.

Palavras-chave: Abordagem construcional; Construções relacionais de fingimento; Relações hierárquicas.

RODRIGUES-PINTO, Kátia Roberta. **Construções relacionais de fingimento com os verbos "pagar" e "dar"**. Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2021, p. 135. (Dissertação de Mestrado)

ABSTRACT

Based on Usage-based Model's theoretical and methodological assumptions (KEMMER; BARLOW, 2000; BYBEE, 2010), and focusing on Construction Grammar principles (GOLDBERG, 1995; 2006), this dissertation aims to describe the form-meaning pairing of constructions that denote pretending of state, being those with the verbs "pagar" (*to pay*) and "dar" (*to give)*. The specific objectives are: (i) to characterize such constructions in terms of schematicity, productivity and compositionality (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021), (ii) to distinguish microconstructional patterns and (iii) to determine their hierarchical and inheritance relationships within the broader network of relational constructs.

Adopting parameters that map both formal and semantic-pragmatic aspects of these constructions, it is possible to achieve results that point to constructional patterns instantiated by two subschemas, a subscheme of durative pretending, Subj+[V_{rel}]+de+Np/Adjp, a subscheme of punctual pretending, Subj+[V_{rel}]+uma+de+ Np/Adjp, which can be further divided into four micro-constructions, represented as follows: Subj+pagar+de+Np/Adjp; Subj+dar+de+Np/Adjp, Subj+pagar+uma+de+Np/Adjp e Subj+dar+uma+de+Np/Adjp. For this purpose, the *Web Dialects* section of the *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006) database was used.

It is argued that the state pretending constructions belong to the relational constructions network, whose most prototypical members are the state constructions with verbs "ser" and "estar" (*to be* in English) (FERREIRA, 2015). The constructions of pretending of state with "pagar" and "dar" are marginal members of this network, since, while they share certain features with the prototype members, such as relational meaning and condition of the individual's state, they also distance themselves from them by presenting some distinct properties, including agent subject and dysphoric pragmatic nature.

Keywords: Constructional approach; Pretending relational constructions; Hierarchial relationships.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação simbólica entre forma e significado da construção 33
Figura 2 - Dimensões das construções 35
Figura 3 - Construções em diferentes níveis de complexidade e abstração 36
Figura 4 - Conectividade das redes 37
Figura 5 - Relações de herança entre construções 38
Figura 6 - Gradiência de relações hierárquicas entre construções 40
Figura 7 - Rede das construções relacionais de Ferreira (2015) 46
Figura 8 – Proposta de rede das construções relacionais 115
Figura 9 - Rede hierárquica da construção relacional de fingimento 116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultados da primeira etapa de busca 51
Tabela 2 - Resultados da segunda etapa de busca com material interveniente 52
Tabela 3 - *Corpus* de análise 53
Tabela 4 - Tipo de verbo relacional de fingimento 72
Tabela 5 - Presença de material interveniente 73
Tabela 6 - Forma do verbo relacional de fingimento 81
Tabela 7 - Ambiente morfossintático 84
Tabela 8 - Distribuição dos dados em posição de V_2 em perífrases 85
Tabela 09 - Distribuição dos dados em diferentes contextos de subordinação 86
Tabela 10 - Análise cruzada entre ambiente morfossintático e forma do verbo relacional de fingimento 87
Tabela 11 – Análise cruzada entre ambiente morfossintático e material interveniente 88
Tabela 12 - Tipologia morfossintática do predicativo 89
Tabela 13 - Tipologia do SN predicativo 90
Tabela 14 - Tipologia do SAdj predicativo 96
Tabela 15 - Papel semântico do participante sujeito 98
Tabela 16 - Tipologia da entidade representada pelo sujeito 100
Tabela 17 - Grau de animacidade do participante sujeito 101
Tabela 18 - Caracterização semântica do predicativo 103
Tabela 19 - Aspectualidade da construção 107
Tabela 20 - Análise cruzada entre aspectualidade e material interveniente 108
Tabela 21 - Análise cruzada entre aspectualidade e forma do verbo relacional de fingimento 109
Tabela 22 - Natureza pragmática do predicativo 111
Tabela 23 - Análise cruzada entre natureza pragmática do predicativo e material interveniente 112
Tabela 24 - Grau de subjetividade 113
Tabela 25 - Análise cruzada entre grau de subjetividade e material interveniente 114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais categorias das sentenças relacionais 43
Quadro 2 - Perífrases no português 58
Quadro 3 - Entidades semânticas designadas para nomes 62
Quadro 4 - Parâmetros de análise 71
Quadro 5 - Padrão construcional produtivo das microconstruções de fingimento..... 117

APÊNDICE

Apêndice A - Relação dos resultados com a fórmula {pag* de}..... 132
Apêndice B - Relação dos resultados com a fórmula {da* de}..... 133
Apêndice C - Relação dos resultados com a fórmula {pag* [?] de} 134
Apêndice D - Relação dos resultados com a fórmula {da* [?] de} 135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adj	Adjetivo
Cn	Construção
GC	Gramática de Construções
MBUs	Modelos Baseados no Uso
MicroCn	Microconstrução
N	Nome
OD	Objeto Direto
OI	Objeto Indireto
Predt	Predicativo
SAdj	Sintagma Adjetival
SN	Sintagma Nominal
SPrep	Sintagma Preposicionado
S	Substantivo
Suj	Sujeito
V	Verbo
$\mathbf{V_{rel}}$	Verbo relacional
$\mathbf{V_{tr}}$	Verbo transitivo

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 21

SEÇÃO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS 25

1.1 Modelos Baseados no Uso 25

1.1.1 Processos cognitivos de domínio geral 28

1.2 Gramática de Construções 31

1.2.1 O conceito de construção 32

1.2.2 Rede construcional e relações de herança 36

1.3 Propriedades da construção 39

1.3.1 Composicionalidade X Analisabilidade 41

1.4 Construções relacionais 42

SEÇÃO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 48

2.1 Composição do *corpus* 49

2.1.1 Critérios adotados para a coleta dos dados 49

2.2 Critérios de análise 53

2.2.1 Parâmetros relacionados à forma 54

2.2.1.1 Tipo de verbo relacional de fingimento 55

2.2.1.2 Presença de material interveniente 55

2.2.1.3 Forma do verbo relacional de fingimento 56

2.2.1.4 Ambiente morfossintático 57

2.2.1.5 Tipologia morfossintática do predicativo 59

2.2.2 Parâmetros relacionados ao significado 60

2.2.2.1 Papel semântico do participante sujeito 60

2.2.2.2 Tipo de entidade representada pelo participante sujeito 61

2.2.2.3 Grau de animacidade do participante sujeito 63

2.2.2.4 Aspectualidade da construção 64

2.2.2.5 Tipologia semântica do predicativo 65

2.2.2.6 Natureza pragmática do predicativo 68

2.2.2.7 Grau de subjetividade 69

SEÇÃO III - ANÁLISE DE DADOS 72

3.1 Caracterização e descrição das construções relacionais de fingimento .. 72

3.1.1 Presença e ausência de material interveniente 71

3.1.2 Forma finita e não-finita dos verbos 81

3.1.3 Ambiente morfossintático 84

3.1.4 Tipologia morfossintática do predicativo: SN e SAdj 89

3.1.5 Semântica do sujeito: papel semântico, entidade e animacidade 98

3.1.6 Caracterização semântica do predicativo 102

3.1.7 Aspectualidade: durativa e pontual 107

3.1.8 Natureza pragmática do predicativo: eufórico e disfórico 111

3.1.9 Subjetividade da construção 113

3.2 Hierarquia construcional das construções relacionais 115

3.2.1 Rede hierárquica da construção relacional de fingimento 115

3.2.2 Relações de herança na rede 121

CONSIDERAÇÕES FINAIS 126

REFERÊNCIAS 128

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa objetiva oferecer uma descrição de construções relacionais que denotam fingimento de estado. Para tanto, são investigados dois exemplares mais específicos desse tipo de construção: as construções de fingimento com os verbos "pagar" e "dar", exemplificados em (1) abaixo.

(1) a. Ele foi lá e meteu a mão na massa, se der certo deu senão, que se dane. Ele tentou e você o que fez alem de ficar **pagando** de bonzão? (flaviogomes.warmup.com.br)

b. Juro que a carne não queimou, mas o vinho tinto deu uma escurecida geral. E para piorar ainda mais, tentei **dar** uma de chefe e derramar um pouco de molho para incrementar. (diariodeumateimosa.com)

Em (1a), o sujeito da construção *você* se mostra um indivíduo descomprometido com o evento, mas que, ainda assim, fingiu ser *bonzão*. Em (1b), o sujeito da construção, na tentativa de amenizar a aparência da carne, tentou se passar por/agir como uma *chefe* (de cozinha) piorando ainda mais a situação. Percebe-se que em ambos os casos, é atribuído ao participante sujeito características que não lhes são próprias, portanto, em um estado fingido. Nesse sentido, os dados em (1) correspondem a construções relacionais de fingimento e são essencialmente compostas pelos *slots*: (i) sujeito, (ii) verbo relacional, (iii) ausência ou presença de material interveniente e (iv) predicativo. A construção pode ser representada da seguinte maneira:

$$Suj+V_{rel}(+uma)+Predt$$

O *slot* predicativo, no polo do significado, designa um atributo fingido pelo sujeito e que, em termos formais, é codificado como um SPrep, encabeçado por "de", nucleado por um SAdj, como em (1a) *bonzão*, ou por um SN, como em (1b) *chefe*, de natureza atributiva ou identificadora (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). A construção pode, ainda, apresentar um *slot* que admite a inserção de material interveniente, no caso, "uma", conforme visto em (1b).

Para adentrar na descrição do objeto de estudo, parte-se do entendimento de que a língua é polissêmica e, por esse motivo, os verbos podem integrar distintas redes construcionais. É possível perceber isso comparando as construções com "pagar" e "dar", em (1) e em (2).

(2) a. Em transações para o exterior, o valor estipulado é de € 13 milhões, aproximadamente R$ 30 milhões. A multa para negociação com outro time do Brasil é baixa, mas foi estipulada de acordo com que o Flamengo se propôs a **pagar** de salário para ele. (anacaorubronegra.blogspot.com)

b. O senhor tem alguma ideia de quanto o senhor perdeu por causa da salinização? - Só com o abacaxi, eu calculo que a minha perda é de R$ 300 mil. Mas eu também estou tendo de comprar cana para **dar** de ração para o meu gado. E não estou mais conseguindo os 20 kg de queijo que eu produzia todos os dias. (pedlowski.blogspot.com)

Os dados em (2), diferentemente de (1), trazem exemplares de construções ditransitivas com os verbos "pagar" e "dar", isto é, há, ali, um sentido de transferência de um recipiente, a partir de um agente para um paciente, que podem configurar dois padrões sintáticos, segundo Furtado da Cunha (2017, p. 117): "S OI V OD e S V OI OD". Nas construções, em (2), "pagar" e "dar" são concebidos como verbos de transferência, pois um agente (Suj) transfere intencionalmente (V_{tr}/ação verbal) algo paciente (OD) para alguém recipiente (OI). Nos termos de Furtado da Cunha (2017),

> O sentido central da construção ditransitiva no português é, como em inglês (Goldberg 1995:38) e em espanhol (García-Miguel e Comesaña 2004:411), "agente faz com que o recipiente receba o paciente", isto é, o significado de transferência associado a verbos de oferecimento, cujo protótipo é *dar*. (FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 117)

Assumindo a abordagem construcional da gramática (GOLDBERG, 1995; 2006) e tomando, então, construção como pareamento convencional de forma e significado, o ponto de partida, aqui, é compreender que, entre (1) e (2), não são os verbos que mudam de significado, mas que o significado é proveniente da construção; o significado, portanto, não está centrado nos constituintes oracionais, mas na própria construção.

Goldberg (1995; 2006), em suas pesquisas sobre estrutura argumental de construções de movimento causado no inglês, especifica que a sistematicidade gramatical de uma construção é singular e regida pelas suas próprias relações gramaticais, dado que os

argumentos da construção são sancionados pela construção e não pelo verbo. Para Bybee (2016):

> O argumento de Goldberg para especificar as relações gramaticais em termos de construções é que o verbo pode aparecer em um número de construções diferentes, de modo que ele não é o bastante para determinar que argumentos pode ter. Ao contrário, construções contêm o significado que especifica a função dos argumentos em uma oração e eles se combinam com o verbo para determinar o significado de uma oração. (BYBEE, 2016, p. 130)

Este estudo se concentra na descrição e na análise de construções como em (1), construções cujo significado mais geral envolve a designação de um estado fingido por um sujeito. Para tanto, assume-se, como apoio teórico-metodológico, os Modelos Baseados no Uso associadas às ideias de Bybee (2010), no campo da cognição e uso, e à proposta da abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2021). Assim, o objetivo central desta dissertação é compreender, tendo em vista parâmetros formais e funcionais, de que modo se dá o pareamento forma-significado de construções que denotam estado de fingimento com os verbos "pagar" e "dar", investigando quais são os elementos cotejados pela construção, bem como sua estruturação formal e distinções funcionais e/ou significativas.

A partir do objetivo geral, delineam-se os seguintes objetivos específicos em torno ao objeto de estudo: (i) caracterizar suas propriedades construcionais (esquematicidade, produtividade e composicionalidade); (ii) delinear padrões microconstrucionais em que se especificam quais são os tipos de elementos, sintáticos e semânticos, que preenchem os *slots* da construção relacional de fingimento e (iii) determinar as relações hierárquicas das construções em análise e chegar a uma proposta de rede construcional com níveis de abstração.

Acredita-se que as construções com "pagar" e "dar", exemplificadas em (1), pertencem à rede de construções relacionais, conforme caracterizada por Ferreira (2015), cujo trabalho descreve as construções relacionais de estado, com os verbos "ser" e "estar", e as de mudança de estado, com os verbos "ficar", "andar", "viver" e "virar". De acordo com a autora, as construções de estado com "ser" e "estar" são membros prototípicos da rede de construções relacionais, já que atribuem ao sujeito o estado permanente, em (3a), e o estado resultativo, em (3b).

(3) a. Os olhos castanhos **<u>eram</u>** intraduzíveis, sem correspondência com o conjunto do rosto. [*A criada*, Clarice Lispector] (FERREIRA, 2015, p. 34)

b. O menino **estava** morto. [*Natal na barca*, Lygia Fagundes Telles] (FERREIRA, 2015, p. 35)

Parte-se da hipótese de que as construções de fingimento compartilham, além da estrutura formal, similaridades semânticas associadas ao processo relacional, sendo, a mais saliente, a natureza qualificadora de atribuição expressa pelo predicativo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) e, além disso, de que seu posicionamento no interior da rede de construções relacionais seja resultado do pareamento de forma-significado da construção que resulta em um subesquema, no caso, o subesquema de fingimento de estado.

Uma vez apresentado o objeto de estudo e sua problematização, bem como os objetivos que circundam a proposta de análise nesta seção introdutória, esta dissertação está estruturalmente dividida em três seções acrescidas das considerações finais e referências:

(i) a seção I apresenta os pressupostos teóricos nos quais este estudo está assentado, acerca dos Modelos Baseados no Uso e da Gramática de Construções de Goldberg (1995; 2006);

(ii) a seção II traz a metodologia adotada, tanto para a coleta de dados no *corpus*, mais precisamente no *Corpus do Português*, por meio da ferramenta da seção *WebDialetos* (DAVIES; FERREIRA, 2006), quanto a definição de parâmetros de análise;

(iii) a seção III desenvolve a análise dos dados a partir da delimitação de parâmetros de forma e de significado, compreendendo o pareamento forma-significado e as propriedades construcionais da construção aqui focalizada, bem como delineando seus padrões microconstrucionais de modo a se chegar a uma rede hierárquica da construção sob análise;

(iv) por fim, as considerações finais encerram a dissertação apresentando as conclusões da pesquisa, seguidas das referências.

SEÇÃO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esta seção se concentra em apresentar o aporte teórico que norteia este trabalho, no caso os Modelos Baseados no Uso e a Gramática de Construções. A seção também dá um tratamento mais geral em torno aos conceitos de construção, relações de herança e rede, além de definir o que se compreende por *construção relacional*.

1.1 Modelos Baseados no Uso

Este trabalho está assentado nos princípios que subjazem aos Modelos Baseados no Uso (doravante MBU; KEMMER; BARLOW, 2000), concentrando-se mais especificamente na Gramática de Construções de Goldberg (1995; 2003; 2006), num diálogo com a abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2021).

Os MBUs se apoiam em pressupostos que implicam uma concepção construcional de língua, presumindo como essenciais:

(i) a visão da língua como resultado da experiência;
(ii) a construção como unidade básica de análise;
(iii) a organização da gramática em rede;
(iv) os processos cognitivos de domínio geral.

De acordo com essa vertente teórica, a língua é um sistema conceitual corporificado essencialmente baseado na experiência. A proposta é compreender como esse sistema conceitual está organizado, além de mostrar como se ordena a partir de novas estruturas emergentes do uso. Segundo Kemmer e Barlow (2000), alguns princípios basilares regem os pressupostos dos MBUs, tais como:

(i) *íntima relação entre estruturas linguísticas e instâncias de uso na linguagem*: esse é o cerne que orienta toda a proposta dos MBUs, pois o tratamento dado às estruturas linguísticas é de que elas são representadas cognitivamente de

várias maneiras pelo falante, com níveis de abstração e com base na experiência, desde as mais simples até as mais complexas.

(ii) *a importância da frequência:* ao passo que uma construção específica e/ou um padrão passam a ser acionados com frequência, ativa-se o que Bybee (1988; 2010) chama de *entrincheiramento*, isto é, ativa-se a rotinização cognitiva no processamento da unidade.

(iii) *compreensão e produção do sistema linguístico como partes integradas:* compreende-se que não há distinção entre 'desempenho' e 'competência', uma vez que a linguagem apresenta regularidades no processamento cognitivo do falante. Nesse sentido, não há separação entre estrutura da língua e atos de processamento mental.

(iv) *foco no papel da aprendizagem e da experiência na aquisição da linguagem:* rejeitando a ideia inatista de aquisição da linguagem, as instâncias de uso são os principais meios que levam à aquisição da linguagem, ou seja, considera-se que, por meio da experiência, as crianças começam a formular seus enunciados com entradas lexicais simples para só depois formular enunciados mais complexos, a partir da abstração de padrões mais gerais.

(v) *emergência de representações linguísticas:* as unidades linguísticas são entendidas como rotinas cognitivas e, durante o processamento da linguagem, essas rotinas agem como "padrões de ativação" na emergência de novas representações, estando interligados por *links* (nós). As unidades linguísticas não são consideradas como unidades individuais mas, sim, como conectadas a outras unidades e padrões.

(vi) *dados de uso e sua importância:* os modelos aqui abrigados priorizam os usos que os falantes "realmente produzem e compreendem" no ato da interação. Assim, o ideal é que os dados de usos sejam coletados em *corpora* para assegurar os padrões construcionais com fidelidade de contexto.

(vii) *íntima relação entre uso, variação sincrônica e mudança diacrônica:* quanto mais os falantes de um determinado grupo interagem, maior é a previsibilidade de padrões linguísticos semelhantes de variação ocorrerem, isto porque o dinamismo da língua prevê variações e mudanças que podem ser percebidas instantaneamente na sincronia ou mesmo por micropassos/micromudanças que se desdobram ao longo do tempo.

(viii) *interconectividade entre o sistema linguístico e o sistema cognitivo:* o processo de abstração no processamento da linguagem é semelhante a outros de domínio cognitivo; a "estrutura linguística, nessa visão, é um subconjunto de conceitos estruturais" podendo operar de forma integrada.

(ix) *papel crucial do contexto na operacionalização do sistema linguístico:* as representações cognitivas interagem entre si, afinal, ainda que pertençam a domínios diferentes, estão todos interligados cognitivamente pela experiência e contextualizadas a partir de fatores semelhantes.

Todos os pontos supracitados reconhecem a língua – e porque não dizer a gramática – como uma organização conceptual e cognitiva das experiências dos usuários com a linguagem. (BYBEE, 2006; 2010). De acordo com Bybee (2006):

> Uma visão baseada no uso considera a gramática a organização cognitiva de experiência de alguém com a linguagem. Aspectos dessa experiência, por exemplo, a frequência de certas construções ou instâncias particulares de construções, têm um impacto na representação que é evidenciado no conhecimento do falante de frases convencionalizadas na variação e na mudança linguística. Isso demonstra que instâncias particulares de construções podem adquirir suas próprias características pragmáticas, semânticas e fonológicas.[1] (BYBEE, 2006, p. 711, tradução nossa)

Nos moldes dos MBUs, a língua é vista como um sistema adaptativo complexo com estruturas linguísticas emergentes, apresentando variação e gradiência em todos os níveis da gramática (BYBEE, 2010). Embora as línguas apresentem regularidades, elas, por estarem

1 No original: “A usage-based view takes grammar to be the cognitive organization of one's experience with language. Aspects of that experience, for instance, the frequency of use of certain constructions or particular instances of constructions, have an impact on representation that is evidenced in speaker knowledge of conventionalized phrases and in language variation and change. It is shown that particular instances of constructions can acquire their own pragmatic, semantic, and phonological characteristics.” (BYBEE, 2006, p. 711).

em constante uso, estão sujeitas a modificações. Justamente por não se tratar de uma estrutura mental fixa, a língua/gramática não estabelece fronteiras rígidas entre suas categorias e podem caminhar, seja sincrônica ou diacronicamente, em um *continuum* apresentando gradiência entre as categorias e variação, uma vez que "a variação refere-se ao fato de que unidades e estruturas da língua exibem variação no uso sincrônico, normalmente ao longo das trajetórias contínuas de mudança que criam a gradiência". (BYBEE, 2016, p. 18).

Outro ponto muito caro para os MBUs é a distinção de processos cognitivos de domínio geral, descritos a seguir.

1.1.1 Processos cognitivos de domínio geral

A língua é heterogênea e as pressões de uso são geradas, em grande parte, pela criatividade e necessidade de inovação dos usuários (GOLDBERG, 2013), assinalando à língua um caráter não estático (BYBEE, 2010). Assim, a língua consiste em um inventário de padrões pré-estabelecidos na cognição, representado por exemplares dotados de informação intralinguística e extralinguística, e, à medida que se faz necessário, seus usuários acessam tais padrões na formulação de enunciados que atendam a seus propósitos comunicativos.

Compartilhando dos pressupostos da Linguística Cognitiva, Bybee (2010) defende uma relação bastante íntima entre estruturação linguística e processos cognitivos de domínio gerais. Partindo desse entendimento, a linguagem, como parte da cognição humana, pode ser explicada/compreendida a partir de processos cognitivos gerais que subjazem às experiências, situando a linguagem como "umas das formas mais complexas e sistemáticas de comportamento humano" (BYBEE, 2016, p. 25). Os processos operam diretamente na cognição, em domínios tanto intelectuais quanto emocionais, sendo: pensamento, memória, raciocínio, capacidade de compreensão, percepção, atenção e linguagem (SMITH; KOSSLYN, 2008). Aqui, será considerado como esses processos cognitivos de domínio geral atuam especificamente na linguagem, sendo eles os seguintes: categorização, *chunking*, associação transmodal, analogia e memória enriquecida.

A categorização é o processo que age em comunhão com outros processos cognitivos, pois é a partir da capacidade de organizar/classificar diferentes conceitos perceptuais em categorias que outros processos são acionados na mente. Categorização diz respeito à generalização de similaridades a partir de um membro central, associando-se a

membros mais periféricos no compartilhamento dessas similaridades, estando diretamente relacionada à teoria de protótipos. Bybee (2016) defende que, no que compete à linguagem, a categorização se refere ao:

> emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são a base do sistema linguístico, sejam elas unidades sonoras, morfemas, palavras, sintagmas ou construções. Categorização é de domínio geral, no sentido de que as categorias perceptuais de vários tipos são criadas a partir da experiência, independente da língua. (BYBEE, 2016, p. 26)

Para exemplificar, a construção resultativa *drive crazy* (deixar maluco), no inglês, [DRIVE]+X (BOAS, 2003) tem como membro mais central na posição X o adjetivo *crazy*, mas também permite que outros sintagmas ocupem essa posição, como *mad* e *up the wall*, em *drive mad* (deixar louco) e *drive up the wall* (subir pelas paredes). Entende-se que os sintagmas cotejados pela construção na posição X compartilham traços semânticos muito próximos, pois, via categorização, a construção seleciona um exemplar mais central/prototípico, como *crazy*, e permite, por similaridade de propriedades compartilhadas pela categoria, a inserção de outros membros mais distantes/mais marginais.

O *chunking*, por sua vez, consiste em agrupar, no processamento da linguagem, unidades sequenciais simples e que são acionadas juntas, por meio da rotinização, possibilitando a formação de unidades mais complexas e "também é o mecanismo primário que leva à formação de construções e de estrutura de constituinte" (BYBEE, 2016, p. 65). Da sequencialização de unidades linguísticas, emerge um *chunk* que pode apresentar diferentes graus de composicionalidade e analisabilidade, sempre dotado de significado próprio. Retomando a definição de Bybee (2016), é possível definir o *chunking* da seguinte maneira:

> um *chunk* é uma unidade da organização da memória, criado pela união de um conjunto de *chunks* já formados na memória e fundidos em uma unidade maior. *Chunking* implica a capacidade de construir tais estruturas recursivamente, levando, assim, a uma organização hierárquica da memória. *Chunking* parece ser uma propriedade onipresente da memória humana. (BYBBE, 2016, p. 64-65)

A título de demonstração, a construção *bater as botas* é um *chunk* no português do Brasil, pois, devido à repetição de uso em que foi acionada, as unidades que compõem a construção se sequenciaram de tal forma que o significado individual das partes não são mais recuperados e, portanto, suas unidades não denotam o sentido de bater uma bota na

outra, mas, sim, evoca-se outro significado associado à construção, fazendo referência ao evento de *ir à óbito.*

Dentre os processos cognitivos, a memória enriquecida compreende o armazenamento e/ou a estocagem de certas regularidades na mente, ou seja, é a associação de um padrão de uso a outros padrões alicerçados pela experiência. Por exemplo, o padrão ditransitivo requer três argumentos e um dos verbos mais sancionados é o verbo "dar". Assim, em *Eu dei a carta para ele*, o padrão estocado na memória tem a semântica de transferência cujo verbo se associa aos argumentos que seleciona, sendo 'alguém que transfere algo para outro alguém'. Logo, construções como *Ele pagou o salário para a secretária, Nós entregamos o presente ao aniversariante, Eu enviei o e-mail para os alunos* são acionadas a partir do armazenamento do padrão que envolve a semântica de transferência.

Já a analogia promove novos enunciados e padrões construcionais com base em experiências previamente vivenciadas, ou seja, que foram convencionalizados a partir de experiências linguísticas anteriores. Durante a aquisição da linguagem, por exemplo, as crianças constroem padrões de conjugação verbal com base em padrões mais regulares e produtivos, portanto, mais acessíveis a sua realidade: assim, por analogia a *bebeu, correu e comeu*, a criança constrói orações do tipo *Meu sapato não cabeu no meu pé*. O caso de neologismos também é um bom exemplo. Por analogia a substantivos como *paciência* e *carência*, a palavra *sofrência* emergiu como uma condição emocional de um indivíduo que sofre, bem como aquele que é paciente ou aquele que é carente.

Por fim, a associação transmodal é reconhecida como uma habilidade cognitiva que se refere ao fato de que experiências coocorrentes tendem a ser cognitivamente associadas, sendo responsável, no âmbito da linguagem, por fornecer o elo entre forma e significado às construções e pode ser exemplificado com o estudo sobre construções de movimento causado de Furtado da Cunha (2017). Considerando o verbo "colocar" como a palavra verbal mais frequente dessa construção no português, o verbo por si só não reflete nenhum significado, sendo necessário à construção sancionar uma forma que estabeleça um elo com o significado. Assim, o posicionamento sintático dos argumentos verbais cumprem esse papel ao cotejarem um sujeito, um objeto direto e a localização, como em *Coloco os legumes ralados na panela* (FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 114), promovendo a associação das partes na configuração do significado da construção.

Partindo do entendimento de que os processos cognitivos operam em diversos domínios da cognição humana, incluindo a língua/linguagem, chega-se à compreensão de

que as estruturas linguísticas em diferentes níveis de complexidade estão diretamente associadas às experiências de mundo dos falantes. Paradigmas de análise orientados pelos MBUs acreditam que tais processos cognitivos cooperam para uma abordagem mais holística de análise e que novas construções emergem a partir de exemplares específicos de construções já experienciadas e estocadas na memória.

1.2 Gramática de Construções

A maioria dos estudos que adotam a abordagem construcional como perspectiva teórica de análise, assumem a construção como unidade básica de análise. Traugott e Trousdale (2021) situam os seguintes modelos a partir de uma perspectiva construcional: Gramática de Construções de Berkeley (FILLMORE, 1988; FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; FILLMORE; KAY, 1997); Gramática de Construções Baseada no Signo (BOAS; SANG, 2012); Gramática de Construções Cognitiva (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995; 2006; 2013; CROFT; CRUSE, 2004); Gramática Radical de Construções (CROFT, 2001; 2005) e Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987; 1991; 2005). Esses modelos compartilham princípios em comum (a-d) e um deles (e) pela maioria[2], sendo eles:

> a) a unidade básica da gramática é a construção, um pareamento convencional de forma e significado;
> b) a estrutura semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática superficial, sem derivações;
> c) a língua, assim como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e elos entre os nós; as associações entre alguns desses nós tomam a forma de hierarquias de herança (relações taxonômicas que capturam o grau em que propriedades de construção de nível mais baixo são previsíveis a partir de construções mais gerais);
> d) a variação linguística (e dialetal) pode ser explicada de vários modos, incluindo processos cognitivos de domínio geral e construções específicas da língua;
> e) a estrutura da língua é moldada pelo uso da língua.
>
> (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 27-28)

Ao considerar tais princípios como basilares e norteadores, este estudo conjuga a proposta da Gramática de Construções de Goldberg (1995; 2006), doravante GC, aos pressupostos de Bybee (2010) principalmente no que compete aos processos cognitivos de domínio geral e à ideia de *prefab*, além de considerar as premissas de Traugott e Trousdale

[2] A Gramática de construções de Berkeley e a Gramática de construções baseada no signo são unificacionistas, ou seja, seus idealizadores não a consideram um modelo baseado no uso.

(2021) no que compete às propriedades construcionais (esquematicidade, produtividade e composicionalidade) e dimensões das construções.

1.2.1 O conceito de construção

No interior dos MBUs, a construção é entendida como uma "unidade simbólica convencional" (LANGACKER, 1987; CROFT, 2005) e para Traugott e Trousdale (2021) podem ser assim descritas:

> As construções são convencionais porque são compartilhadas por um grupo de falantes. Elas são simbólicas porque são signos, associações tipicamente arbitrárias de forma e significado. E são unidades porque algum aspecto do signo é tão idiossincrático (GOLDBERG, 1995) ou tão frequente (GOLDBERG, 2006) que o signo é fixado [...] na mente do usuário da língua. (TROUGOTT; TROUSDALE, 2021, p.25)

Nesse sentido, o conceito de construção perpassa todos os modelos de análise que se baseiam no uso, assumindo as seguintes características:

(i) constituem um pareamento de forma-significado;
(ii) são abstraídas das experiências comunicativas em instâncias de uso rotinizadas;
(iii) abarcam desde estruturas monomorfêmicas até estruturas complexas.

Pelos preceitos da GC, as construções são dotadas de significado próprio e conceituadas da seguinte maneira:

> C é uma construção se C é um par de forma-significado <F, S,> de modo que algum aspecto de F, ou algum aspecto de S, não seja estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas.[3] (GOLDBERG, 1995, p. 04, tradução nossa)

Croft (2001), em sua Gramática Radical de Construções, apresenta um modelo construcional voltado para a categorização de unidades simbólicas inseridas em construções específicas da língua. Assim posto, a configuração da construção com suas propriedades de forma e significado pauta-se em três aspectos:

[3] No original: "C is a construction iff_{def} C is a form-meaning pair $<F_i, S_i,>$ such that some aspect of F, or some aspect of S, is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions." (GOLDBERG, 1995, p. 04)

(i) não modularidade da língua, ao entender a construção em um *continuum* léxico-gramática;

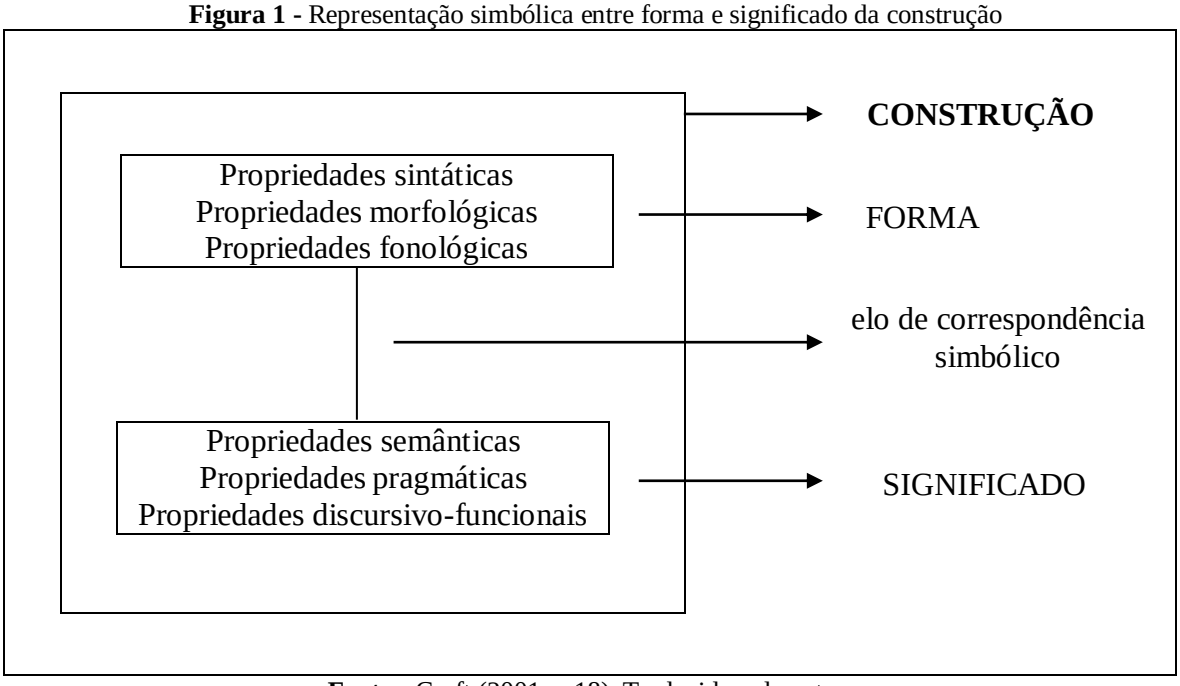
(ii) são unidades básicas de representação gramatical e simbólicas;

(iii) constituem um inventário estruturado e convencional no interior de uma comunidade de fala (CROFT, 2005).

Dessa percepção teórica, emerge o conceito de língua como conjunto esquemático de construções hierarquicamente interconectado em que os componentes de forma e significado se encontram no mesmo plano, havendo um *cline* de estruturas linguísticas que vai do mais geral ao totalmente idiossincrático (específico/particular). Qualquer unidade nesse *cline* deve ser compreendida num mesmo formato, do mais simples, tais como unidades individuais, aos mais complexos, como padrão de transitividade, por exemplo, com diversas sub-regularidades no entremeio. Assim, chega-se ao postulado fundamental do modelo: a não divisão entre léxico e regularidades gramaticais. A construção nada mais é do que uma generalização, que abstrai a partir de instâncias do uso um padrão comum.

A figura a seguir demonstra como os polos da forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e do significado (com propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) se correspondem simbolicamente na configuração da construção.

Figura 1 - Representação simbólica entre forma e significado da construção



Fonte: Croft (2001, p.18). Traduzido pela autora.

No modelo apresentado por Traugott e Trousdale (2021), é apresentado a seguinte representação de construção, corroborando com os pressupostos dos MBUs.

[[F] ↔ [S]]

Os autores consideram [F] o polo da forma representado pelos componentes da sintaxe, morfologia e fonologia e [S] corresponde ao polo do significado especificamente discurso, semântica e pragmática. Nesse sentido, SIN(taxe), MORF(ologia), FON(ologia), DIS(curso), SEM(ântica) e PRAG(mática) são "características da construção" e a flecha de duas cabeças (↔) representa o pareamento de forma e significado (TRAUGOTT; TROUSDALLE, 2021). A visão de Bybee (2010) concorda com a definição de construção apresentada e acrescenta que:

> O significado de uma construção também é representado por um feixe de exemplares que são construídos pelo acesso ao significado dos itens lexicais usados mais o significado total no contexto. (BYBEE, 2016, p. 53)

A representação por um feixe de exemplares leva em conta a complexidade em que as construções são acionadas, uma vez que podem ser definidas como parcialmente esquemáticas, com *slots* de posições abertas ou semifixas, sendo preenchidas por diversos tipos de sintagmas, "Contudo, as construções geralmente têm algumas partes fixas que são cruciais para o estabelecimento do feixe de exemplares" (BYBEE, 2016, p. 53). A autora enfatiza que:

> As construções são particularmente adequadas para modelos que assumem exemplares, já que elas são baseadas na superfície e podem emergir da categorização de enunciados previamente usados. Modelos que consideram exemplares, por sua vez, permitem um tratamento de construções que é essencial para a total compreensão das construções por armazenarem tanto instâncias específicas das construções quanto possibilitarem a abstração de uma representação mais generalizada. (BYBEE, 2016, p. 131)

Consoante à proposta de Bybee (2010), o modelo de Traugott e Trousdale (2021) apresenta aspectos gerais da construção, analisando-a conforme suas dimensões (tamanho, especificidade e conceptualização), em esferas polares e intermediárias, portanto, gradientes. Assim, fica evidente a concepção de construção como unidade básica da língua, propondo um modelo de análise que abarque, inclusive, os diferentes níveis de complexidade e abstração das construções (GOLDBERG, 2013).

A seguir representa-se o modo como Traugott e Trousdale (2021) definem as dimensões das construções.

Figura 2 - Dimensões das construções

Tamanho	**Atômica** cama, -s	**Complexa** pagar mico	**Intermediária** galinha
Especificidade	**Substantiva** casa, -inha	**Esquemática** N, Adj	**Intermediária** Adj + [-mente]
Conceptualização	**Conteudista** cama, N	**Procedural** -s, embora	**Intermediária** $V_{1\ modal} + V_2$

Fonte: Adaptado do original de Traugott e Trousdale (2021, p. 44).[4]

As dimensões das construções são gradientes e dispostas em *cline* sem restrições rígidas entre léxico-gramática e podem ser classificadas no que compete ao:

(i) *tamanho*: voltada ao polo da forma, essa dimensão classifica as construções quanto a extensão da sua estrutura, desde unidades monomorfêmicas (desinência de plural) até unidades mais complexas (expressões idiomáticas), com nível intermediário (derivação por sufixação);

(ii) *especificidade*: também voltada ao polo da forma, essa dimensão caracteriza as construções quanto ao grau de abstração e de generalidade, compreendendo desde construções substantivas à esquemáticas com nível intermediário de abstração;

(iii) *conceptualização*: mais diretamente voltada para o polo do significado, veicula conceitos de representação conceitual, tais como conteudista (material lexical), intermediário (material modal) e procedural (material gramatical).

Goldberg (2013) enfatiza que o principal papel da linguagem é transmitir informação e que as distinções formais são necessárias para atender propósitos comunicativos. Nesse sentido, as construções apresentam diferentes níveis de complexidade e abstração (cf. figura 3, a seguir), validando a capacidade criativa do falante ao afirmar que a "criatividade flui da

[4] Os exemplos apresentados na Figura 3 e na Figura 4 foram substituídos por exemplos do português brasileiro na adaptação dos originais.

generalização de instâncias para formar construções mais abstratas com *slots* abertos" (GOLDBERG, 2013, p. 28).[5]

Figura 3 - Construções em diferentes níveis de complexidade e abstração

Construção	Exemplos
Palavra	William, alguém, amora
Palavra (parcialmente preenchida)	sub- S (sub-humano) Adj -mente (apaixonadamente)
Expressão idiomática (preenchida)	Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
Expressão idiomática (parcialmente preenchida)	[alguém] bater(eu) as botas.
Expressão idiomática: (minimamente preenchida)	jogar(ou) lenha na fogueira.
Construção Ditransitiva: 'S V OD OI' (sem preenchimento)	Ele deu o carro para ela. Eu entreguei o recibo para o gerente.
Passiva: 'S aux V SPrep' (sem preenchimento)	A prestação foi paga pelo proprietário. As flores foram dadas pelo rapaz.

Fonte: Adaptado de Goldberg (2013, p. 17).

As unidades construcionais estão relacionadas com construções gerais que são capturadas e armazenas na cognição humana e ativadas na formulação de novas instâncias de uso. Nossas experiências são corporificadas pela linguagem e refletem muito do nosso conhecimento de mundo. Esse conhecimento passa a ser capturado, inclusive, por associação de redes construcionais.

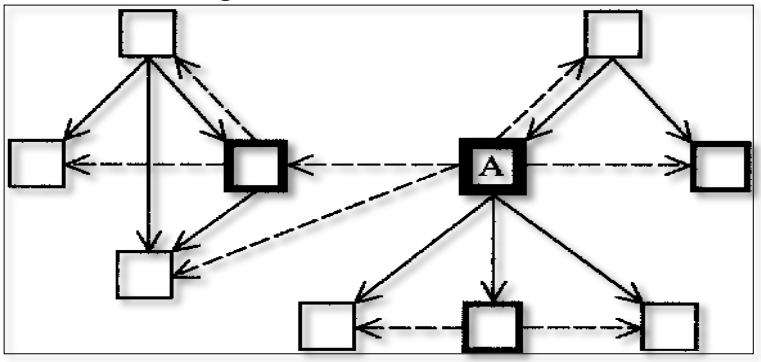
1.2.2 Rede construcional e relações de herança

Assim como outros sistemas cognitivos, a linguagem e a gramática estão organizadas em uma rede de nós interligados por elos e associados a outros nós possíveis por relações de herança (GOLDBERG, 1995), formando um inventário de redes construcionais organizadas hierarquicamente. A rede é multidimensional, conceptualizada analogicamente às redes neuronais, assim, cada nó da rede está ligado a outros por elos em direções múltiplas entre

[5] No original: Creativity steams from generalizing instances to form more abstract constructions with open slots. (GOLDBERG, 2013, p. 28)

funções semântico-pragmáticas, discursivas, morfossintáticas e fonológicas de cada nó. Esses nós são conectados de várias maneiras a outros nós na rede. Langacker (2008) apresenta uma representação de conectividade das redes, conforme a seguir.

Figura 4 - Conectividade das redes



Fonte: Langacker (2008, p. 226).

Cada quadrante representa um nó, ou seja, uma construção pertencente a uma determinada rede que se conecta a outras devido às especificidades compartilhadas a partir de uma unidade mais central/prototípica, conforme ilustrado pelo quadrante 'A', a outras unidades mais marginais/periféricas. Assim, "as construções linguísticas exibem uma estrutura prototípica e formam redes de associações"[6] (GOLDBERG, 1995, p. 5).

Como entidade teórica, a construção representa um esquema abstrato capaz de reunir semelhanças entre unidades da mesma natureza. Generalizações podem ser apreendidas por meio de relações de heranças entre construções, enquanto generalizações mais amplas são capturadas por construções herdadas de outras. Por aí se percebe que padrões mais restritos são captados pela colocação de construções em níveis intermediários da rede hierárquica. Goldberg (1995) estabelece alguns princípios psicológicos que regem a organização linguística de redes construcionais.

I. *O Princípio da Motivação Maximizada:* Se a construção A está relacionada à construção B sintaticamente, então a construção A é *motivada* na medida em que está relacionado à construção B semanticamente.
II. *O Princípio da Não Sinonímia:* Se duas construções são sintaticamente distintas, elas também são semanticamente e/ou pragmaticamente distintas.
Corolário A: Se duas construções são sintaticamente distintas e S(emanticamente) sinônimas, então eles não devem ser P(ragmaticamente) sinônimas.
Corolário B: Se duas construções são sintaticamente distintas e P(ragmaticamente) sinônimas, então eles não devem S(emanticamente) sinônimas.

[6] No original: linguistic constructions display prototype structure and form networks of associations. (GOLDBERG, 1995, p. 5).

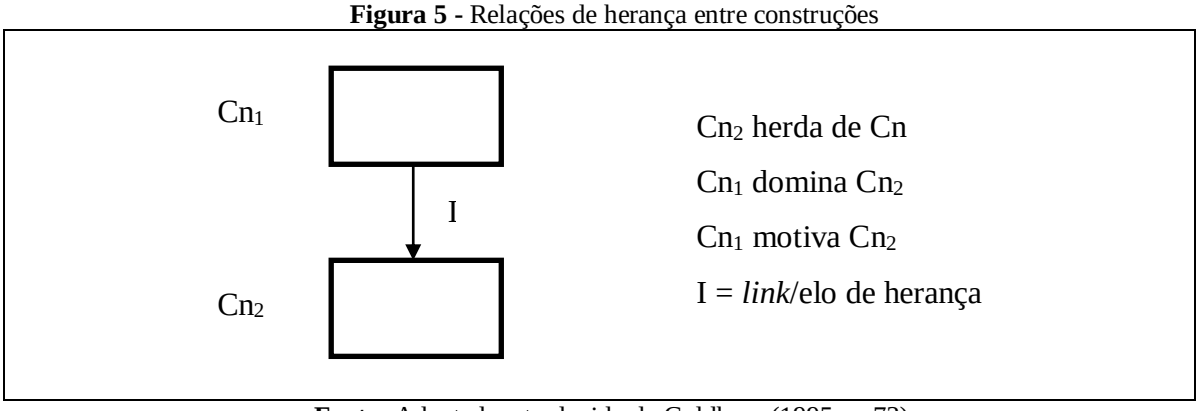
> III. *O Princípio do Poder Expressivo Maximizado:* O inventário de construções é maximizado para fins comunicativos.
> IV. *O Princípio da Economia Maximizada:* O número de construções distintas é maximizado tanto quanto possível, dado o princípio III.[7]
>
> (GOLDBERG, 1995, p. 67-68, tradução nossa)

Esses princípios estão diretamente vinculados com as relações estabelecidas entre as construções em diferentes níveis de generalização, sendo essas relações promovidas por *links*/elos. Nesse sentido, "as relações de herança nos permitem capturar o fato de que duas construções podem ser de alguma maneira semelhantes e, ainda assim, apresentarem distinções." (GOLDBERG, 1995, p. 72). A GC considera dois tipos de *links*/elos: (i) elos de herança e (ii) elos relacionais.

Os elos de herança são de natureza taxonômica e hierárquica, considerando cada construção um nó na rede que herda propriedades estabelecidas pelos nós dominantes e mais generalizados na rede. Assim, os níveis mais baixos herdam propriedades dos níveis mais abstratos e esquemáticos da rede. Pelos pressupostos de Goldberg (1995), a construção Cn_2 herda as propriedades da construção Cn_1, uma vez que Cn_1 possui características dominantes com relação à Cn_2; logo, Cn_1 motiva Cn_2 por meio de *links*/elos de herança.

As relações de herança estabelecidas pela rede construcional podem ser representadas de acordo com a figura a seguir.

Figura 5 - Relações de herança entre construções



Fonte: Adaptado e traduzido de Goldberg (1995, p. 73).

[7] No original: I. The Principle of Maximized Motivation: If construction A is related to construction B syntactically, then the system of construction A is motivated to the degree that it is related to construction B semantically. II. The Principle of No Synonymy: If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically. Corollary A: If two constructions are syntactically distinct and S(emantically)-synonymous, then they must not be P(ragmatically)-synonymous. Corollary B: If two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous. III. The Principle of Maximized Expressive Power: The inventory of constructions is maximized for communicative purposes. IV. The Principle of Maximized Economy: The number of distinct constructions is maximized as much as possible, given Principle III. (GOLDBERG, 1995, p. 67-68)

O elos relacionais são responsáveis pelo estabelecimento de vínculos entre as construções na organização radial da rede, sendo:

(i) *elos de polissemia:* descrevem as relações semânticas entre um exemplar prototípico da construção e suas extensões.

(ii) *elos de subparte*: uma construção se relaciona com outra construção da qual faz parte, mas dotada de independência semântica e sintática.

(iii) *elos de instância*: uma construção é uma instância particular derivada de outra construção.

(iv) *elos de extensão metafórica*: envolvem mapeamento entre domínios conceptuais.

Compartilhando dos pressupostos de Goldberg (1995), Traugott e Trousdale (2021) afirmam que os elos relacionais estabelecem relações entre dois conceitos intimamente ligados às construções como, por exemplo, movimento intransitivo e movimento causado justamente por compartilharem de propriedades específicas servindo de gatilho "um para o outro em uma rede conceitual" (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 120). Bem como, no que diz respeito aos elos de herança, esses "capturam o fato de que todas as informações não conflitantes entre as construções relacionadas são compartilhadas"[8] (GOLDBERG, 1995, p. 74-75) em termos de generalização e abstração.

1.3 Propriedades da construção

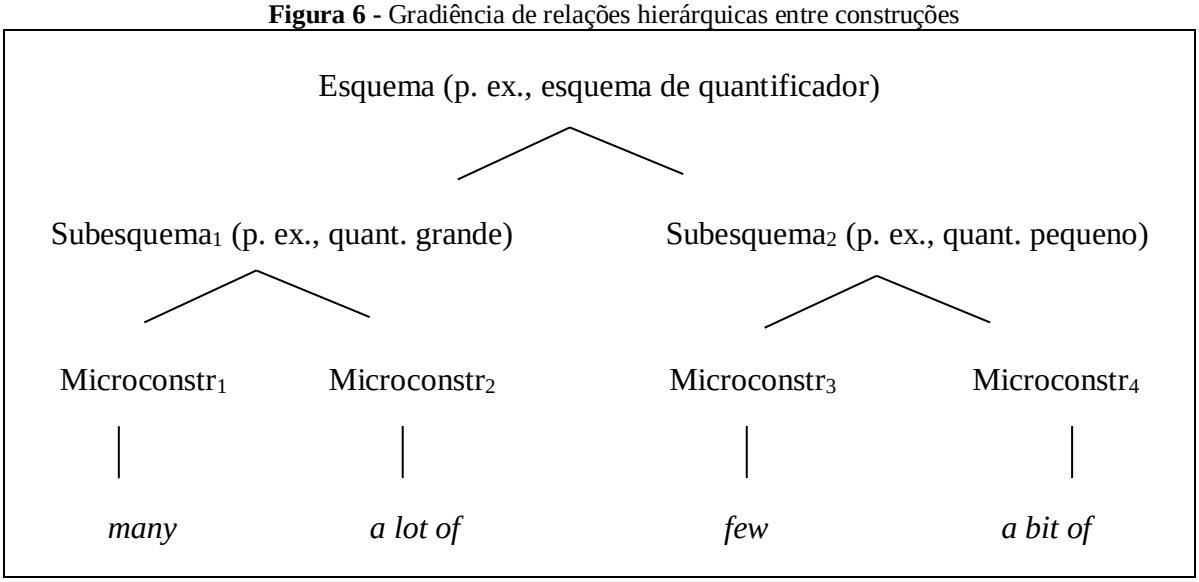
A GC considera que as construções possuem três propriedades gradientes e que são fundamentais para a compreensão das relações hierárquicas e relacionais estabelecidas na rede, sendo elas: esquematicidade, produtividade e composicionalidade (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021).

Entende-se por esquematicidade a propriedade de categorização que envolve abstração, pois um esquema é compreendido como uma generalização taxonômica de

[8] No original: in heritance links capture the fact that all nonconflicting information between two related constructions is shared. (GOLDBERG, 1995, p. 74-75)

categorias, sendo os esquemas linguísticos representações abstratas que se relacionam entre si na rede construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021). Ao considerar a rede, pode-se aferir a esquematicidade como uma propriedade gradiente em termos de distinções hierárquicas. O *esquema* é mais esquemático e, portanto, mais abstrato e se localiza no nível mais alto, enquanto que o *subesquema* se encontra no entremeio da hierarquia construcional. Imediatamente em nível inferior está a *microconstrução,* que é instanciada pelos *constructos* que, por sua vez, são compreendidos como as instanciações efetivas da língua, ou seja, o que de fato os falantes (re)produzem. Os autores apresentam como exemplo a construção de quantificador no inglês para ilustrar as distinções dos níveis esquemáticos e sua gradiência, conforme segue.

Figura 6 - Gradiência de relações hierárquicas entre construções



Fonte: Traugott; Trousdale (2021, p. 50).

Para Traugott e Trousdale (2021), o nível do esquema abarca todos os tipos de quantificadores que, por sua vez, se distinguem no subesquema entre os quantificadores que indicam para grande e os que indicam para pequeno. No último nível estão as microconstruções instanciadas pelos constructos/material linguístico empiricamente atestado pelo uso, p. ex., *many* (muito), *a lot of* (um monte de*), few* (pouco) e *a bit of* (um pouco de).

A produtividade, como uma propriedade gradiente, é relativa aos parâmetros de frequência, tanto em termos do *type* (do pareamento construcional instanciando), quanto em termos do *token* (do uso efetivo, do constructo), ou seja, a frequência *token* da construção se equipara com a frequência *type* evidenciando que ambas são importantes para mensurar o quão produtivo é uma construção (BYBEE, 2003). A produtividade de uma construção pode ser aferida por meio da sua capacidade de extensibilidade, ou seja, em que medida uma

construção é capaz de instanciar novas construções menos esquemáticas e, ainda, quanto a suas restrições esquemáticas na análise de construções que deixam de ser produtivas em decorrência do surgimento de outras construções mais produtivas competindo.

No que compete à composicionalidade, Traugott e Trousdale (2021) relatam que tal propriedade se refere ao grau de transparência entre forma e significado da construção. Assim, assume-se que uma construção é semanticamente composicional quando o significado das partes é recuperado no todo, isto é, a soma dos significados individuais das partes se mostra transparentemente no significado do todo, ao passo que o inverso define a não composicionalidade de uma construção, quando o seu sentido total não decorre de suas partes individuais, mas está, de alguma maneira convecionalizado à construção como um todo. A composicionalidade sintática está relacionada ao nível de integridade morfossintática das partes e deve, portanto, ser pensada em termos de compatibilidade (*match*) e incompatibilidade (*mismatch*) (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021).

> De um ponto de vista construcional, a composicionalidade é melhor pensada em termos de compatibilidade ou não entre aspectos da forma e aspectos do significado [...]. Se um construto é semanticamente composicional, então, contanto que o falante tenha produzido uma sequência sintaticamente convencional, e o ouvinte entende o significado de cada item individual, o ouvinte será capaz de decodificar o significado do todo. Se o construto não é composicional, não haverá compatibilidade entre o significado de elementos individuais e o significado do todo (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 53).

1.3.1 Composicionalidade X Analisabilidade

É válido salientar que construções apresentam vários graus de composicionalidade, a depender do quanto as partes que a compõem estão entrincheiradas, ou ainda, é uma medida que está relacionada ao quanto o significado das partes contribui com o significado do todo.

A composicionalidade é referenciada na literatura construcionista como medida semântica e mensura a previsibilidade das partes que compõem a construção. Por sua vez, a analisabilidade trata do reconhecimento/identificabilidade que o falante tem de cada parte da construção na conceptualização do seu significado.

Nesse sentido, Bybee (2010) afirma que analisabilidade e composicionalidade são parâmetros gradientes e devem ser entendidos, até certo ponto, como parâmetros de análise distintos e independentes, pois uma construção pode apresentar baixa composicionalidade e, ainda assim, suas partes serem reconhecidas individualmente. Um bom exemplo apresentado pela autora para mostrar como as duas medidas são autônomas é a expressão idiomática do

inglês *pull strings* (mexer os pauzinhos) que é parcialmente composicional devido seu caráter metafórico (mexer/arrumar as coisas para que se acertem), mas, também, é analisável porque o falante consegue recuperar o significado de cada uma das partes assim como sua relação com o todo, tudo isso simultaneamente na cognição ao ativar a expressão idiomática.

Igualmente interessante a este estudo, o conceito da *prefab* compreende qualquer unidade linguística/expressão pré-fabricada, ou seja, "qualquer expressão constituída de muitas palavras" (BYBEE, 2016, p. 67) que coatue na composição de *chunks* por meio de associações, uma vez que "cada *prefab* é considerado uma escolha 'única', ou seja, um *chunk* único é acessado como uma unidade do estoque cognitivo". (BYBEE, 2010, p. 103). *Prefabs* não configuram necessariamente unidades com alto grau de entrincheiramento: "são convencionais no sentido de que foram estabelecidos por meio da repetição no uso, mas não precisam ser de alta frequência" (BYBEE, 2010, p. 103) e, para tanto, a seguir, apresenta-se o exemplo de *prefab* no inglês.

(4) I mean I can remember when I was
very young, much + young + er, and I
applied for a job
they said, well, are + n't + you planning to
have children? Well, I mean,
that's none of + their + business. (BYBEE, 2010, p. 60)[9]

Em (4), o dado traz 20 escolhas, 35 palavras e 25 palavras em *prefabs* (sublinhados), de acordo com a autora, sendo esses sintagmas convencionalizados na língua inglesa.

1.4 Construções relacionais

Para tratar de construções relacionais, é interessante partir do entendimento de Halliday e Matthiessen (2004) quanto aos *processos de significado*. O autor reconhece três tipos de processos de acordo com o sistema de transitividade: (i) material, (ii) mental e (iii) relacional. Em suma, os processos estão associados aos constituintes oracionais sendo "categorias semânticas que explicam de maneira mais geral como os fenômenos de nossa

[9] Na obra traduzida para o português: 'Quer dizer, eu posso me lembrar quando eu era/ Muito jovem, muito + jovem, e eu/Me candidatei a um emprego/Eles disseram, bem, você + não + está planejando/Ter filhos? Bem, quer dizer/Isso não é da + conta +deles'. (BYBEE, 2016, p. 103)

experiência do mundo são interpretados como estruturas linguísticas." (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 178).[10]

Particularmente relevante a este estudo, o processo relacional estabelece uma relação de "um fragmento da experiência a outro: este é o mesmo que isso, isso é uma espécie do outro" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 170)[11], na afirmação de que "as propriedades fundamentais das sentenças 'relacionais' derivam da natureza da configuração com 'ser'" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 213)[12].

O processo relacional é reconhecido pela sua função de caracterizar e identificar as experiências linguísticas dos usuários da língua e pode abarcar dois tipos distintos: (i) processo relacional atributivo e (ii) processo relacional identificador. Tais processos compartilham das seguintes categorias: (i) intensivo, (ii) possessivo e (iii) circunstancial.

O quadro a seguir exemplifica as categorias dos processos relacionais atributivos e identificadores.

Quadro 1 - Principais categorias das sentenças relacionais

	Atributivo 'Y está como atributo de X"	**Identificador** 'Y é uma identificação de X"
Intensivo 'X é Y'	*Sarah is wise.* (Sarah é sábia.)	*Sarah is the leader. / The leader is Sara.* (Sarah é a líder. / A líder é Sarah.)
Possessivo 'X tem Y'	*Peter has a piano.* (Peter tem um piano.)	*The piano is Peter's. / Peter's is the piano.* O piano é de Peter. / É de Peter o piano.
Circunstancial 'X está em Y'	*The fair is on a Tuesday.* (A feira é na terça.)	*Tomorrow is the 10th. / The 10th is tomorrow* (Amanhã é dia 10. / O dia 10 é amanhã.)

Fonte: Adaptado e traduzido de Halliday e Matthiessen (2004).

O processo relacional atributivo consiste em relacionar um atributo com propriedades de classe comum a uma entidade que o receberá e, no inglês, a ordem dos constituintes não pode ser alterada, conforme (5), enquanto que no processo relacional identificador uma entidade é prevista a partir de propriedades de uma classe única em termos de outra entidade, além da possibilidade de se alterar a ordenação de constituintes, conforme (6). Observe os exemplos a seguir da categoria dos processos relacionais intensivos:

[10] No original: […] are semantic categories which explain in the most general way how phenomena of our experience of the world are construed as linguistic structures. (HALLIDAY; MATTHISSEN, 2004, p. 178)
[11] No original: [...] one fragment of experience to another: this is the same as that, this is a kind of the other. (HALLIDAY; MATTHISSEN, 2004, p. 170)
[12] No original: The fundamental properties of 'relational' clauses derive from the nature of a configuration of 'being'. (HALLIDAY; MATTHISSEN, 2004, p. 213)

(5) a. *Sarah **is** wise.* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 216)
Sarah é sábia.

b. **Wise **is** Sarah.*
Sábia é Sarah.

(6) a. *Sarah **is** the leader.* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 216)
Sarah é a líder.

b. *The leader **is** Sara.*
A líder é Sarah.

O processo relacional possessivo estabelece uma relação de propriedade/posse entre os participantes da sentença no sentido mais amplo de pertencimento, como "posse de partes do corpo e outras relações parte-todo, contenção, envolvimento e semelhanças [...] além de posse de abstrações." (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 244), sendo assim, compreendida na sua relação com "ser", uma entidade em termos da outra, portanto, com nuanças metafóricas e de extensão, inclusive. Em (7), *eu estava com um dos meninos pela mão* corresponde a possuir metaforicamente *um dos meninos*.

(7) [...] no dia seguinte eu **estava** com um dos meninos pela mão. [*A legião estrangeira*, Clarice Lispector] (FERREIRA, 2015, p. 49)

Outro tipo é o processo relacional circunstancial que estabelece uma relação entre os participantes na atribuição "de tempo, lugar, maneira, causa, acompanhamento, papel, matéria ou ângulo." (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 240). Em (8), as circunstâncias estabelecidas entre os participantes são de atribuições de lugar.

(8) Porque, sempre que a gente olha, o céu **está** em cima, nunca **está** embaixo, nunca **está** de lado. [*Come, meu filho*, Clarice Lispector] (FERREIRA, 2015, p. 49)

No português brasileiro, as construções relacionais envolvem predicações nominais estruturadas por sujeito, verbo relacional e predicativo e foram descritas por Ferreira (2015; 2019), ao considerar, como objeto de análise, construções com os verbos "ser", "estar", "ficar", "andar", "viver" e "virar":

> Os verbos relacionais *ser*, *estar*, *andar* e *viver* são usados para atribuir uma propriedade ou descrever o estado do sujeito, em geral. Já os verbos relacionais *ficar* e *virar* são usados, geralmente, para descrever uma mudança de estado do sujeito. Assim, podemos subdividir a construção relacional em construção de estado e construção de mudança de estado. (FERREIRA, 2015, p. 34)

Em linhas gerais, o pareamento forma-significado das construções relacionais se dá pelo (i) caráter atributivo na relação predicado-sujeito, (ii) *slot* predicativo expresso por *sintagmas adjetivais*, na grande maioria dos casos, (iii) papel semântico do sujeito essencialmente *tema* de um indivíduo com traços [+animados], (iv) ordenação direta dos constituintes e (v) polaridade positiva. Quanto à aspectualidade, as construções com "ser", em (9), são [+permanentes] ao contrário das construções com "estar", em (10), que são [+transitórias], conforme os exemplos a seguir.

(9) Está bem, acredito que **sou** a sua primeira namorada, fico feliz com isso. [*O primeiro beijo*, Clarice Lispector] (FERREIRA, 2015, p. 105)

(10) Mas, Nhô Augusto, não: **estava** deitado na cama, o pior lugar que há para se receber uma surpresa má. [*A hora e vez de Augusto Matraga*, Guimarães Rosa] (FERREIRA, 2015, p. 105)

Os demais verbos estudados por Ferreira (2015) também são cotejados pela construção por exercerem a função relacional e por compartilharem certos traços com o protótipo, porém quanto à aspectualidade, as construções se diferem. Construções com "ficar", com sentido de 'tornar-se', em (11), e as construções com "andar", em (12), apresentam um aspecto [+transitório/-permanente]. Quanto às construções com "viver", em (13), e "virar", em (14), predomina o aspecto [-transitório/+permanente], enquanto que, em construções com "ficar", em (15), no sentido de 'permanecer', o aspecto predominante é o [-transitório/+permanente]. Seguem os exemplos.

(11) A primeira vez que fui a um baile, **fiquei** deslumbrada no meio daquele turbilhão de cavalheiros e damas, que girava em torno de mim sob uma atmosfera de luz, de música, de perfumes. [*Cinco minutos*, José de Alencar] (FERREIRA, 2015, p. 106)

(12) E com alguma apreensão, do ponto-de-vista prático: **ando** agora muito ocupada demais com os meus deveres e prazeres para poder arcar com o peso dessa vida que não conheço, mas cuja tensão evangelical já começo a sentir. [*Encarnação involuntária*, Clarice Lispector] (FERREIRA, 2015, p. 106)

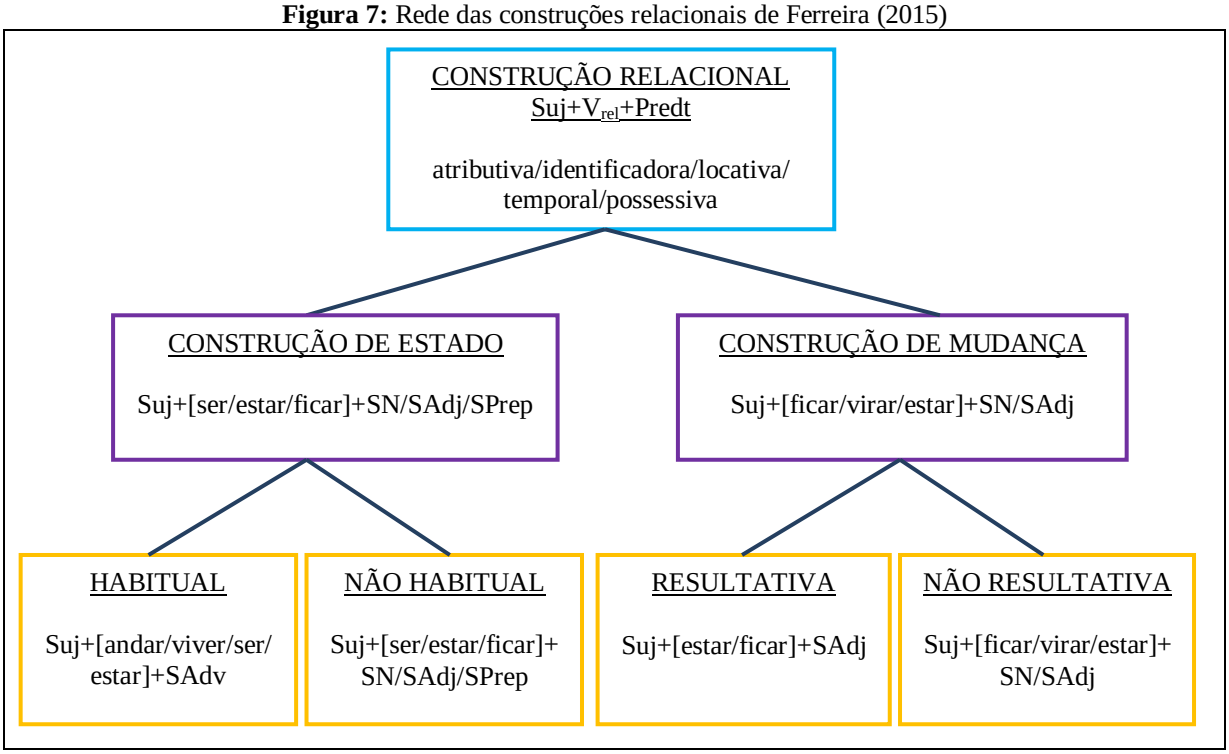
(13) Raquel; não confunda o romance com a vida, ou **viverá** desgraçada... [*Ponto de vista*, Machado de Assis] (FERREIRA, 2015, p. 106)

(14) E o latido **virou** um gemido de sofrimento. [*Que se chama solidão*, Lygia Fagundes Telles] (FERREIRA, 2015, p. 106)

(15) Mocinha **ficou** parada, espreitando. [*O grande passeio*, Clarice Lispector] (FERREIRA, 2015, p. 106)

A proposta de rede descrita por Ferreira (2015) consiste no esquema, mais geral/abstrato, Suj+V_{rel}+Predt pareado ao significado relacional (atributiva/identificadora/locativa/temporal/possessiva) que instancia dois subesquemas: o subesquema Suj+[ser/estar/ficar]+SN/SAdj/SPrep com significado de estado e o subesquema Suj+[ficar/virar/estar]+SN/SAdj com significado de mudança de estado. Microconstruções são instanciadas de cada subesquema, sendo, portanto representadas: microconstrução de estado habitual ↔ Suj+[andar/viver/ser/estar]+SAdv; microconstrução de estado não habitual ↔ Suj+[ser/estar/ficar]+Sn/SAdj/SPrep; microconstrução de mudança resultativa ↔ Suj+[estar/ficar]+SAdj e microconstrução de mudança não resultativa ↔ Suj+[ficar/virar/estar]+SN/SAdj. A representação da rede construcional de Ferreira (2015) segue abaixo.

Figura 7: Rede das construções relacionais de Ferreira (2015)



Fonte: Ferreira (2015).

Corroborando com Halliday e Matthiessen (2004) na sua descrição do processo relacional, Ferreira (2015) conclui que construções com o verbo "ser" e "estar" são prototípicas e apresenta, nos termos da abordagem construcional, a rede hierárquica das construções relacionais e prevê a "a compatibilização de outros verbos, além dos estudados, com a construção relacional e seus subesquemas configuracionais" (FEREIRA, 2015, p. 128).

SEÇÃO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A base analítica deste estudo está assentada em um conjunto de questões, como referencial teórico, metodologia, *corpus* e parâmetros de análise, que serão expostas no decorrer desta seção. Partindo dos pressupostos teórico-metodológicos subjacentes aos MBUs, especificamente as abordagens construcionais de Goldberg (1995; 2003; 2006), de Bybee (2010) e de Traugott e Trousdale (2021), este estudo conjuga as perspectivas qualitativa e quantitativa, também intitulado como método misto em pesquisas linguísticas de cunho construcional (LACERDA, 2016), para proceder com a análise do objeto em questão.

Dessa maneira, é cotejado, para este estudo, um conjunto de parâmetros que permitem analisar as propriedades formais e funcionais da construção sob análise; além de precisar questões relativas a sua composicionalidade, esquematicidade e produtividade.

No que compete às orientações pertinentes ao método qualitativo, essas são definidas a partir de parâmetros estabelecidos pelo pesquisador, em comunhão à base teórica adotada, visando descrever o objeto de análise em seu contexto de uso para que os dados revelem sua natureza de acordo com o objetivo proposto para a pesquisa. Quanto ao método quantitativo, prioriza-se a análise de dados estatísticos para impedir deturpações interpretativas (LACERDA, 2016). Bybee (2016, p. 33) assume que "para uma teoria baseada no uso, estudos quantitativos são extremamente importantes para a compreensão da amplitude da experiência com a língua."

Pesquisas de cunho quantitativo estabelecem critérios equilibrados e coerentes para que a coleta de informações seja confiável, avaliando as amostras por meio de réplicas[13] ao coletar um volume de dados suficiente para a análise (BARBOSA, 2014). Nesse sentido, ao adotar uma metodologia que conjugue as abordagens qualitativas e quantitativas, principalmente em pesquisas norteadas pelos MBUs, o levantamento estatístico proveniente das ocorrências de uso possibilita a descrição de padrões construcionais atestados por frequência. A frequência, então, assume um papel importante ao demonstrar, por exemplo, a emergência de padrões microconstrucionais promovidos e atestados por parâmetros construcionais de esquematicidade e produtividade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021).

[13] Réplica consiste em um volume de informações que abarque critérios de coleta idênticos para que as amostras representem o todo estatístico, tais como, por exemplo, o tamanho das amostras.

2.1 Composição do *corpus*

Para a realização da análise, toma-se para o levantamento dos dados o *Corpus do Português*, especificamente a seção *Web/Dialetos* (DAVIES; FERREIRA, 2006)[14] que possibilita o acesso a mais de um bilhão de palavras de páginas da *internet* com dados escritos na atual sincronia, ou seja, século XXI. A justificativa pela escolha desse banco de dados gira em torno de três pontos:

(i) a possibilidade de se aceder a um conjunto bastante amplo e variado de dados, não ficando a pesquisa restrita a um único gênero textual;

(ii) os dados coletados são dados de uso, pois são retirados de ambientes da *internet*, como *blogs* e *sites* diversos, fruto da interatividade entre usuários e leitores desses ambientes.

(iii) O ambiente virtual é bastante heterogêneo e abarca desde registros mais informais (onde a interação é mais distensa e se acentua pela espontaneidade no uso da língua, estando os usuários mais preocupados com o que dizer do que com o modo como devem dizer) até registros formais, como *sites* de editoriais jornalísticos que tendem a se orientar mais pelas normas que regem a modalidade formal da escrita.

2.1.1 Critérios adotados para a coleta dos dados

Ao optar pelo *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), foi necessário adotar alguns critérios para subsidiar a coleta dos dados:

(i) elaboração de fórmulas de entrada para buscas adequadas, inseridas pela ferramenta 'pesquisar', com propósito de selecionar dados com os verbos "pagar" e dar" antepostos a sintagmas preposicionados introduzidas por "de".

[14] Disponível no *site* http://www.corpusdoportugues.org

(ii) as fórmulas utilizadas podem gerar dados que não correspondam ao estudo, posto isso, selecionar apenas os dados que apresentem estado fingido do sujeito e excluir as demais por não serem pertinentes.

(iii) busca em páginas da *web* do Brasil ao selecionar a ferramenta 'seções'.

(iv) a partir da aplicação das fórmulas e seleção das construções com significado de fingimento, restringir as primeiras 500 (quinhentas) ocorrências de cada busca, como recorte, para se chegar, de fato, a um conjunto de dados relevante.

Uma vez estabelecidos os critérios de busca, a coleta dos dados ocorreu em duas etapas. A primeira etapa consistiu na aplicação das fórmulas {pag* de} e {da* de} e a segunda etapa com aplicação das fórmulas {pag* [?] de} e {da* [?] de}. O símbolo [*] permite a busca dos verbos sob estudo com variadas desinências flexionais[15] e o símbolo [?] viabiliza a inserção de qualquer material interveniente na busca.

A partir dos resultados gerados pelas fórmulas da primeira etapa de coleta, a seleção dos dados se restringiu a usos que correspondessem ao objeto deste estudo, isto é, formas pareadas ao significado de fingimento. Por conseguinte, foram excluídos casos como (16), que não correspondem ao objeto de estudo, e considerados apenas casos como (17). As listas com todos os resultados dessa primeira busca estão disponíveis nos apêndices A e B.

(16) a. Não é de estranhar, assim, que Rubem Braga, em uma prosa feita de simplicidade, de cordura, de contrita devoção diante da maravilha cotidiana, nos venha oferecendo **páginas de generosa poesia**. (almanaque.folha.uol.com.br)

b. No meu primeiro filho, entrei para a sala de parto bastante ansiosa, me bateu um medo **danado de entrar naquele centro cirúrgico tão frio**. (adrenaline.uol.com.br)

(17) a. Na hora H eu perguntei se ele tinha camisinha. Eu não tinha levado, não queria que parecesse que eu estava indo lá para isso. Achei que se eu levasse camisinha ia ficar na cara e eu ia **pagar de oferecida**, revelou a garota. (cmqv.org)

[15] Durante a coleta de dados, foram realizadas buscas com a fórmula {d* de} com a finalidade de obter resultados para flexões verbais como *dei de, dou de, demos de, der de*, entre outros; não se obteve, porém, nenhum dado.

b. Dos países muçulmanos que passei, achei que pouco se fala de quem eles realmente são... não está nos museus, decorações e afins... está tudo nas entrelinhas, no modo de vida e nas mesquitas, você tem que **dar de xereta** para ver o além. (mikix.com)

Dados como (16a) e (16b), gerados a partir da busca pelas fórmulas, não foram considerados por não serem construções que correspondam ao objeto deste estudo, já que configuram sintagmas nucleados por substantivos, como *páginas*, em (16a), e/ou adjetivos, como *danado*, em (16b). A tabela 1 apresenta o quantitativo de dados coletados nesta primeira etapa de composição do *corpus* de análise.

Tabela 1 - Resultados da primeira etapa de busca

Cn de fingimento {pag* de}	Resultados	Cn de fingimento {da* de}	Resultados
pagar de	52	dar de	05
paga de	06	-	-
pago de	01	-	-
pagando de	28	dando de	02
pagam de	03	-	-
pagou de	04	-	-
pagava de	02	dava de	01
paguei de	01	-	-
pagado de	01	-	-
pagarmos de	01	-	-
Total	**99**	**Total**	**08**

Fonte: Elaboração própria com base no Corpus do Português (2006).

Observa-se que, a partir da busca com as fórmulas {pag* de} e {da* de}, foram encontrados 99 (noventa e nove) dados de construções de fingimento com o verbo "pagar" e 08 (oito) dados de construções relacionais de fingimento com o verbo "dar". Pela tabela 1, observa-se a quantidade de ocorrências correspondente a cada forma: não-finita e finita.

A segunda etapa compreendeu buscar dados possíveis com material linguístico interveniente entre os verbos e a preposição "de". As fórmulas utilizadas foram {pag* [?] de} e {da* [?] de} e, assim como na primeira etapa, as fórmulas geraram dados que não correspondem ao objeto de estudo e foram, portanto, excluídos. Para explicitar os resultados

obtidos nessa etapa, exibe-se as ocorrências que contrastam o que foi excluído, em (18), e o que foi selecionado, em (19), a partir das fórmulas. As listas com todos os resultados da segunda etapa de busca se encontram nos apêndices C e D.

(18) a. Ontem o prefeito garantiu o **pagamento mensal de R$ 2 milhões** para as empresas de ônibus. (blog.jornalpequeno.com.br)

b. Fazia faculdade, curso de inglês e francês, dançava em duas companhias de dança e ainda **dava conta de administrar a minha casa**. (apenas1.wordpress.com)

(19) a. A empatia do leitor era fundamental e um dever a ser cumprido. Francis Manapul **pagando uma de Flash** aproveitando-se de sua capacidade visual ímpar... (terrazero.com.br)

b. Bom, eu fui **dar uma de esperto** e na sexta saí para comprar algumas coisas práticas para almoçar... (papodehomem.com.br)

Mais uma vez, dados como em (18), gerados a partir da busca pelas fórmulas, foram excluídos por não serem o objeto deste estudo, pois configuram dados com substantivos, adjetivos ou outros significados dos verbos que não se encaixam no tipo de construção alvo de investigação. Os resultados com material interveniente produtivo para este estudo constam na tabela a seguir.

Tabela 2 - Resultados da segunda etapa de busca com material interveniente

Cn de fingimento {pag* de}	Resultados	Cn de fingimento {da* de}	Resultados
pagar uma de	21	dar uma de	127
paga uma de	03	-	-
pagando uma de	05	dando uma de	352
pagar um de	01	-	-
paga um de	01	-	-
paga muito de	01	-	-
Total	**32**	**Total**	**479**

Fonte: Elaboração própria com base no Corpus do Português (2006).

Apenas duas ocorrências com o artigo "um" se manifestaram no *corpus*, uma na forma finita e uma na forma não-finita (presente do indicativo). Segue exemplo:

(20) Tomara que apodreça na cadeia, quem conhece esse cara aqui em Piracanjuba sabe que ele não vale nada e ainda **paga <u>um</u> de** *playboyzinho*... Tenho dó mesmo é dos pais dele que são pessoas maravilhosas e não merecem passar por uma vergonha dessas... (plantaopolicialcn.com)

Os dados sinalizam uma frequência de uso maior com a presença de material interveniente "uma" em construções que denotam fingimento principalmente para o padrão microconstrucional com "dar", como pode ser visto em (21).

(21) Essa atitude pode apenas atrapalhar uma volta do namoro ou casamento. A mulher também não precisa **dar <u>uma</u> de** 0061utossuficiente ou arrogante, o que somente vai afastar ainda mais a possibilidade de reconquistar um homem. (reconquistar.com.br)

Ao compor o *corpus* de análise a partir das buscas realizadas com as fórmulas {pag*de}, {da*de}, {pag*[?]de} e {da*[?]de}, foram computados todos os resultados em que as construções com "pagar" e "dar" apresentaram significado de fingimento, contabilizando 618 (seiscentos e dezoito) dados, conforme apresentado a seguir.

Tabela 3 - *Corpus* de análise

Fórmulas	Resultados
{pag* de}	99
{da* de}	08
{pag* [?] de}	32
{da* [?] de}	479
Total	**618**

Fonte: Elaboração própria com base no Corpus do Português (2006).

2.2 Critérios de análise

Os parâmetros adotados para a análise dos dados, tantos os formais quanto os de significado, permitem aferir o grau de composicionalidade, de produtividade e de esquematicidade da construção. Nesse sentido, os parâmetros de análise de forma e de significado adotados foram:

(i) tipo de verbo relacional de fingimento;
(ii) presença de material interveniente;
(iii) forma do verbo relacional de fingimento;
(iv) ambiente morfossintático;
(v) tipologia morfossintática do predicativo;
(vi) papel semântico do participante sujeito;
(vii) tipo de entidade representada pelo participante sujeito;
(viii) grau de animacidade do participante sujeito;
(ix) aspectualidade da construção;
(x) tipologia semântica do predicativo;
(xi) natureza pragmática do predicativo e
(xii) grau de subjetividade.

Com a finalidade de garantir precisão nos resultados estatísticos, recorreu-se ao programa de processamento de dados GoldVarb X (SANKOFF, *et al.*, 2005) para o arranjo dos dados coletados associado aos parâmetros de forma e de significado estabelecidos para a análise. Com o auxílio dessa ferramenta, será possível realizar cruzamentos entre os parâmetros com o propósito de estabelecer as características que definem as construções relacionais de fingimento.

2.2.1 Parâmetros relacionados à forma

Segundos preceitos dos MBU, o sistema linguístico é abstraído das experiências dos usuários e as funções comunicativas modelam a forma linguística (KEMMER; BARLOW, 2000). Assim, as estruturas sintáticas são lexicalmente especificadas e não se compreende a gramática sem o léxico, bem como a construção não tem sentido isoladamente de seu contexto de uso. A forma, então, é a materialização codificada da língua sendo responsável por acomodá-la no sistema linguístico. Nesse sentido, adotam-se parâmetros que permitam:

(i) identificar as características morfossintáticas da construção.

(ii) compreender, de acordo com os *slots* da construção, quais são os tipos cotejados no seu preenchimento, para, assim, mensurar, o seu nível de esquematicidade e produtividade.

2.2.1.1 Tipo de verbo relacional de fingimento

Este parâmetro de análise visa distinguir e controlar padrões microconstrucionais da construção em análise. Logo, será feita a distinção dos dados a partir de usos com os seguintes verbos:

(i) pagar
(ii) dar

O parâmetro separa os tipos de verbos que compõem as construções relacionais de fingimento permitindo à análise estabelecer cruzamentos entre parâmetros para detectar quais as similaridades e as distinções em construções de fingimento com os verbos em estudo.

2.2.1.2 Presença de material interveniente

Esse parâmetro tem como objetivo distinguir as ocorrências em que há material interveniente entre o elemento verbal e a preposição "de" e as em que não há. Sua contribuição leva a considerações em torno à composicionalidade, à analisabilidade e à esquematicidade da construção. Conforme exibido na tabela 2, a maior incidência foi com o artigo indefinido "uma".

(22) Sem querer **pagar uma de** erudito e tal, devo dizer que consumo muita, muita literatura. (pipocatv.com.br)

(23) Confesso, já estou **dando uma de** bruxo e prevendo a desgraça de alguns bobos e ingênuos. (leslapins.wordpress.com.)

Pressupõe-se que o elemento interveniente, como parte da construção, colabore para a emergência de padrões microconstrucionais e, nesse sentido, sua presença ou ausência na construção relacional de fingimento possa ser um fator importante para analisar a

esquematicidade, composicionalidade e analisabilidade na rede a que pertencem as construções aqui analisadas.

2.2.1.3 Forma do verbo relacional de fingimento

Este parâmetro investiga o quão produtivas são as construções com "pagar" e "dar" no que compete à frequência *type* e objetiva distinguir as formas nas quais os verbos se apresentam, uma vez que na construção de fingimento os verbos podem ocorrer nas formas:

(i) finita
(ii) não-finita

Entende-se por finita a forma flexionada dos verbos em número, pessoa, tempo, aspecto e modo. Já as formas não-finitas são classificadas como infinitivo (*pagar/dar*), gerúndio (*pagando/dando*) e particípio (*pago, pagado/dado*).

A característica mais central das formas não-finitas é que não marcam noções gramaticais como tempo, modo, aspecto, número, pessoa (não são flexionados) e podem ser caracterizados por sua funcionalidade ora como verbos ora como nomes, por exemplo, substantivos. Estruturalmente, as formas não-finitas ocupam ainda a posição de V_2 em perífrases verbais e podem compor, por exemplo, perífrases aspectuais, modais e temporais a depender do verbo auxiliar em posição de V_1, além de funcionais em orações subordinadas.

(24) **Paga** de solteiro feliz
Mas quando chega em casa, chora
Ele chora, chora. (musixmatch.com.br - Simone & Simaria)

(25) Porque não fazer ou pelo menos tentam, fazer bons artigos como os que você faz, que acrescentam algo as pessoas, em vez de **ficar dando** uma de bebezinhos chorões? (vidarealdasam.com)

Em (24), tem-se o uso *paga* expresso pela forma verbal na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, enquanto, em (25), o uso está expresso na forma não-finita de gerúndio compondo uma perífrase aspectual com o auxiliar 'ficar' em *ficar dando.* Assim, por meio deste parâmetro espera-se compreender o grau de produtividade da construção,

bem como verificar o grau de composicionalidade e analisabilidade como propriedades distintas e gradientes.

2.2.1.4 Ambiente morfossintático

Este parâmetro tem por finalidade verificar quais são os possíveis arranjos oracionais da construção sob estudo, compreendendo os diferentes ambientes morfossintáticos da construção, ao controlar:

(i) oração absoluta;
(ii) V_2 de estruturas perifrásticas e
(iii) contexto de subordinação.

A oração absoluta é composta por um verbo nuclear que caracteriza uma predicação simples (BECHARA, 2009). O propósito é verificar a frequência das construções com "pagar/dar" como verbo principal em oração absoluta, conforme (26):

(26) ... então ele **paga de** transão!? (papodehomem.com.br)

As orações compostas por estruturas perifrásticas em que "pagar/dar" assumem a posição de V_2 levam esse parâmetro a verificar se a construção é produtiva com perífrases verbais de sentido aspectual, temporal ou modal. Quanto à caracterização das perífrases verbais, Basso (2019) esclarece que:

> De modo simplificado, verbos auxiliares e verbos principais aparecem em construções conhecidas como perífrases verbais. Nessas construções, o verbo auxiliar é o elemento que contribui unicamente com informações gramaticais, ao passo que o verbo principal contribui com as informações lexicais. (BASSO, 2019, p. 79)

Para Drzazgowska (2011), o inventário das perífrases no português é caracterizado de acordo com seus auxiliares por serem responsáveis pela marcação de tempo, modo, pessoa e número do verbo em posição de V_2, assumindo uma função que resulta da soma de dois verbos na configuração morfossemântica do predicado. A autora reconhece que "é preciso colocar primeiro a construção num contexto enunciativo para depois analisar os valores que pode exprimir" (DRZAZGOWSKA, 2011, p. 114) e caracteriza as perífrases no

português ao apresentá-las de acordo com algumas formas possíveis, conforme o quadro a seguir:

Quadro 2 - Perífrases no português

	Composição perifrástica: V_1 + V_2
Aspectual	começar a + infinitivo continuar + infinitivo estar + infinitivo/ gerúndio ir + gerúndio/infinitivo vir + gerúndio/infinitivo acabar + infinitivo
Modal	dever + infinitivo ter + infinitivo poder + infinitivo querer + infinitivo
Temporal	haver de + infinitivo ir + infinitivo tempos compostos com auxiliar *ter*

Fonte: Elaboração própria com base em Drzazgowska (2011).

Os dados a seguir demonstram a configuração do *slot* verbal a partir das composições perifrásticas aspectual *estar+gerúndio,* em (27), modal *querer+infinitivo,* em (28), e temporal *ir+infinitivo,* em (29).

(27) O nacionalismo exacerbado e o apartidarismo político são características fascistas. Tem gente com foto de bandeira no perfil do *face* que (*es*)**tá pagando** de fascistinha sem saber. (burgos4patas.blogpot.com)

(28) Eu não **queria dar uma** de professor aqui, mas sou muito mais insistente, meu caro. (veja.abril.com.br)

(29) Mesmo que seja bom escuta-lo dizendo que está linda, não **vai dar** uma de tonta e se arreganhar toda. O certo é receber o elogio como algo natural, dar um sorriso de agradecimento, e só! Não tem nada a ver com frescura, minha filha. (finaerica.com.br)

Já quanto ao contexto de subordinação, Bechara (2009) o define salientando suas marcações morfossintáticas que as diferem das orações absolutas ou independentes.

> Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. (BECHARA, 2000, p. 33)

Nesse sentido, este parâmetro busca mapear em quais ambientes morfossintáticos a construção relacional de fingimento é mais produtiva e frequente a fim de identificar, inclusive, o comportamento estrutural em subordinadas: (i) substantiva reduzida ou desenvolvida, (ii) adverbial reduzida ou desenvolvida ou (ii) adjetiva reduzida ou desenvolvida. Em (30), tem-se uma subordinada reduzida de infinitivo e uma subordinada adjetiva explicativa, em (31):

(30) Porque as pessoas tem tanta necessidade de provar que são melhores que os outros? por isso que o mundo é uma merda! agora a modinha é **pagar** de pseudo-intelectual, e desaprovar a opinião alheia? só uma dica: existem bilhões de pontos de vistas diferentes sobre muitos assuntos, só na China devem haver quase 2 bilhões! (viomundo.com.br)

(31) Ele que **dá** de gostosão vive chorando pelos cantos. (papodehomem.com.br)

Parte-se da ideia de que quanto maior a incidência de construções de fingimento em estruturas distintas, mais produtiva seja e, consequentemente, mais esquemática.

2.2.1.5 Tipologia morfossintática do predicativo

Esse parâmetro objetiva identificar quais tipos morfossintáticos do predicativo são permitidos para designação do estado fingido pelo participante sujeito. Segundo Neves (2011, p. 180), o predicativo do sujeito pode corresponder ao SAdj quando "o adjetivo é núcleo no sintagma verbal e é, portanto, núcleo do predicado", assim como pode ser, também, perfeitamente preenchido por um SN quando "o substantivo funciona como núcleo do sintagma em que ocorre" (NEVES, 2011, p. 71), classificando o predicado como nominal. Verifica-se, então, que o predicativo pode ser nucleado por:

(i) sintagma nominal (SN)

(ii) sintagma adjetival (SAdj)

Esse parâmetro visa compreender os tipos de SN e de SAdj recrutados pela construção, inclusive no derivativo (diminutivo ou aumentativo), entre eles, por exemplo: (i) comum, (ii) derivado, (iii) simples, (iv) próprio, (v) interrogativo, (vi) anafórico e (vii) pátrio, bem como formas mais específicas no preenchimento do *slot* como (viii) expressão idiomática e (ix) internetês.

Considera-se que a construção abriga uma gama de possibilidades na qual o predicativo pode ser expresso, assumindo uma posição aberta e que pode ser preenchida por elementos de natureza morfossintática distintos ampliando a classe hospedeira (HIMMELMANN, 2004) e, consequentemente, a frequência *type*. Logo, pode-se analisar o grau de produtividade das construções com "pagar" e "dar", bem como caracterizá-la de acordo com suas dimensões (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021).

2.2.2 Parâmetros relacionados ao significado

Tão importante quanto identificar quais constituintes compõem a construção é compreender quais são os papéis/funções que cumprem na constituição do seu significado. Assim, os parâmetros aqui descritos tocam o polo de significado a que se pareia uma forma, possibilitando:

(i) auxiliar na descrição dos elementos que constituem a configuração semântica da construção relacional de fingimento.

(ii) analisar o grau de composicionalidade das construções, uma vez que a construção em si seleciona elementos morfossintáticos que desempenham funções semânticas que corroboram com seu significado e, ao mesmo tempo, perceber em que medida tais construção são analisáveis ou não.

(iii) permitir compreender o que leva uma construção de fingimento pertencer à rede das construções relacionais.

2.2.2.1 Papel semântico do participante sujeito

De acordo com Perini (2019, p. 77) "todos os constituintes de uma construção têm papel semântico". No entanto, aqui, serão investigados os papéis semânticos cotejados pela construção voltados para o participante sujeito, tomando como ponto de partida os seguintes papéis, de acordo com Perini (2019):

(i) agente: entidade que participa de um evento;
(ii) experienciador: entidade que experencia um fenômeno interno, seja sensorial ou psicológico;
(iii) paciente: entidade que sofre alterações de estado em decorrência de um evento;
(iv) opinador: agente de uma ação mental;
(v) tema: entidade que se movimenta, seja por vontade própria ou não;
(vi) não se aplica: para possíveis casos com sujeito impessoal nos quais não se empregam papel semântico.

(32) Na rua o barato tá louco, o cara tem que estar se sujeitando a vender droga para a criança pra sobreviver então ficam **pagando** de pcc... coitados vão tentar a sorte, mas rezem pra não cruzar com a PM senão azeda o pé da galinha e aí vocês serão colocados no livro de fortalecimento. (acertodecontas.blog.br)

(33) Sai a essência, entra o significado dos vocábulos. **Dar** uma de Raciocinar (Razão): é conectar (ou desconectar) nomes, definições e proposições em conformidade com as regras. (filosofiabrasilia.com)

Em (32), o sujeito implícito (*eles*) participa e apresenta controle sobre o evento podendo ser classificado como agente, já em (33), o sujeito é impessoal, logo sem função semântica. Quanto aos demais papéis, será averiguado na análise dos dados se os mesmo se aplicam.

2.2.2.2 Tipo de entidade representada pelo participante sujeito

O objetivo deste parâmetro é identificar o tipo de entidade designada pelo sujeito da construção com o intuito de controlar seus traços semânticos. Entende-se que sintagmas nominais possuem o potencial de denominar entidades com potencial de referência dos seres em geral. Segundo Camacho *et al.* (2014), os substantivos denominam tipos de entidades

que podem ser de ordens distintas, além de "possuir significação informacional relacionada à extensionalidade, um substantivo pode atualizar significados que lhe são disponíveis (virtuais) e, assim, permitir acesso à realidade extramental" (CAMACHO *et al*., 2014, p. 09). Segundo os autores, os tipos de entidades são de quatro ordens:

(i) indivíduos
(ii) estado-de-coisas
(iii) proposição
(iv) atos de fala

A ordem de indivíduos é a mais prototípica dos substantivos, pois são perceptivelmente constantes, localizadas no espaço e no tempo e também observáveis. As entidades de segunda ordem designam estados-de-coisas, que são caracterizadas por terem duração temporal limitada. Essas entidades são avaliadas em termos de sua realização, ocorrendo ou não. As entidades de terceira ordem, as proposições, são entidades abstratas, portanto não perceptíveis no espaço e no tempo, podendo ser avaliadas em termos de verdade. As proposições podem manifestar asseveridade, negação, lembrança ou ausência. Já as entidades de quarta ordem, representadas pelos atos de fala, podem ser avaliadas de acordo com o propósito comunicativo em termos de condição de felicidade.

O quadro a seguir ilustra os tipos de entidades semânticas manifestadas pelo participante sujeito expresso na forma de SN.

Quadro 3 - Entidades semânticas designadas para nomes

Ordem	Tipo de entidade	Caracterização	Avaliação quanto à
1ª ordem	**Indivíduos**	pessoas, animais e coisas	existência
2ª ordem	**Estado-de-coisas**	ações, processos, estados e posições	realidade
3ª ordem	**Proposição**	crenças, expectativas e julgamentos	condições de verdade
4ª ordem	**Atos de fala**	declarações, perguntas e exclamações	condições de felicidade

Fonte: Elaboração própria com base em Camacho *et al*. (2014).

Os dados em (34) e (35) exemplificam as propriedades semânticas do participante sujeito expressa por esse parâmetro como entidades indivíduo (*ele*) e estado-de-coisas (*a modinha*), respectivamente.

(34) **A outra** vai pra promover a mentira as intrigas e **pagar** de coitada. realmente se eu pudesse votar nas duas eu votaria. (resumonovelas.com)

(35) Me respondam isso: porque as pessoas tem tanta necessidade de provar que são melhores que os outros? por isso que o mundo é uma merda! Agora **a modinha** é **pagar** de pseudo-intelectual, e desaprovar a opinião alheia? (deluccamartinez.wordpress.com)

Espera-se, com este parâmetro, compreender a semântica que envolve a entidade expressa pelo sujeito da construção, pois se acredita que não seja qualquer entidade, na forma de SN, que possa ocupar essa posição.

2.2.2.3 Grau de animacidade do participante do sujeito

Este parâmetro indica o grau de animacidade das entidades expressas pelo sujeito da construção, com traços [+ humano] ou [- humano] e [+ animado] ou [- animado].

(36) E a **Andressa** é muito barraqueira, e fofoqueira, fica lá **pagando** de Miss bumbum sendo vice, e nem que fosse, grande coisa ser miss bumbum, isso é tudo frescura, a bunda cai, esse povo gosta é de aparecer. (afazenda.r7)

(37) Um milhão e meio de pessoas já assistiram esse vídeo onde **um gatinho** vai **dar** uma de esperto com uma cobra. (petrede.com.br)

Em (36), pode-se observar que o sujeito *Andressa* referencia um sujeito [+ humano/+ animado] enquanto, em (37), *um gatinho* representa um sujeito [- humano/+ animado]. Nesse sentido, este parâmetro adota o seguinte controle:

(i) [+ humano/+ animado]

(ii) [- humano/+ animado]

(iii) [- humano/- animado]

Até este ponto foram apresentados três parâmetros voltados para a semântica da forma que ocupa o *slot* de sujeito para entender as possibilidades e as restrições de preenchimento desse *slot* na construção relacional de fingimento.

2.2.2.4 Aspectualidade da construção

Entende-se que tempo e aspecto estão diretamente relacionados, contudo linguistas que se debruçam sobre esse tema apresentam algumas distinções pertinentes para que se possa entendê-los (CORÔA, 2005). Nos termos de Comrie (1976, p. 03), "aspectos são maneiras diferentes de ver o constituinte temporal interno de uma situação"[16], logo, o tempo é externo a uma situação e o aspecto é mais interno a uma situação.

Ilari e Basso (2014) compreendem que a definição de aspecto "trata-se de relacionar as formas do verbo com 'possíveis perspectivas sobre o processo'" (ILARI; BASSO, 2014, p. 174). As perspectivas sobre o processo compreendidas pelos autores consideram as seguintes opções:

> (i) global/parcial (ou perfectivo/imperfectivo; concluso/inconcluso);
> (ii) perfectivo acabado/perfectivo indeterminado;
> (iii) progressivo/não progressivo. (ILARI; BASSO, 2014, p. 174)

Travaglia (2014, p.43) entende aspecto como "uma categoria verbal de TEMPO" e traz definições relevantes quanto às noções aspectuais. Para o autor, todo evento temporal possui um marco inicial que se estende ao longo do tempo para um fim e são compreendidos por noções semânticas.

> Duração é a primeira noção semântica aspectual. Em oposição à duração temos a não duração ou pontualidade que é o caso da situação cujo início e término ocorrem no mesmo instante ou separados por um lapso de TEMPO curto, de tal forma que a situação é concebida como pontual. (TRAVAGLIA, 2014, p. 46)

Reconhece-se que o conceito de aspecto não seja consensual entre pesquisadores/estudiosos que investigam esse tema cabendo vasta discussão sobre o assunto, mas é pertinente para compreender sua definição quanto ao tempo interno das construções.

Cunha (1975) defende que o valor das perífrases com "andar", "estar" e "ficar" em posição de V_1 implica em aspecto durativo quando acompanhadas de V_2 gerúndio, assim as

[16] No original: aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation. (COMRIE, 1976, p.03)

perífrases com "ir/vir" + V_2 gerúndio (SAID ALI, 1957, p. 183). Já o aspecto pontual expressa um processo momentâneo que não se prolonga no tempo (CUNHA, 1975, p. 436).

Para tanto, este estudo considera como parâmetro de análise o aspecto da construção com o propósito de identificar o que distingue uma construção relacional de fingimento com "pagar" e uma com "dar" no que compete ao constituinte verbal, ao considerar a aspectualidade:

(i) durativa: continuidade do processo ao longo do tempo.

(ii) pontual: processo realizado em um determinado momento, não prolongado.

(38) O único que sempre **tá pagando** de babaca aqui é você, que claramente não tem noção que essas marcações feita sem peixes geralmente servem para um controle da espécie, ou então evolução da mesma... (pipocadebits.com

(39) Você se limitou a **dar** uma de vidente e, sem razão alguma, dizer que eu estou sendo parcial! (desilusao.com)

Em (38), o aspecto durativo é percebido pela perífrase *tá pagando* com a proposição de que o sujeito sempre se posiciona dessa maneira, agindo como uma pessoa desinformada. Já em (39), a construção apresenta um aspecto pontual na configuração de sentido reforçada pela marcação do verbo *limitou* no pretérito perfeito denotando uma situação com início e fim.

2.2.2.5 Tipologia semântica do predicativo

Ao assumir que a tipologia morfossintática do predicativo em construções relacionais de fingimento é essencialmente composta por constituintes expressos por SN e SAdj, faz-se necessário prever parâmetros de análise que mensurem os traços semânticos desses sintagmas. Nos termos de Neves (2011), os substantivos e os adjetivos podem exercer a mesma função com valores semânticos equivalentes.

> Um **substantivo** pode deixar de ser referencial e funcionar como se fosse um **adjetivo**. Ele pode atribuir o conjunto de propriedades que indica, como se fosse uma única propriedade, a um outro **substantivo**, isto é, atuar como **qualificador** ou como **classificador**. Isto ocorre especialmente em função predicativa. (NEVES, 2011, p. 175)

Segundo Neves (2011), pode-se categorizar os adjetivos como classificadores/classificatórios e qualificadores/qualificativos. A autora afirma que os adjetivos classificadores denominam o substantivo e não exercem a função sintática de predicativo e, em termos gerais, compõem sintagmas (i) do tipo preposicionado, de + N, (*de sindicato = sindical*), (ii) com prefixos de valor numérico como, por exemplo, *bilateral*, (iii) derivações de nomes próprios (*shakespeariano*), (iv) com prefixos de força predicativa (*antialérgico*) e, por fim, (v) SAdj com noções adverbiais, seja de delimitação (*literário*), de localização (*interno*), quantidade de tempo decorrido (*milenar*), substituição no tempo (*antigo*) e aspecto (*habitual*). Para Neves (2011), os adjetivos classificadores:

> colocam o **substantivo** em uma subclasse, trazendo em si uma indicação objetiva sobre essa subclasse. Eles constituem, pois, uma verdadeira denominação para a subclasse e, portanto, são **denominativos**, e não **predicativos**, possuindo um caráter não vago. (NEVES, 2011, p. 186)

Quanto à classe dos adjetivos qualificadores, essa sugere atribuir uma propriedade ao substantivo correspondente, mas que não obrigatoriamente faça parte do conjunto das propriedades que o estabeleça, assim podem ser considerados adjetivos predicativos. Essa classe pode expressar valores semânticos que as categoriza em subclasses de (i) modalização epistêmica, tanto de asseveração quanto de eventualidade (*óbvio, possível*), (ii) modalização deôntica (*necessário*) e (iii) de avaliação psicológica, ao "exprimirem propriedades que definem o substantivo na sua relação com o falante" (NEVES, 2011, p. 189) (*bom/atraente*). Neves (2011) especifica que os adjetivos qualificadores:

> indicam, para o substantivo que acompanham, uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que o definem. Diz-se que esses **adjetivos** qualificam o **substantivo**, o que pode implicar uma característica mais, ou menos, subjetiva, mas sempre revestida de certa vaguidade. Essa atribuição de uma propriedade constitui um processo de **predicação**, e, por isso, esses **adjetivos** podem ser considerados de tipo **predicativo**. (NEVES, 2011, p. 184-185)

O caráter vago dos adjetivos qualificadores se dá justamente pela abrangência de propriedades inerentes à qualificação, portanto, são (i) graduáveis, no sentido de abundância de qualidade e (ii) intensificáveis, quando composto, por exemplo, por prefixos intensificadores e sufixos no diminutivo ou aumentativo. Observe os exemplos:

(40) Não tem a capacidade de pesquisar sobre a besteira que fala antes, e ainda quer **pagar** de **espertão**... ignorancia tá legal né? (hipertrofia.org)

(41) No meu aniversário de 7 anos eu quis **dar** uma de **machinho** e gritei pra minha mãe que não queria cantar "Parabéns pra vc". (naosalvo.com.br)

Em (40), o predicativo *espertão* se apresenta no aumentativo sintético com marcação intensificadora em *–ão*. Já, em (41), a construção traz o predicativo *machinho* marcando sua força intensificadora no diminutivo e, em ambos os casos, os adjetivos expressam a qualificação a partir da avaliação do falante.

Castilho (2010) nomeia os adjetivos verificadores como uma classe distinta dos classificadores, com caráter mais restrito a adjetivos pátrio (*português*) e de cor (*roxo*). Essa classe é menos graduável e não cumpre a função predicativa, de acordo com Nhoato (2018).

Cunha e Cintra (2016) afirmam que uma das funções dos adjetivos, além de modificar seres e objetos, é caracterizar "as noções nomeadas pelo substantivo" (CUNHA, CINTRA, 2016, p. 259) e nomeia como adjetivos de estado o SAdj do tipo *casa arruinada* e *laranjeira florida* com a noção de que "a casa se encontra em estado arruinado" e "a laranjeira está em seu estado de flora". Para Nhoato (2018, p. 111), "adjetivos de estado estão associados única e exclusivamente a predicados de referente [...] e admitem a leitura intersectiva [...] para uma entidade de primeira ordem e [...] para uma entidade de segunda ordem". Isso significa que os correspondentes nominais com os quais os adjetivos se associam devem ser da ordem dos indivíduos ou estados-de-coisas (CAMACHO *et al.*, 2014).

(42) Perde-se uma excelente especializada (e as inúteis continuam) e **os funcionários** daquele órgão querem **pagar** uma de **corretinhos** prá cima de policial.... (que não foi lá fazer nada irregular) é na nossa mão que cairão quando as tretas que fazem virem à tona. (flitparalisante.wordpress.com)

(43) Não **sou** o tipo de **dar** uma de **santinha inocente**. Até por que de santa e de inocente eu não tenho nada. (drinfinitoparticular.com)

Em (42), o sujeito de primeira ordem *os funcionários* se associa perfeitamente ao predicativo corretinhos, assim como, em (43), o sujeito implícito *Eu* é uma entidade de primeira ordem compatível com o predicativo *santinha inocente*. Nesse sentido, adotam-se como parâmetro de análise os seguintes tipos semânticos que podem ocupar o *slot* predicativo da construção, com a finalidade de investigar a produtividade *type* dos sintagmas, sendo eles:

(i) classificador
(ii) qualificador
(iii) verificador
(iv) de estado

O propósito de adotar esse parâmetro é motivado pela ideia de que não seja qualquer tipo semântico de SN/SAdj que possa preencher o *slot* predicativo, mas um tipo específico que expresse o estado fingido do sujeito.

2.2.2.6 Natureza pragmática do predicativo

A avaliação do estado fingido pode ser compreendida por aspectos semântico-pragmáticos, seja de avaliação positiva ou negativa, codificadas no predicativo da construção. Neves (2011) pontua que os SAdj podem possuir propriedades intencionais de avaliação que expressam o rol de propriedades que especificam o seu correspondente nominal:

> . Em qualidade: os **adjetivos** são **eufóricos** (de indicação para o positivo, para o bom), **disfóricos** (de indicação para o negativo, para o mau) ou neutros. [...]
> . Em quantidade: os adjetivos são, em princípio, **neutros**. (NEVES, 2011, p. 190)

Em posição predicativa, um SAdj, e, também aqui, SN adjetivados, podem exprimir intencionalidade neutra e, quando há intensificação, exprimem intencionalidade positiva ou negativa, pois, de acordo com Neves (2011, p. 190), "a intensificação frequente implica uma avaliação pessoal."

Tendo em vista tais observações, o predicativo avaliando o seu participante sujeito quanto ao seu estado fingido pode ser classificado, nos termos de Neves (2011), como eufórico na indicação para o positivo, disfórico na indicação para o negativo e neutro. Nesse sentido, adota-se como parâmetro de análise a natureza pragmática do predicativo, sob as formas de SN e de SAdj, como:

(i) eufórico
(ii) disfórico.
(iii) neutro

(44) Enfim, minha opinião sobre isso é que você tá querendo **pagar** de **culto e intelectual**, mas na verdade você tá inventando desculpas para não aproveitar a liberdade e libertinagem que vivemos nesta década (falar deste séculos é generalizar erroneamente). (movimentonn.org)

(45) Menina, não vai **dar** uma de **fracote**, demonstrando que ele te feriu quando foi embora! Lembra que você nem ligou? Então, se pisar na bola e começar com uns papinhos de que ficou dodói, vai colocar tudo a perder. (deiafargnoli.com)

(46) Eu não quero **dar uma** de **nada**. (padom.com.br)

O dado em (44) opina sobre a atitude do interlocutor em querer passar a imagem positiva de alguém *culto e intelectual* diante das possibilidades dispostas em uma sociedade menos conservadora, mas que ainda impõe regras patriarcais, exprimindo ao participante sujeito um caráter pragmático eufórico. Em (45), o falante indaga o sujeito *Menina* ordenando que a mesma não demonstre fraqueza diante do abandono. Nesse caso, o predicativo *fracote* se associa ao participante sujeito correspondente apresentando um caráter pragmático disfórico. Já em (46), o atributo *nada* corresponde a neutralidade pragmática na preservação da face do falante.

Acredita-se que em construções relacionais de fingimento seja mais frequente o caráter disfórico, uma vez que o próprio significado de fingimento aponta para uma postura negativa.

2.2.2.7 Grau de subjetividade

Com base em Traugott (2010), a subjetividade é a manifestação da atitude ou opinião do falante perspectivando sua avaliação e a intersubjetividade parte da marcação da presença e atenção do falante para com seu destinatário. Para Traugott (2010), tanto a subjetividade quanto a intersubjetividade devem ser compreendidas por uma perspectiva sincrônica e codificadas na construção por marcadores que acentuem a atenção do próprio falante.

A autora defende que as marcas/expressões de subjetividade e intersubjetividade carregam um significado semântico ou pragmático cuja função é "indexar a atitude ou ponto de vista do falante (subjetividade) e a atenção do falante à autoimagem do destinatário (intersubjetividade)" (TRAUGOTT, 2010, p. 30). Em contrapartida, a objetividade/não subjetividade se revela quando a óptica do falante não se expressa com clareza e nitidez ou

mesmo quando não está codificada no discurso. Traugott (2010, p. 34) apresenta um *cline* que representa a organização do *continuum* dessas funções pragmáticas da linguagem:

não/menos subjetivo — subjetivo — intersubjetivo

Ao considerar o julgamento do falante enquanto observador/participante da situação, quando a construção se concentra na sua opinião/juízo de valores, delimitou-se, como parâmetro, a análise dos dados quanto ao grau de subjetividade das construções como:

(i) [- subjetivo]
(ii) [+ subjetivo]

(47) **Para mim** isso é enganação porque a fia tá ganhando para falar sobre a promoção e fica **pagando** uma de boazinha com as leitoras: "olhem que bacana!" (blogueirashame.com.br)

(48) Além do que, se não der pra usar as rodinhas, é só colocar nas costas e **dar** uma de mochileira. (garotasestupidas.com.br)

Em (47), a opinião do interlocutor está explicitamente expressa pela marcação *pra mim*, enquanto que em (48) não há nenhum elemento linguístico que sinalize claramente o ponto de vista do falante.

O quadro a seguir apresenta os doze parâmetros adotados para este trabalho os quais serão analisados pela perspectiva construcional e examinados de maneira qualitativa e quantitativa na seção de análise.

Quadro 4 - Parâmetros de análise

1.	**Tipo de verbo relacional de fingimento**	(i) pagar (ii) dar	**Parâmetros de forma**
2.	**Presença de material interveniente**	(i) sim (ii) não	
3.	**Forma do verbo relacional de fingimento**	(i) forma verbal (ii) forma nominal	
4.	**Ambiente morfossintático**	(i) oração absoluta (ii) V_2 de estruturas perifrásticas (iii) contexto de subordinação	
5.	**Tipologia morfossintática do predicativo**	(i) sintagma nominal (SN) (ii) sintagma adjetival (SAdj)	
6.	**Papel semântico do participante sujeito**	(i) agente (ii) experienciador (iii) paciente (iv) opinador (v) tema	**Parâmetros de significado**
7.	**Tipologia da entidade representada pelo participante sujeito**	(i) indivíduo (ii) estado de coisas (iii) proposição (iv) ato de fala	
8.	**Grau de animacidade do participante sujeito**	(i) [+ humano/+ animado] (ii) [- humano/+ animado] (iii) [- humano/- animado]	
9.	**Aspectualidade da construção**	(i) + durativa (ii) + pontual	
10.	**Tipologia semântica do predicativo**	(i) classificador (ii) qualificador (iii) verificador (iv) de estado	
11.	**Natureza pragmática do predicativo**	(i) eufórico (ii) disfórico (iii) neutro	
12.	**Grau de subjetividade**	(i) [- subjetivo] (ii) [+ subjetivo]	

Fonte: Elaboração própria.

SEÇÃO III - ANÁLISE DE DADOS

A descrição e a análise que serão apresentadas nesta seção objetivam compreender de que modo se dá o pareamento de forma-significado das construções sob estudo. A partir daí, assumindo uma metodologia de análise que conjuga as perspectivas qualitativas e quantitativas, procura-se investigar desde aspectos mais gerais, como aspectualidade e subjetividade da construção, até características específicas que permitam à construção cotejar tipos exclusivos de constituintes (caracterizados em termos semântico-pragmáticos e morfossintáticos) no preenchimento de seus *slots*, além de identificar as propriedades construcionais de esquematicidade, de composicionalidade e de produtividade.

3.1 Caracterização e descrição das construções relacionais de fingimento

Com base no *corpus*, a análise toma como ponto de partida a distinção entre construções com "pagar" e construções com "dar". A distribuição dos dados está disposta na tabela a seguir.

Tabela 4 - Tipo de verbo relacional de fingimento

Construções com o verbo	Frequência	Percentual
PAGAR	131	21,2%
DAR	487	78,8%
Total	**618**	**100%**

Fonte: Elaboração própria.

Os dados revelaram maior incidência de usos com o verbo "dar", computando 487 ocorrências, o que corresponde a 78,8%, e 131 ocorrências com "pagar", o equivalente a 21,2%. Serão utilizadas tabelas para demonstrar a frequência *type* de cada verbo de acordo com a análise dos parâmetros adotados.

3.1.1 Presença e ausência de material interveniente

Do total apresentado, é pertinente (i) distinguir os dados de uso com e sem material interveniente entre os verbos e a preposição "de" e (ii) apontar, dentre os dados em que intervém material, qual a forma mais recorrente. A próxima tabela demonstra a frequência desses casos.

Tabela 5 - Presença de material interveniente

Construções com o verbo	**Presença de material**			**Ausência de material**
	Artigo Indefinido Feminino	Artigo Indefinido Masculino	Advérbio	
PAGAR	29/131 22,1%	02/131 1,5%	01/131 0,8%	99/131 75,6%
DAR	479/487 98,4%	-	-	08/487 1,6%

Fonte: Elaboração própria.

A presença de material entre o verbo e a preposição "de" é maior com "dar", constatando a incidência elevada de usos com artigo indefinido "uma" como o único material interveniente no *corpus*, representando 98,4% das ocorrências. Com "pagar", é possível observar como material interveniente, além do artigo "uma", com 22,1% das ocorrências, o artigo indefinido "um", com 1,5%, e o advérbio de intensidade "muito", com 0,8%.

Os dados revelam que o artigo indefinido feminino "uma" é o mais frequente no preenchimento do *slot* localizado entre as partes constitutivas da construção, conforme (49) e (50), respectivamente.

(49) Muitos depois que acordam querem **dar <u>uma</u> de** espertos, mas percebe-se que muitas vezes sua ingenuidade é grande, ele ainda não aprendeu a ser esperto, descolado, popular. (extestemunhasdejeova.net)

(50) Não importa a intenção dele, fato é que ele voltou ao *vamp camp*, libertou os vampiros, salvou Jason e Ginger e, só não libertou os vampiros da sala branca porque Bill teve que **pagar <u>uma</u> de** mártir. Teve que cumprir a profecia. (welovetrueblood,com)

Acredita-se que a distinção entre construções com o artigo indefinido "uma" e construções sem material interveniente esteja associada a traços mais específicos do

significado de fingimento, delineando, assim, padrões microconstrucionais que tornam a construção mais esquemática.[17] Assim sendo, tal questão será discutida ao longo da seção, principalmente, na correlação com outros parâmetros.

O *corpus* também mostra dados de construções com "pagar" em que o artigo indefinido "um" está presente como material interveniente, em (51).

(51) Vou parar por aqui, antes que seja mal-interpretada e pensem que eu odeie ateus por isso. Então, se manisfestar? Pode, claro. O que não pode é querer **pagar <u>um</u> de** c*zão por aí. (maisdeoitomil.wordpress.com)

Contudo, diferentemente de construções com o artigo "uma", construções com o artigo indefinido masculino "um" não são frequentes. O teste de substituição a seguir mostra que o uso do artigo "um" decorre de uma interação com o sujeito, o que não é obrigatório para a construção, pois quando substituído por "uma", em (52a), a construção apresenta sentido semelhante, porém ao substituir o predicativo pela forma no feminino, em (52b), por exemplo, *c*zona*, a construção não apresenta a mesma solidez do *chunk*. O mesmo teste pode ser aplicado com "dar" para comprovação da improdutividade do artigo indefinido masculino "um" em construções de fingimento, em (53a) e (53b).

(52) a. O que não pode é querer **pagar <u>uma</u>** de **<u>c*zão</u>** por aí.

b. O que não pode é querer **pagar <u>um</u>** de **<u>c*zona</u>** por aí.

(53) a. O que não pode é querer **dar <u>uma</u>** de **<u>c*zão</u>** por aí.

b. O que não pode é querer **dar <u>um</u>** de **<u>c*zona</u>** por aí.

O teste de substituição a seguir traz uma construção com sujeito masculino *ele* e material interveniente "uma", em (54a), para demonstrar que o artigo indefinido masculino "um", também pode ser cotejado pela construção independentemente do gênero do sujeito, de acordo com a construção com "dar", em (54b), e a construção com "pagar", em (54c)

(54) a. Crítica fraquíssima. O Sr. Fernando Lugo está **dando uma de** espertalhão. (ordem livre.org)

[17] Análises colostrucionais da construção [X dar uma de Y] consideram "uma" como elemento fixo das variantes de aloconstruções (GOMES; KANTHACK, 2021).

b. Crítica fraquíssima. O Sr. Fernando Lugo está **dando um de** espertalhão.

c. Crítica fraquíssima. O Sr. Fernando Lugo está **pagando um de** espertalhão.

Pode-se visualizar, ainda, como material interveniente possível para a construção de fingimento, a presença do advérbio de intensidade "muito", como em (55a), o que se mostra menos frequente, já que conta com uma ocorrência, apenas com "pagar", correspondendo a 0,8% dos dados.[18] Por analogia a "muito", supõe-se que outros advérbios possam preencher esse *slot* sem descaracterizar o significado de estado fingido da construção, cumprindo apenas a função de modificador verbal, seja em construções com "dar" ou "pagar'. Tal inferência pode ser observada, por exemplo, com a substituição do advérbio de intensidade "muito" por advérbio de afirmação, em (55b), por advérbio de tempo, em (55c), e por advérbio locativo, em (55d).

(55) a. Denise **paga <u>muito</u> de** coitadinha sabendo que todo mundo sabe da vida dela lá fora. (redenoticia.com.br)

b. Denise **paga <u>sim</u> de** coitadinha sabendo que todo mundo sabe da vida dela lá fora.

c. Denise **paga <u>sempre</u> de** coitadinha sabendo que todo mundo sabe da vida dela lá fora.

d. Denise **paga <u>aqui</u> de** coitadinha sabendo que todo mundo sabe da vida dela lá fora.

Usos com advérbio de negação "não" como material interveniente não foram encontradas no *corpus*, mas são perfeitamente possíveis, como pode ser visto em (56a), e mais compatíveis à construção em posição anteposta, conforme os exemplos em (56b), alterando apenas a polaridade da construção para polaridade negativa.

(56) a. Denise **paga <u>não</u> de** coitadinha sabendo que todo mundo sabe da vida dela lá fora.

b. Denise **<u>não</u> paga de** coitadinha sabendo que todo mundo sabe da vida dela lá fora.

[18] Talvez por restrições do *corpus* de análise adotado, não se apresentaram usos com *muito* como material interveniente em construções com *dar*, entretanto usos como [X dar muito de Y] são perfeitamente possíveis na língua.

Fez-se o mesmo teste em construções com "dar", a partir de um dado retirado do *corpus* com material interveniente "uma", em (57a), para atestar a função de modificador que os advérbios cumprem ao se posicionarem entre o verbo e a preposição "de". Utilizaram-se os mesmos advérbios selecionados com "pagar", ou seja, advérbio de intensidade "muito", em (57b), advérbio de afirmação "sim", em (57c), advérbio de tempo "sempre", em (57d), e advérbio locativo "aqui", em (57e).

(57) a. Não quero ser chato, mas mal conhecemos o cara, muito menos a tal garota... Falar pra ele **dar <u>uma</u> de** machão, pode não ser uma boa. (papodehomem.com.br)

b. Não quero ser chato, mas mal conhecemos o cara, muito menos a tal garota... Falar pra ele **dar <u>muito</u> de** machão, pode não ser uma boa.

c. Não quero ser chato, mas mal conhecemos o cara, muito menos a tal garota... falar pra ele **dar <u>sim</u> de** machão, pode não ser uma boa.

d. Não quero ser chato, mas mal conhecemos o cara, muito menos a tal garota... Falar pra ele **dar <u>sempre</u> de** machão, pode não ser uma boa.

e. Não quero ser chato, mas mal conhecemos o cara, muito menos a tal garota... Falar pra ele **dar <u>aqui</u> de** machão, pode não ser uma boa.

O teste também foi aplicado com advérbio de negação, em (58a), e, assim como em (56), construções com material interveniente "não" são mais suscetíveis em posição anteposta alterando apenas a polaridade da construção para negativa, conforme (58b).[19]

(58) a. Não quero ser chato, mas mal conhecemos o cara, muito menos a tal garota... Falar pra ele **dar <u>não</u> uma de** machão, pode não ser uma boa.

b. Não quero ser chato, mas mal conhecemos o cara, muito menos a tal garota... Falar pra ele **<u>não</u> dar uma de** machão, pode não ser uma boa.

Pode-se aplicar um novo teste com o advérbio de tempo "sempre", por exemplo, e com o artigo indefinido "uma" alterando a ordem do constituinte que intervém nas

[19] Construções relacionais de fingimento que apresentam *não* como material interveniente, conforme (56a) e (58a), são menos frequentes, mas melhor compreendidas ao considerar questões prosódicas do enunciado entoacional.

construções com "pagar" e "dar', seja em posição anteposta aos verbos, adjacente ao predicativo ou mesmo mutuamente como material interveniente.

(59) a. Denise **sempre paga de** coitadinha sabendo que todo mundo sabe da vida dela lá fora.

b. Denise **paga de** coitadinha **sempre** sabendo que todo mundo sabe da vida dela lá fora.

(60) a. Não quero ser chato, mas mal conhecemos o cara, muito menos a tal garota... Falar pra ele **sempre dar de** machão, pode não ser uma boa.

b. Não quero ser chato, mas mal conhecemos o cara, muito menos a tal garota... Falar pra ele **dar de** machão **sempre**, pode não ser uma boa.

(61) a. *Denise **uma paga de** coitadinha sabendo que todo mundo sabe da vida dela lá fora.

b. *Denise **paga de** coitadinha **uma** sabendo que todo mundo sabe da vida dela lá fora.

c. Denise **paga sempre uma de** coitadinha sabendo que todo mundo sabe da vida dela lá fora.

(62) a. *Não quero ser chato, mas mal conhecemos o cara, muito menos a tal garota... Falar pra ele **uma dar de** machão, pode não ser uma boa.

b. *Não quero ser chato, mas mal conhecemos o cara, muito menos a tal garota... Falar pra ele **dar de** machão **uma**, pode não ser uma boa.

c. Não quero ser chato, mas mal conhecemos o cara, muito menos a tal garota... Falar pra ele **dar sempre uma de** machão, pode não ser uma boa.

Em (59) e (60), as construções continuam mantendo seu sentido de fingimento, ainda que a ordem dos advérbios seja alterada. Já as construções com "uma", ao sofrerem alteração da ordem de constituinte, em (61a) e (61b), assim como, em (62a) e (62b), mostram-se agramaticais porque o elemento interveniente não pode ocupar outra posição na construção. O advérbio "sempre" continua desempenhando a função de modificador adverbial mesmo com a presença do artigo indefinido "uma", conforme visto, em (61c) e (62c).

Os testes realizados mostram que os advérbios cumprem apenas sua função de modificadores verbais e possuem flexibilidade quanto à ordem no interior da construção, ao contrário do artigo indefinido "uma", que se acomoda exclusivamente ocupando o *slot* interveniente e, quando presente na construção, apresenta traços semânticos que se distinguem das construções sem material interveniente.

Os dados ainda mostram que em construções com "pagar" os usos são mais frequentes com a ausência de material interveniente, conforme (63), com 75,6%, diferentemente de construções com "dar", portanto, menos frequentes, com 1,6% das ocorrências, conforme o exemplo em (64).

(63) Cuidado com suas palavras! Quem começou com as ofensas foi vc, e o histórico do *blog* comprova o que estou dizendo. Pra cima de mim, não, violão! Se não te agrada o que está recebendo, atente-se para o que está emitindo e não venha aqui **pagar de** bom moço, seus *posts* o desmentem! (blogs.jovempan.uol.com.br)

(64) É demais sonhar com um mundo em que nenhum ser humano seja forçado a fazer sexo contra sua vontade? É demais sim, um mundo cheio de mulher que faz cu doce, que provoca para não **dar de** mulheres que NUNCA tomam a iniciativa com boas intenções. (escrevalolaescreva.blogspot.com)

É possível observar, inclusive, que a presença do elemento "uma" entre os verbos e o predicativo auxilia na configuração do aspecto mais pontual das construções, como demonstram os exemplos (65) e (66), o que será abordado de forma mais detalhada na subseção 3.1.7.

(65) Poxa, ler *blog* é legal e tal, mas querer saber que creme a bendita usa, como usa, quanto pagou e onde comprou é puro fanatismo. Temos que apenas aprender, o que nos agrada, o que nos faz feliz, sem o menor medo de **pagar uma de** cafona por que antes cafona com estilo que maria vai com as outras fashionistas. (myotherbagischanel.com)

(66) Eu é que tenho pavor de **dar uma de** psicóloga, mas às vezes acabo respondendo as coisas do ponto de vista profissional mesmo. (meiasparavivermelhor.blogspot.com)

Para compreender o que permite à construção em análise apresentar *slots* abertos que atraem tipos específicos de material interveniente, de sujeito, de verbo e predicativo e, ainda assim, impor restrições no seu preenchimento, é necessário considerar:

(i) *chunking* como processo cognitivo.

(ii) analisabilidade e composicionalidade enquanto propriedades gradientes.

Assume-se que as construções são processadas cognitivamente pelo *chunking*, uma vez que esse processo é "a base cognitiva subjacente para a morfossintaxe e sua organização hierárquica" (BYBEE, 2016, p. 64), sendo acionado principalmente pela experiência da repetição. Ao olhar para os dados, verifica-se que a inserção de "uma" é altamente produtiva em construções de fingimento com "dar", apresentando a porcentagem de 98,4%. Já em construções de fingimento com "pagar", a intervenção do elemento interveniente "uma" se mostra menos frequente, com 22,1%, sendo essa questão, portanto, entendida em termos de produtividade das construções relacionais de fingimento.

Em termos de analisabilidade e composicionalidade, essas são entendidas como medidas independentes e gradientes (BYBEE, 2010). A autora defende que a analisabilidade, consiste no quanto as partes da construção são identificáveis individualmente, enquanto que a composicionalidade consiste no grau de transparência das partes na configuração do significado do todo na em que medida são reconhecidas pelo falante na composição do *chunk*. Bybee (2010), em diálogo com as pesquisas de Hay (2001; 2002), afirma que a analisabilidade e a composicionalidade de um *chunk* estão diretamente relacionadas à frequência de uso.

> [...] a analisabilidade e a composicionalidade são afetadas pelo uso da língua: quanto mais uma sequência de morfemas ou palavras é usada junta, mais forte a sequência se torna como uma unidade e será menos associada a suas partes componentes. (BYBEE, 2016, p. 84)

De acordo com o que foi apresentado até aqui, a possibilidade de inserção de diferentes elementos intervenientes demonstra alto grau de analisabilidade da construção, pois (i) ainda se permite modificação adverbial do verbo, ou seja, "pagar" e "dar" continuam, dada a possibilidade de modificação, sendo reconhecidos pelo falante como palavra verbal, e (ii) a presença do artigo indefinido "uma" revela que não há fixação de forma, isto é, a construção não sofreu reanálise de suas fronteiras morfossintáticas, principalmente no que toca à contiguidade entre verbo e preposição "de".

Contudo, em termos de composicionalidade, a construção de fingimento só denota o significado de estado fingido porque a sequência de constituintes foi acionada várias vezes, por repetição, pelos usuários da língua formando um *chunk*. Para compreender a

composicionalidade, é importante reconhecer a transparência das partes que compõem a construção e, para tanto, toma-se o seguinte exemplo:[20]

(67) a. Faz bastante tempo que ela devia na loja, acho que tinha esquecido. Eu tinha vergonha de cobrar justamente por ela ser amiga da família, mas chegou uma hora que precisei tomar coragem. Fui com jeitinho e cobrei a notinha. Ela **pagou** de boa.

Suj	V	ADJ. ADVERBIAL
AGENTE	Vtr	MODIFICADOR

b. Chegou na festa e deu em cima de todos como se fosse a pessoa mais importante e legal do mundo, só que todos sabem que ela não é nada disso. Ela **pagou** de boa.

Suj	V	Predt
AGENTE	Vrel	ATRIBUTO

O significado da construção é reconhecido diante do contexto, isso porque não fica claro se *ela pagou algo de modo tranquilo* ou se *ela se fingiu de boa* (algo que não é). Diante do tipo de construção, a preposição "de" e o adjetivo "boa" formam uma *prefab* com função de modificador adverbial em construções como (67a), enquanto que, em construções como (67b), a *prefab* é composta por *pagar de*. Essa discussão leva ao entendimento de que construções do tipo (67b) são menos composicionais do que construções do tipo (67a).

Ainda, no que compete à composicionalidade, pode-se observar as construções ditransitivas abaixo, em (68).

(68) a. Quanto ele **pagou** de pensão?

b. Quanto ele **deu** de gorjeta?

As duas construções denotam significado de transferência monetária, em (68a), com sentido de 'pagamento obrigatório', sendo composicional na medida em que se consegue perceber a transparência e a previsibilidade de significado entre as partes constituintes da construção, assim como, em (68b), com sentido de 'entrega voluntária', também composicional, ainda que apresente um sentido metafórico que não está atrelado ao sentido de saldação de dívida. Nos termos de Furtado da Cunha (2017, p, 118), a construção

[20] Os exemplos em (67) e (68) foram elaborados pela autora, portanto, não foram retirados do *Corpus do Português.*

ditransitiva pode promover "usos metafóricos, desde que o sentido central de transferência entre um agente intencional e um recipiente 'acolhedor/receptivo' se mantenha".

Nesse sentido, pode-se compreender que as construções, em geral, podem apresentar graus distintos de composicionalidade, pois é uma propriedade construcional gradiente afetada pelo uso que se desenvolve pela frequência em que um exemplar é acionado repetidamente.

3.1.2 Forma finita e não-finita dos verbos

No que compete à forma em que os verbos se apresentam na construção, pode-se visualizar, com a tabela 6, que os dados gerados pela busca no *corpus* apresentam "pagar" nas três formas não-finitas – infinitivo, gerúndio e particípio – e em três formas finitas do modo indicativo – presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito, enquanto que "dar' aparece apenas nas formas não-finitas de infinitivo e gerúndio e na forma finita do pretérito imperfeito do indicativo.

Tabela 6 - Forma do verbo relacional de fingimento

Construções com o verbo	**Forma não-finita**			**Forma finita (modo indicativo)**		
	Infinitivo	Gerúndio	Particípio	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito
PAGAR	73/131 55,7%	33/131 25,2%	01/131 0,8%	17/131 13%	05/131 3,8%	02/131 1,5%
DAR	356/487 73,1%	130/487 26,7%	-	-	-	01/487 0,2%

Fonte: Elaboração própria.

Tais informações levam ao entendimento de que é possível em construções relacionais de fingimento com "pagar" e "dar" que a palavra verbal se apresente em formas distintas, de acordo com os exemplos de (69) a (77) :

(69) Não vai faltar gente querendo aparecer e **pagar** de moderno e rico com um desses, igual ao que rola com os *smarts*. Mas o da Sony não é caro, esse tipo de produto não

tem pq custar mais que 250 só a Apple que é metida e vai meter a faca. (adrenaline.uol.com.br)

(70) Esse negocio de vestir de operações especiais e por arma na cintura e sair para a rua **pagando** de bichão não esta com nada, o que manda e ter treinamento constante e aparecer quando for o momento. (universopolicial.com)

(71) De agora em diante, a assessoria de imprensa de REYNALDO GIANECCHINI está repleta de trabalho. De acordo com o R7, depois de ter **pagado** de antipático em um evento, o galã da Globo não quis ser fotografado no Rock in Rio. (otempo.com.br)

(72) No mundo de frente, ladrão rouba pra comer e outros **pagam de** bandido só para o ibope crescer. (vagalume.com.br)

(73) Quem **pagou** de bonzão primeiramente foi você, não me venha com falsas humildades. (ceticismoaberto.com)

(74) Você me fazia surtar da pior maneira, e eu boba, **pagava** de louca ao seu bel prazer. Mas chega! (ahoradevirarborboleta.blogspot.com)

(75) O Pânico sempre gostou de **dar** de Esperto em questões publicitárias, agora pagam com a mesma moeda. (brejas.com.br)

(76) O tucano de Colatina, ao jornal A Tribuna (31/07), afirmou desconhecer o flerte entre os dois partidos, **dando** de desentendido. (seculodiario.com.br)

(77) Pedro tem seu reflexo contrário em Laudelim Pulgapé (Pedro tem a alcunha de Pê-boi e Laudelim, de Pulgapé: um boi, o outro pulga), que, ao contrário de Pedro (que rastreia a terra, o corpo, o sensível), **dava** de com os olhos não ver, ouvido não escutar, e se despreparava todo, nuvejava. (ROSA, 2001a, p.87). (mafua.ufsc.br)

Os usos, em (69) e (75), representam a forma mais frequente encontrada no *corpus*, sob a forma não-finita no infinitivo, com 55,7% em construções com "pagar" e 73,1% em construções dom "dar", seguidas da forma não-finita de gerúndio, com 25,2% em construções com "pagar" e 26,7% em construções com "dar", conforme visto em (70) e (76). Os números levam a compreender que a construção é muito produtiva com formas não-finitas de infinitivo e gerúndio e apontam para qual ambiente morfossintático se desenvolvem mais produtivamente (perífrases e subordinadas reduzidas), definindo os padrões de uso em que ocorrem as construções relacionais de fingimento.

Para que se comprove esse tipo de resultado, será realizado o cruzamento entre parâmetros, como ambiente morfossintático e aspectualidade, nas subseções 3.1.3 e 3.1.7, respectivamente.

É válido pontuar que as construções podem ser expressas sob outras formas verbais, ainda que o *corpus* não tenha apresentado tais dados. Contudo, se for levado em conta usos com outras formas, finitas e não-finitas, percebe-se que o que houve foi uma restrição do sistema que coletou os dados e não da gramática, conforme os exemplos a seguir:

(78) a. Tem uns meninos que **pagam** de idiota, e por mais boa que seja a cantada, a gente sai fora. (be2.com.br)

b. Se os meninos **pagassem** de idiota, e por mais boa que fosse a cantada, a gente ia sair fora.

c. Eu **pagaria** de idiota, e por mais boa que fosse a cantada, ela sairia fora.

d. Tem um menino que **pagará de** idiota, e por mais boa que for a cantada, a gente vai sair fora.

(79) a. Dessa vez, resolvi **dar** uma de madura, bem resolvida, e assumi meu sentimento me declarei e me estrepei. (felipedamo.wordpress.com)

b. Dessa vez, **dei** uma de madura, bem resolvida, e assumi meu sentimento, me declarei e me estrepei.

c. Dessa vez, por ter **dado** uma de madura, bem resolvida, e assumir meu sentimento, me declarei e me estrepei.

d. Dessa vez, **deem** uma de maduras, bem resolvidas, e assumam seus sentimentos, se declarem e se estrepem.

Os dados acima mostraram que as construções são gramaticalmente possíveis com os verbos no modo subjuntivo, em (78b), no futuro do pretérito na primeira pessoa do singular, em (78c), no futuro do presente na terceira pessoa do singular, em (78d), no pretérito perfeito com o verbo "dar", em (79b), na forma não-finita de particípio, em (79c), e no imperativo afirmativo com terceira pessoa do plural, em (79d). O fato de os verbos "pagar" e "dar" poder se flexionar em tempo-modo e número-pessoa revela que, em termos de analisabilidade, a construção é altamente analisável, pois ainda se percebe o constituinte como a palavra verbal da construção.

No entanto, para que se dê continuidade com a caracterização da construção, este estudo se valerá dos dados selecionados pelo *corpus*, pois o fato de, no *corpus*, não se encontrar os verbos em determinadas flexões, mas sim em flexões específicas (como pretérito imperfeito e presente, por exemplo), revela muito sobre padrões de uso condicionadas a contextos de marcação de algum significado.

3.1.3 Ambiente morfossintático

A tabela a seguir ilustra a distribuição dos dados de acordo com o parâmetro que verifica o ambiente morfossintático das construções em análise.

Tabela 7 - Ambiente morfossintático

Construções com o verbo	Oração Absoluta	V_2 de Perífrase Verbal	Contexto de Subordinação
PAGAR	28/131 21,4%	61/131 46,5%	42/131 32,1%
DAR	56/487 11,5%	252/487 51,7%	179/487 36,8%

Fonte: Elaboração própria.

Para as construções com "pagar" e "dar", predominam os usos nos quais esses verbos funcionam como V_2 de perífrases verbais, com 46,5% de construções com "pagar" e 51,7% de construções com "dar". Os dados também são produtivos em contextos de subordinação, seja em orações reduzidas ou desenvolvidas com 32,1% de construções com "pagar" e 36,8% de construções com "dar" e em orações absolutas, com 21,4% de construções com "pagar" e 11,5% de construções com "dar".

As ocorrências a seguir, exemplificam construções em contextos de subordinação com "pagar", em (80a), e com "dar", em (80b).

(80) a. O problema é alguém simpatizante de governos autoritários **pagar de** democrata de forma hipócrita. (blogs.lancenet.com.br)

b. Esse submundo dos homens depressivos e frustrados é a maioria deles e mesmo assim eles insistem em **dar uma de** homens fodões. (vidaruimdepobre.blogspot.com)

A tabela 8 mostra que foram encontradas no *corpus* construções de fingimento com os verbos "pagar" e "dar" em posição V_2 de perífrases verbais, sendo as mais frequentes: perífrase aspectual, perífrase modal e perífrase temporal.

Tabela 8 - Distribuição dos dados em posição de V_2 em perífrases

Construções com o verbo	**V_2 de Perífrase Verbal**		
	Aspectual	Modal	Temporal
PAGAR	20/61 32,8%	28/61 45,9%	13/61 21,3%
DAR	60/252 23,8%	132/252 52,4%	60/252 23,8%

Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se que, em construções com "pagar" e "dar", os percentuais são mais elevados e, portanto, os usos são mais frequentes, com perífrases modais, em (82), mas também produtivos com perífrases aspectuais e temporais, cujos exemplos estão em (81) e em (83).

(81) a. Denise tem que sair pq ela não fazia nada na casa e agora que **está pagando** uma de dona de casa, fala de coisas de fora da Andressa como se ela pudesse falar algo sobre ela. (vejasp.abril.com.br)

b. A reação mais comum é: "COMO ASSIM NÃO FALA NO TELEFONE?", como se eu **estivesse dando** uma de diva. (cronicasdasurdez.com)

(82) a. Só **quis pagar** uma de bonzão. Sendo que as histórias dele são malucas... (batmanguide.wordpress.com)

b. Muitos depois que acordam **querem dar** uma de espertos, mas percebe-se que muitas vezes sua ingenuidade é grande, ele ainda não aprendeu a ser esperto, descolado, popular. (extestemunhasdejeova.net)

(83) a. **Vai pagar** de santa agora e dizer que não retribuiu o beijo? (fanficobsession.com.br)

b. Estamos em um relacionamento a 7 anos, três morando juntos, agora **vou dar** uma de detetive particular, descobrir e aprender com isso sofrendo muito. (canal.bufalo.info)

De acordo com o ambiente morfossintático, as construções mais frequentes no *corpus* são as que apresentam "pagar" e "dar" em posição de V_2 em perífrases modais, sendo com "pagar" 45,9% e com "dar" 52,4% dos dados em relação ao total de perífrases. Observando os dados, constata-se que nessas construções a posição de V_1 nas perífrases é ocupada essencialmente pelo verbo "querer", em (82a), *quis pagar uma de bonzão* e, em (82b), *querem dar uma de espertos*, reforçando a vontade/intenção do sujeito em estabelecer um estado fingido.

A próxima tabela traz os resultados obtidos com os verbos "pagar" e "dar" em contextos de subordinação, seja com oração desenvolvida ou reduzida.

Tabela 9 - Distribuição dos dados em diferentes contextos de subordinação

Construções com o verbo	**Contexto de Subordinação**	
	Oração Desenvolvida	Oração Reduzida
PAGAR	06/42 14,3%	36/42 85,7%
DAR	02/179 1,1%	177/179 98,9%

Fonte: Elaboração própria.

Ao verificar os variados ambientes morfossintáticos em que as construções relacionais de fingimento podem ocorrer, depreende-se que as construções apresentam um grau de produtividade elevado. Em orações desenvolvidas, o verbo "pagar" apresenta um padrão de uso mais produtivo, com um percentual de 14,3% dos usos, ao contrário das construções com "dar", com apenas 1,1% dos usos. Os números mostram, portanto, que em contexto de subordinação são preponderantes os usos em orações reduzidas, com 85,7% de construções com "pagar", conforme exemplo (84a), e 98 ,9% de construções com "dar", conforme exemplo (84b), confirmando a alta frequência das formas não-finitas de infinitivo e gerúndio que será apresentada na tabela 10.

(84) a. Procuro sim **pagar** de bom moço, porque se levarmos tudo a pau e pedra o mundo se tornará pior do que já é. (blogs.jovempam.uol.com.br)

b. Ser preguiçoso e ainda sim querer conquistar o mundo **dando** uma de espertinho, é o q esses pretendem. (deldebbio.com.br)

Tabela 10- Análise cruzada entre ambiente morfossintático e forma do verbo relacional de fingimento

PARÂMETROS		Oração Absoluta	V_2 de Perífrase Verbal	Contexto de subordinação
PAGAR	Infinitivo	06/131 4,58%	41/131 31,30%	29/131 22,14%
	Gerúndio	09/131 6,87%	16/131 12,21%	06/131 4,58%
	Particípio	0/131 -	01/131 0,76%	0/131 -
	Presente	09/131 6,87%	03/131 2,29%	05/131 3,82%
	Pretérito perfeito	03/131 2,29%	0/131 -	02/131 1,53%
	Pretérito imperfeito	01/131 0,76%	0/131 -	0/131 -
DAR	Infinitivo	40/487 8,21%	195/487 40,04%	121/487 24,85%
	Gerúndio	15/487 3,08%	57/487 11,70%	58/487 11,91%
	Particípio	0/487 -	0/487 -	0/487 -
	Presente	0/487 -	0/487 -	0/487 -
	Pretérito perfeito	0/487 -	0/487 -	0/487 -
	Pretérito imperfeito	01/487 0,21%	0/487 -	0/487 -

Fonte: Elaboração própria.

No que compete ao ambiente morfossintático, pode-se afirmar que a construção relacional de fingimento é muito produtiva ao permitir que os verbos em foco se apresentem em diferentes formas e estruturas sintáticas, permitindo compreender que os contextos mais produtivos ocorrem com os verbos no infinitivo em perífrases verbais, sendo "pagar" com 31,30% e "dar" com 40,04%, assim como em contexto de subordinação, sendo as reduzidas

as mais frequentes: "pagar" com 22,14% e "dar" com 24,85%. Considerando, ainda, a produtividade morfossintática das construções em análise, realizou-se o cruzamento com o parâmetro que controla a intervenção de material, comprovando que as construções são mais frequentes em posição de V_2 em perífrases na ausência de material interveniente com "pagar", com 38,16%, e, com "dar" são mais frequentes com presença de material em posição de V_2 em perífrases, com 51,54% dos dados analisados. Em contextos de subordinação, nota-se preferência do falante por construções com o verbo "dar" e presença do artigo "uma", com 35,73%, conforme apresenta a próxima tabela.

Tabela 11 - Análise cruzada entre ambiente morfossintático e material interveniente

PARÂMETROS		**Oração Absoluta**	**V_2 de Perífrase Verbal**	**Contexto de subordinação**
PAGAR	**Ausência**	23/131 17,55%	50/131 38,16%	26/131 19,88%
	Presença	05/131 3,82%	11/131 8,39%	16/131 12,2%
DAR	**Ausência**	02/487 0,41%	01/487 0,2%	05/487 1,03%
	Presença	54/487 11,09%	251/487 51,54%	174/487 35,73%

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados obtidos por meio de cruzamentos entre ambiente morfossintático com os parâmetros que controlam a forma verbal das construções de fingimento e presença de material interveniente revelam que as construções, em termos de produtividade, são mais frequentes com os verbos nas formas não-finita no infinitivo e no gerúndio, mas podem ocorrer, inclusive, com o verbo na forma finita garantindo a alta produtividade em contextos morfossintáticos distintos.

O fator ausência ou presença de material interveniente mostra que a construção é esquemática, pois, quando tal *slot* é preenchido há um padrão de uso diferente de quando o *slot* não é preenchido, como, por exemplo, construções relacionas de fingimento com "dar" sem intervenção de material são mais produtivas em contexto de subordinação, ao contrário de construções com intervenção de material que são mais produtivas como V_2 em perífrases verbais. Ainda no plano da forma, mas analisando os outros *slots*, sendo o sujeito e o

predicativo constituintes com papéis fundamentais na configuração da construção, faz-se necessário uma análise que permita distinguir os diferentes *types* que preenchem esses *slots* para melhor descrevê-los. Assim, próxima subseção trata da tipologia morfossintática do predicativo.

3.1.4 Tipologia morfossintática do predicativo: SN e SAdj

Entende-se que o *slot* posposto ao verbo denota o fingimento de estado, atribuído ao sujeito, sendo categorizado, então, sintaticamente como predicativo. Assim, os dados demonstram que a forma do predicativo pode ser expresso por um sintagma nominal ou por um sintagma adjetival. Para Neves (2011, p. 87), um SN, quando em posição predicativa, não tem propriedade referencial (função típica de substantivo), mas funciona como um adjetivo ao

> atribuir o conjunto de propriedades que indica, como se fosse uma única propriedade, a um outro substantivo, isto é, atuar como qualificador ou como classificador. Isso ocorre especialmente em posição predicativa. (NEVES, 2011, p. 175)

Os sintagmas adjetivais, por sua vez, são nucleados por adjetivos e, então, "possuem algumas propriedades ligadas ao próprio caráter vago que se pode atribuir à qualificação" (NEVES, 2011, p. 186). Portanto, seja pelas propriedades funcionais do SN ou pela natureza do SAdj, em posição predicativa, ambos os sintagmas são cotejados na construção de fingimento pelas suas propriedades qualificadoras. Os dados apresentados a seguir mostram a frequência das construções quanto ao preenchimento morfossintático do *slot* predicativo.

Tabela 12 – Tipologia morfossintática do predicativo

Construção com o verbo	Sintagma Nominal	Sintagma Adjetival
PAGAR	38/131 29%	93/131 71%
DAR	227/487 46,6%	260/487 53,4%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados mostram que a natureza morfossintática predominante na construção relacional de fingimento ocorre com o predicativo na forma de SAdj, com 71% dos dados em construções com "pagar" e 53,4% em construções com "dar".

Já os SN representam 29% dos dados com "pagar" e 46,6% com "dar". Observa-se que em muitos casos o SN predicativo passa por um processo de adjetivação e, assim como os SAdj, desempenha a função de qualificador (GOMES; KANTHACH, 2021)[21], ou seja, as propriedades do elemento em posição predicativa são atribuídas ao sujeito da construção.

(85) a. Concordo com o Gustavo. Viuto, vc é 1 cú d'agua que não sabe de nada e ainda quer **pagar** de **gatinho** no *site*. (rpds-dowload.nt)

b. Eu tenho pensado e acho possível o prefeito de São Paulo, Sr. Haddad, diminuir o preço das passagens de ônibus, só para o PT **dar** uma de **bom**. (veja.abril.com.br)

Em (85a), o predicativo *gatinho* é um substantivo no grau diminutivo que desempenha função atributiva, ou seja, um adjetivo que atribui características de elevada beleza física. Em (85b), o predicativo *bom* é um SAdj e carrega a natureza adjetiva. Todavia, a tipologia morfossintática da forma predicativa varia de acordo com a natureza do sintagma, pois, não é qualquer SN ou SAdj que preenche o *slot* atributivo da construção. Para propor a caracterização da tipologia do SN, recorre-se, essencialmente, a Neves (2011) quanto à natureza da classe dos substantivos que a autora descreve. Os dados exibidos a seguir ilustram a tipologia do SN predicativo no *corpus*.

Tabela 13 - Tipologia do SN predicativo

Construções com o verbo	**Sintagma Nominal**								
	Comum	Comum Dimnutivo	Comum Aumentativo	Próprio	Expressão Internetês	Expressão Idiomática	Verbo Nominal	Interrogativo	Anafórico
PAGAR	19/38 50%	01/38 2,6%	01/38 2,6%	07/38 18,5%	03/38 7,9%	03/38 7,9%	03/38 7,9%	-	01/38 2,6%
DAR	102/227 44,9%	05/227 2,2%	02/227 0,9%	73/227 32,2%	09/227 4%	26/227 11,4%	08/227 3,5%	02/227 0,9%	-

Fonte: Elaboração própria.

[21] O artigo trata da construção [V uma de X] nomeada pelas autoras como Construção Qualificadora sob a perspectiva da variação construcional.

O SN Comum é o tipo mais frequente, tanto para construções com "pagar", com 50%, quanto para construções com "dar", com 44,9%, sendo esses caracterizados por nomearem seres ou coisas da mesma classe de forma genérica e abrangente em referência a entidade na qual estão relacionadas (NEVES, 2011), conforme visto nos exemplos em (86).

(86) a. Lei é lei, tem que ser obedecida! Agora, vagabundo vem sujar o chão e quando apanha vem **pagar** de **vítima**? Ou pior ainda: Os dois lados estavam errados, o que não se pode é ser extremista. (gabrieldivan.wordpress.com)

b. Eu tb quero saber qual vai ser a explicação da morte dos pais da Sookie... Mas **dando** uma de **psicóloga** aqui (rsrsrsrs), e teorizando também, acho q qndo Ben Warlow fala que ama a Sookie, acho que ele ama a ideia dela... (welovetrueblood.com)

De acordo com a distribuição dos dados, ocorre, inclusive, a presença de SN Comuns no grau diminutivo e no grau aumentativo independente do verbo selecionado pela construção. Observa-se que *santinho*, em (87a), e *coitadinhos*, em (87b), não denotam características de santidade e nem de comoção e, sim, com sentido conotativo/pejorativo. Já em (88a), o predicativo atributivo *supermães* eleva o *status* do sujeito atenuando certos instintos maternos enquanto que, em (88b), *bichão* denota o sentido pejorativo de alguém que se supervaloriza.

(87) a. Quando o Bernal venceu o povo do PSDB e do PT, comemoraram igual copa do mundo, agora estão ae chorando e se **pagando** de **santinho**???? VOCÊS MERECEM O PREFEITO QUE TEM, povo ingrato... (lanceactivo.com.br)

b. Estão enrolando as pessoas **dando** uma de **coitadinhos**, enquanto armam coisa pior. (deusilusao.com)

(88) a. Logo que o bebê chega, nós queremos **dar** uma de **supermães** e fazer tudo sozinhas. (macetesdemae.com)

b. Esse negócio de vestir de operações especiais e por arma na cintura e sair para a rua **pagando** de **bichão** não está com nada, o que manda e ter treinamento constante e aparecer quando for o momento. (universopolicial.com)

Os dados revelam que o predicativo preenchido por um SN nucleado por substantivos próprios é muito produtivo em construções relacionais de fingimento, com 18,5% em construções com "pagar", em (89a), e em construções com "dar", em (89b), com 32,2%. Tais SNs são reconhecidos por particularizarem os seres de uma mesma classe "fazendo uma designação individual" (Neves, 2011, p. 69).

(89) a. Sem-vergonhice é sua marca registrada que muito bem se encaixa nessa instituição que contempla pucha-sacos, bajuladores e outras tranqueiras, mas não suporta a VERDADE REAL dos fatos, obrigando-se às mais rejeitáveis farsas para jogar a culpa na vítima e **pagar** de **Madre Teresa de Calcutá**. (forum.bufalo.into)

b. Já que a cagada está feita e quem já não se meteu em uma, agora é **dar** uma de **Chuck Norris**. NÃO DEMONSTRE MEDO. NÃO RECUE. NÃO PENSE. SEJA O PRIMEIRO A BATER. (papodehomem.com.br)

Nos dois exemplos, o predicativo é expresso por duas entidades/personalidades de domínio público que são reconhecidos pelos seus feitos e lhes são atribuídos um conjunto de características que os qualificam. Por conseguinte, os atributos singulares que descrevem *Madre Teresa de Calcutá*, em (89a), e *Chuck Norris*, em (89b), são transferidos para o sujeito da construção, pois o fingimento se dá quando alguém simula/aparenta agir/experencia uma condição/situação que não é sua, ou seja, faz-se passar pela outra pessoa por meio daquilo que a destaca/tipifica/representa.

Em estudos que estabelecem ligação/relação com a rede de construções relacionais, na análise da construção estativa com "ser", Silva e Sabino (2020) descrevem que, na construção copulativa de classificação, o *slot* predicativo é uma 'entidade' que representa uma classe particular e transfere metonimicamente as especificidades do conjunto/do todo para a entidade do *slot* sujeito:

> Inclui-se nessa categoria o caso ilustrado pelo construto *Sou Flamengo*. A formação dele, provavelmente se deu a partir da neoanálise da microconstrução (X_{SUJ}) ser_{COP} adepto/partidário/$torcedor_{CLASSE}$ de $Z_{ENTIDADE}$, em que se suprime a expressão 'adepto/partidário/torcedor de', resultando no pareamento (X_{SUJ} Ser_{COP} Z_{CLASSE}, de base metonímica (entidade pelo membro/representante), em analogia com o modelo copulativo padrão. (SILVA; SABINO, 2020, p. 766)

Percebe-se que pelas similaridades entre as construções relacionais de fingimento e as construções estativas copulativas de classificação, o *slot* predicativo pode ser preenchido por sintagmas nucleados por substantivos próprios na designação de atributos que os

qualificam. Isso demonstra que as construções se associam e estão interligadas em rede e, de alguma maneira, seja por propriedades formais ou funcionais, tais construções compartilham de certas especificidades que merecem ser investigadas em estudos posteriores.

Retomando a análise, no *corpus* também é possível identificar ocorrências com predicativos classificados como expressão internetês, em (90), e expressão idiomática, em (91).

(90) a. Meu primeiro jogo de Pokémon foi o *Pearl*, e convenhamos, é um jogo extremamente f*. Nostalgia imensa desse jogo, eu acho que uma boa geração. Eu acho a 5º geração ridícula e desnecessária, não querendo **pagar** de ***hater*** que acha que Pokémon é só ate 151 depois é lixo, mas devia ter acabado na 4º (que pra mim foi a melhor geração). (forumproject.com.br)

b. Augusto, vou **dar uma** de ***grammar-nazi***, mas é pra enriquecer o Br-mac! Você disse "e perdoe minha caligrafia!" Vamos lá: "caligrafia" vem de o grego *kalli*, "beleza", e *grafia*, a "escrita". Ou seja, caligrafia é a arte da escrita bela. (br-mac.org)

Em (90a), *hater* é o termo adotado nas redes sociais e *blogs* para referenciar aquele que expressa opiniões conflitantes e de ódio, que julga sem critério principalmente personalidades reconhecidas na mídia. O dado, em (90b), apresenta o vocábulo *grammar-nazi* que foi criado por analogia e em referência à gramática aliada à postura nazista, sendo utilizado na *internet* para categorizar os usuários que se incomodam com os desvios da norma culta, além de corrigir e impor adequações.

Rampazzo (2009, p.28) define o internetês como "expressão grafolinguística criada na *internet* pelos adolescentes" ao se referir a certas expressões lexicais muito específicas do gênero e frequentemente empregadas pelos usuários que adotam a escrita mais informal para promover uma comunicação mais rápida e descompromissada. É comum que tais estruturas sejam compostas por expressões em língua estrangeira dada a amplitude do sistema global de informações por redes promovida pelo ambiente virtual no acesso a outras culturas.

O *slot* do predicativo também pode ser ocupado por expressões idiomáticas, conforme os dados em (91), com os verbos objeto deste estudo. Pode-se perceber que estruturas idiomáticas também se comportam como participante na configuração da construção e corroboram com os preceitos de Halliday e Matthiessen (2004) quanto ao processo relacional ao afirmar que "os participantes de uma sentença relacional são mais como Fenômenos [...], não apenas coisas, mas também atos e fatos podem ser interpretados

como participantes da sentença relacional."[22] (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 212-213)[23]. Pode-se perceber, ainda, que o significado não composicional das expressões idiomáticas é codificado por um SN de cunho qualificador e atributivo.

(91) a. Como sempre, foi um discurso bem logo, difícil de entender e interrompido pelo Britto. Filé na Denise bem emputecida, dizendo que não era santa e que não **pagava** de **PAH sendo PUM**. (lanceactivo.com.br)

b. Se elas forem cobradas a parte e mesmo assim eu tenho que mostrar a tal tela impressa no *site* para mostrar que a troca delas está sim inclusa no tal valor de R$388,00, como se ele não soubesse **dando** uma de **João sem braço**. (autoentusiastas.blogspot.com)

O predicativo, em (91a), *PAH sendo PUM* é entendido como uma metáfora conceptual, em que, de acordo com o timbre, o fonema aberto /a/, reforçado pelo fonema /h/[24], é recipiente de valores positivos/prósperos e o fonema fechado /u/ é recipiente de valores negativos/pessimistas, pois de acordo com Lakoff e Johnson (1980):

> Uma vez que expressões metafóricas em nossa língua são ligadas a conceitos metafóricos de uma maneira sistemática, podemos usar expressões linguísticas para estudar a natureza de conceitos metafóricos e, dessa forma, compreender a natureza metafórica de nossas atividades. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 50)

A expressão idiomática *João sem braço*, em (91b), é um *chunk* totalmente convencionalizado no português brasileiro, pois se trata de uma expressão não composicional que significa 'fingir-se de desentendido para tirar proveito da alguma situação', sendo também considerada como uma expressão não analisável, pois suas partes componentes estão menos associadas. Assim, a semântica de fingimento do *chunk João sem braço* corrobora com a condição de estado fingido da construção. Vale ressaltar que não são todas as expressões idiomáticas que podem preencher o *slot* predicativo ficando restrito a expressões com função atributiva. O teste de substituição a seguir, com base em (91a), deixa claro essa restrição.

---

[22] Halliday (2004) utiliza o termo *clause* que pode ser traduzido por *sentença*. Abordagens construcionais utilizam o termo *construções*.
[23] No original: the participants in 'relational' clauses are more like the Phenomenon […] not only things, but also acts and facts can be construed as participants in a 'relational' clause.
[24] Em ambientes virtuais, é convencional a grafia do fonema /h/ substituindo o acento agudo (´) em palavras monossílabas tônicas. Ex: pá/pah; má/mah, pé/peh; ré/reh; pó/poh; dó/doh.

(92) a. Como sempre, foi um discurso bem logo, difícil de entender e interrompido pelo Britto. Filé na Denise bem emputecida, dizendo que não era santa e que não **pagava** de **água mole em pedra dura tanto bate até que fura**.

b. Como sempre, foi um discurso bem logo, difícil de entender e interrompido pelo Britto. Filé na Denise bem emputecida, dizendo que não era santa e que não **pagava** de **nem que a vaca tussa**.

c. Se elas forem cobradas a parte e mesmo assim eu tenho que mostrar a tal tela impressa no *site* para mostrar que a troca delas está sim inclusa no tal valor de R$388,00, como se ele não soubesse **dando** uma de **mais vale um pássaro na mão do que dois voando**.

Em (92a), a expressão idiomática *água mole em pedra dura tanto bate até que fura* tem um significado não composicional do tipo 'por persistência se chega ao resultado almejado', assim como, em (92b), com a expressão *nem que a vaca tussa* que se refere a um evento 'impossível de acontecer' e, em (92c), em que *mais vale um passarinho na mão do que dois voando* denota 'garantir-se com pouco a investir mais e perder'. Nesses casos, o significado da expressão idiomática se refere a eventos que não podem ser atribuídos a um sujeito como algo que o qualifique, ou seja, não se associa ao sujeito da construção semanticamente porque não condiz com um estado que possa ser fingido.

Pela distribuição dos dados, pode-se constatar que o predicativo da construção também possa ser preenchido por SN de natureza interrogativa, com 1,1% das ocorrências, e anafórica, com 0,3% das ocorrências, ainda que menos frequentes. O elemento "quê?" preenche o *slot* predicativo e está inserido no interior de uma estrutura interrogativa, conforme (93), e o elemento anafórico "disso" funciona como elemento recursivo retomando o termo anterior no qual está vinculado, de acordo com (94).

(93) A gente tem de se arrepender do que a gente faz. Mas também vejo que foi algo que era para ser uma maldição e virou uma bênção. Devem falar: "Mara saiu nas bancas e agora quer **dar** uma de **quê**?" Eu não quero dar uma de nada. (padom.com.br)

(94) Não sou crítico em cinema, muito menos **pago de isso*(disso)*** em *blog*, querendo gerar polêmica. (cinemacomrapadura.com.br)

O *slot* predicativo das construções relacionais de fingimento sob a forma de SAdj com valores qualificativos é altamente produtivo, corroborando com a proposta de Ferreira (2015). A tipologia do SAdj predicativo é representado pela tabela a seguir.

Tabela 14 - Tipologia do SAdj predicativo

Construções com o verbo	**Sintagma Adjetival**						
	Derivado	Derivado Diminutivo	Derivado Aumentativo	Simples	Simples Diminutivo	Simples Aumentativo	Pátrio
PAGAR	16/93 17,2%	-	-	47/93 50,4%	13/93 14,1%	16/93 17,2%	01/93 1,1%
DAR	29/260 11,2%	11/260 4,2%	02/260 0,8	154/260 59,2%	24/260 9,2%	40/260 15,4%	-

Fonte: Elaboração própria.

Pode-se observar que os SAdj Simples são os mais recorrentes com 50,4% das construções com "pagar", conforme (95a), e 59,2% das construções com "dar", conforme (95b), seguidos pelo SAdj Simples no aumentativo com 17,2% das construções com "pagar", conforme (96a), e 15,4% das construções com "dar", conforme (96b).

(95) a. Porque todo mundo sabe que chamar um negro de macaco é pejorativo, remetemo-nos ao tempo em que se negava condição humana ao negro, que assemelhavam-no a um "ser inferior". Mas o Gentili não, quer **pagar** de **legal**, de politicamente incorreto, e fica fazendo piadinha dizendo que, SE FOSSE COM ELE, adoraria ser chamado de macaco. (amortecedor.wordpress.com)

b. Sempre faça check-in e check-out. Não fez check-in e está lá, viajando todo soltinho, **dando** uma de **esperto** ou esqueceu de fazer o check-in? Multa, mané! (ducsamsterdam.net)

(96) a. Agora, por que saiu na imprensa da UOL, para os bixotes não queimarem sua pele diante da tão respeitada opinião pública, este DCE se exime e diz que foi votada em um processo anti-democrático?? E ainda querendo **pagar** de **bonitões** dizendo que são a favor do diálogo e da democracia? Bom, apenas quando os interesses estão de acordo com o da chapa não é mesmo? (movimentonn.org)

b. E eu trampo com TI, na área de criptografia p ser mais exata... sou rodeada de *nerds* e quem sabe até não seja um pouco tb... mas tu tá **dando** uma de **inteligentona** e entendeu o q quis... então senta lá e continua com 3 comentarios nos teus *posts*. (cogumelolouco.com)

Do mesmo modo como os SN, os SAdj ocupam o *slot* predicativo no diminutivo, com 14,1% em construções com "pagar" e 9,2% em construções com "dar", de acordo com os exemplos em (97).

(97) a. **Pagando** de **fortinho** sem camisa e toda a *vibe* que dá o aspecto de festa *urban* da faixa. Sério, confiram porque adoramos o resultado. (portalitpop.com)

b. Isso é verdade, de uns anos pra cá as mulheres estão cada vez mais querendo **dar** uma de **moderninhas**, sim. (papodehomem.com.br)

Nesses casos, a escolha do falante ao selecionar um elemento predicativo no diminutivo ou aumentativo, com propriedades intensificadoras, atende seu propósito de julgamento ao cumprir a função atributiva pejorativa designada ao sujeito da construção.

Por meio da coleta de dados foi revelado que os SAdj do tipo Derivado também são cotejados para o predicativo da construção, correspondendo a 17,2% em construções com "pagar", exemplificados, em (98a), e a 11,2% em construções com "dar", em (98b).

(98) a. Foi provocação clara e que não soou como tal, deixando Bárbara bem na fita e fazendo a Urach **pagar** de **descontrolada**. (cartasparapi.com.br)

b. Mateus faz o que pensa, não fica que nem a Sheila segurando a língua **dando** uma de **coitada** pra ganhar. (vejasp.abril.com.br)

Apenas com o verbo "dar" foram coletados dados com o tipo predicativo expresso por SAdj Derivado no diminutivo, em (99), e no aumentativo, em (100). Tais SAdj correspondem a 4,2% dos dados e 0,8% dos dados, respectivamente.

(99) Sinceramente não sei em que planeta você vive, no meu planeta conheço tanto oficiais quanto praças que são arrogantes, prepotentes, desonestos, babão de político e individualistas, como também o oposto disso; não venha fazer demagogia nem **pagar** uma de **praça** **coitadinho**, não cara! Deixe de mimimi! (glauciapaiva.com)

(100) No colégio, mal consegui acompanhar a educação física, logo não tenho pretensão a **dar** uma de **maldosão**, nem é do meu costume discutir questões de fé ou ser preconceituoso com quem quer que seja. (glauciapaiva.com)

Em (101), o SAdj pátrio *baiano* atribui ao sujeito *Gominho* traços da identidade cultural da população do estado da Bahia, sendo captado no *corpus* apenas em construções com "pagar"[25], correspondendo a 1,1%.

(101) Porém, a carência dele não só explica a necessidade constante dele por um abraço (ou um cheiro, já que Gominho gosta de **pagar** de **baiano**) como também reflete muito o modo subserviente com o qual desempenha de cunhã. (cartasparapi.com.br)

Com base nos dados apresentados, percebe-se que a construção relacional de fingimento permite que o *slot* predicativo, formalmente preenchido por um SPrep encabeçado pela preposição "de", tenha seu núcleo preenchido por um SN ou por um SAdj, ambos com natureza atributiva, sendo, portanto, uma característica da construção herdada do esquema mais geral e abstrato.

3.1.5 Semântica do sujeito: papel semântico, entidade e animacidade

Ao considerar o *slot* sujeito da construção, observa-se seus traços semânticos na configuração da construção relacional de fingimento e, para tanto, o seu papel semântico foi analisado. Segue a distribuição dos dados quanto a esse parâmetro.

Tabela 15 - Papel semântico do participante sujeito

Construções com o verbo	Agente	Não se aplica
PAGAR	131/131 100%	-
DAR	486/487 99,8%	01/487 0,2%

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 15 atesta que o único papel semântico possível para o participante sujeito da construção de fingimento é o de agente, conforme os exemplos em (102).

(102) a. Não adianta ***(nós)*pagarmos** de liberais, as coisas ainda estão muito século XX, infelizmente. Quem dera fosse do outro jeito. Caras continuaram sendo fofos enquanto mulheres continuarem sendo puritanas. É lei de oferta e procura. (amelhordasintecoes.wordpress.com)

[25] Também, aqui, possa ter ocorrido uma restrição do sistema em não capturar nenhum dado com SAdj pátrio em construções com *dar*.

b. **<u>Eu</u>** é que tenho pavor de **dar** uma de psicóloga, mas às vezes acabo respondendo as coisas do ponto de vista profissional mesmo. (meiasparavivermelhor.blogspot.com)

Em (102a), o sujeito implícito (*nós*) afirma que *não adianta pagarmos de liberais*, ou seja, não adianta 'fingir/agir como se fossemos liberais. Do mesmo modo, em (102b), o sujeito *eu* repudia ter que agir como uma psicóloga, ainda que, às vezes, acabe 'se passando por' uma. Nos dois casos, o sujeito da construção tem controle sobre seu próprio estado fingido. Dialogando com a pesquisa de Ferreira (2015), em seu estudo sobre construções relacionais de estado e de mudança de estado, a autora afirma que as construções com o verbo "ser" são as mais prototípicas na rede relacional e que o seu papel semântico é o de tema com sujeito humano.

> [...] o verbo *ser* se destaca na construção relacional, como já foi constatado em Pavão & Vieira (2013) que examinaram o assunto em outros gêneros textuais; o tipo de construção relacional predominante é a construção de estado; o sujeito se destaca como humano e com papel de tema. (FERREIRA, 2015, p. 116-117)

Em construções relacionais prototípicas, o sujeito não carrega traços de agentividade, e dessa maneira, essa propriedade (de sujeito agente) é uma característica singular às construções relacionais de fingimento, pois um estado fingido só tem lugar no mundo a partir dos próprios atos do sujeito. Assim, no sentido de 'fingir ser' ou 'se passar por algo/alguma coisa', o sujeito dispõe energia sendo conduzido a assumir a postura daquilo/de alguém que está sendo representado pelo predicativo da construção.

Nesse sentido, é possível identificar um aspecto particular das construções de fingimento, que as distingue de outras construções da rede de construções relacionais, como a construção de estado prototípica com os verbos "ser" e "estar". Percebe-se que existe uma restrição no preenchimento desse *slot* para as construções relacionais de fingimento: agente é o papel semântico por excelência da construção.

Com apenas um dado, a ocorrência (103) esboça a função metalinguística, ou seja, utilizar a linguagem para explicar a própria linguagem (JAKOBSON, 1971). Logo, por se tratar de uma construção impessoal, não há sujeito e nenhuma caracterização semântica quanto ao papel semântico, tipologia da entidade ou animacidade.

(103) Sai a essência, entra o significado dos vocábulos. **Dar** uma de Raciocinar (Razão): é conectar (ou desconectar) nomes, definições e proposições em conformidade com as regras. (filosofiabrasilia.blogspot.com)

Quanto à entidade representada pelo sujeito, nos termos de Camacho *et al* (2014), a tabela 16 apresenta os resultados percentuais para cada *type*.

Tabela 16- Tipologia da entidade representada pelo sujeito

Construções com o verbo	1ª ordem Indivíduo	2ª ordem Estado-de-coisas	3ª ordem Proposição	4ª ordem Ato de fala	Não se aplica
PAGAR	129/131 98,5%	02/131 1,5%	-	-	-
DAR	486/487 99,8%	-	-	-	01/487 0,2%

Fonte: Elaboração própria.

A tipologia da entidade representada pelo participante sujeito é preponderantemente de primeira ordem, ou seja, representada pela entidade semântica *indivíduo*. Dentre as construções relacionais de fingimento com entidade indivíduo, construções com "pagar" correspondem a 98,5% e construções com "dar" correspondem a 99,8%, conforme os exemplos em (104).

(104) a. Com exceção de 3 ou 4 jogadores (o Aloísio, o Ceni, o Osvaldo e o Rodrigo Caio quando deixaram jogar), foi lamentável: **Lúcio pagando** de estrela, Cortês SEMPRE andando em campo e fugindo de dividida, Denílson errando dezenas de passes e se deslocando com lentidão, Douglas... sendo o Douglas... (arquibancadatricolor.com.br)

b. Olha só, o **João Melo**, mais uma vez **dando** uma de engraçadinho, gente. Como seria bom se ele ouvisse seus próprios conselhos. (deluccamartinez.wordpress.com)

A entidade semântica de segunda ordem *estado-de-coisas* se mostrou menos frequente, com 1,5%, em construções com "pagar", conforme (105), e, em construções com "dar", nenhum dado foi encontrado no *corpus*.

(105) Me respondam isso: porque as pessoas tem tanta necessidade de provar que são melhores que os outros? por isso que o mundo é uma merda! Agora **a modinha**

é **pagar** de pseudo-intelectual, e desaprovar a opinião alheia? (deluccamartinez.wordpress.com)

Diante dos dados, fica evidente que o *slot* sujeito das construções relacionais de fingimento é preenchido essencialmente pela entidade semântica *indivíduo*, por possuir características que comprovam sua existência no mundo, como uma entidade concreta, observável e localizável no espaço-tempo e, assim, sua semântica se associa ao papel de agente, diferentemente de entidades de terceira ordem (*proposição)* e entidades de quarta ordem (*atos de fala*) que não correspondem à construção relacional de fingimento, sendo, portanto, restrições de preenchimento do *slot* sujeito.

Os dados presentes na próxima tabela estão intimamente relacionados aos resultados expostos na tabela anterior. Nota-se que a entidade *indivíduo* é muito produtiva com traços de animacidade [+humano/+animado] o que resulta no tipo mais frequente das construções em análise.

Tabela 17 - Grau de animacidade do participante sujeito

Construções com o verbo	[+Humano/+Animado]	[-Humano/+Animado]	Não se aplica
PAGAR	127/131 96,4%	04/131 3,6%	-
DAR	463/487 95,1%	23/487 4,7%	01/487 0,2%

Fonte: Elaboração própria.

As construções relacionais de fingimento apresentam um grau de animacidade do participante sujeito [+humano/+animado], apresentando em construções com "pagar" o percentual de 96,4% dos dados e em construções com "dar" o percentual de 95,1% dos dados. As ocorrências a seguir, em (106), demonstram a animacidade do sujeito da construção.

(106) a. E **Quinn pagando** de tenente? Tem gente que ficou mordida com isso, mas eu não sei se o cargo já está garantido a ele. (bcharts.com.br)

b. Dessa forma, como disse um outro colega, **o professor** tem que **dar** uma de palhaço em sala pra viver chamando a atenção de alunos que estudam porque são obrigados. (planetaeducacao.com.br)

Os dados mostram que o participante sujeito com traços [-humano/+animado] é menos frequente, apresentando 3,6% em construções com "pagar", (107a), e 4,7% em construções com "dar", em (107b).

(107) a. **Essa mídia manipuladora** que agora que o bicho tá pegando **paga** de santa e chama os manifestantes de "futuro", manifestantes esses que antes eram chamados de bandidos e coisas do gênero. (chongas.com.br)

b. **A Universal** tá querendo **dar** uma de Igreja santa? É só o que faltava. (pulpitocristao.com)

Nesses casos, o sujeito passa pelo processo de personificação ao incorporar características que representam o todo na qual estão vinculados, ou seja, tanto *essa mídia manipuladora*, em (107a), quanto *A Universal*, em (107b), são entidades que representam os indivíduos que as promovem transferindo metonimicamente o rol de propriedades que as caracterizam/qualificam.

A partir da análise de parâmetros que focaliza o *slot* sujeito, é possível averiguar que a construção possui uma preferência pelo sujeito [+humano/+animado] e entidade *indivíduo* com papel de *agente*, possuindo controle sobre o seu estado fingido. Nesse sentido, é pouco frequente o sujeito com traços de animacidade [-humano/+animado] e entidade *estado-de-coisas*, além de restringir totalmente o traço [-humano/-animado] e entidades *proposição* e *atos de fala*, permitindo descrever, ainda assim, que o *slot* sujeito de construções relacionais de fingimento é preenchido por tipos semânticos gradientes.

À medida que há restrições no preenchimento desse *slot*, com traços semânticos graduáveis, em termos de propriedades construcionais, a construção se revela com grau intermediário em termos de produtividade e de composicionalidade: não se trata de um *slot* que pode ser preenchido por qualquer elemento, há restrições, mas que permitem certa variabilidade.

3.1.6 Caracterização semântica do predicativo

A partir do levantamento dos dados, observa-se que a construção é composta basicamente pelo predicativo com semântica de qualificador, conforme mostra a tabela a seguir.

Tabela 18 – Caracterização semântica do predicativo

Construções com o verbo	Classificador	Qualificador	De estado	Verificador	Não se aplica
PAGAR	03/131 2,3%	122/131 93,1%	05/131 3,8%	01/131 0,8%	-
DAR	43/487 8,8%	424/487 87%	16/487 3,4%	-	04/487 0,8%

Fonte: Elaboração própria.

Com predicativo qualificador, as construções relacionais de fingimento com "pagar" correspondem a 93,1% e as construções relacionais de fingimento com "dar" correspondem a 87%, conforme os exemplos em (108a) e (108b) respectivamente.

(108) a. Uma noite eu descobri que ele tinha namorada, e num ataque de idiotice, disse que gostava dele, mas que estava tudo bem. Ele dizia que nós tínhamos que conversar, mas eu nunca quis isso (pois não queria **pagar** uma de **dramática**). (diariociumento.com)

b. Apesar de querer **dar** uma de **durão**, o Sr. Barriga é um cara amigo, sensível e compreensível. (girafamania.com.br)

Os dados acima mostram que o *slot* predicativo é preenchido por um tipo específico de adjetivo. Em (108a), o adjetivo *dramática* atribui ao sujeito característica/propriedades que o definem como aquela que *faz drama*, assim como, em (108b), *durão* é uma qualidade atribuída ao *Sr. Barriga*, pela avaliação do falante, ao passar a impressão de uma pessoa firme/sem sentimentos. Nesses casos, o processo de atribuição é realizado pela subclasse dos adjetivos qualificadores de avaliação psicológica (NEVES, 2011).

Quanto ao predicativo com semântica classificadora, percebe-se maior incidência em construções com "dar", conforme visto em (109a), com 8,8%, do que em construções com "pagar", conforme visto em (109b), com 2,3%.

(109) a. Olha, sinceramente, eu percebi que você já tinha começado com a falácia *Argumentum ad Hominem*, **dando** uma de **vidente** e adivinhando os meus pensamentos, eu o reprimi por isso e você não parou, pelo contrário, levou isso ao extremo. (deusilusao.com)

b. O chato é que se eu não vou fico com medo de **pagar** de **anti-social** e se eu vou, fico com a sensação desconfortável de que eles não estão sendo eles mesmos, não estão relaxando. (escrevalolaescreva.blogspot.com)

Os adjetivos classificadores são aqueles que categorizam/denominam seu correspondente substantivo, aqui, o sujeito da construção. O adjetivo *vidente*, em (109a), classifica o sujeito como tal ao atribuir metonimicamente o rol de propriedades que o denominam, ou seja, as características que definem um vidente estão sendo transferidas ao sujeito *você*. Da mesma forma, em (109b), o falante atribui ao sujeito da construção as características que tipificam um indivíduo *antissocial*.

A construção de fingimento com *slot* predicativo preenchido por sintagmas com semântica de estado apresenta baixa frequência *token*, com 3,8% em construções com "pagar", em (110a), e 3,4% em construções com "dar", em (110b).

(110) a. "Na hora H eu perguntei se ele tinha camisinha. Eu não tinha levado, não queria que parecesse que eu estava indo lá para isso. Achei que se eu levasse camisinha ia ficar na cara e eu ia **pagar** de **oferecida**", revelou a garota. (cmqv.org)

b. **Dando** uma de **pouco interessado** no futuro de mais de 30.000 professores e professoras e 540.000 alunos, o vassalo de Agnelo, Wilmar Lacerda (Administração), gastou uma página do Jornal de Brasília dizendo que o GDF vai controlar diretamente 50% dos cargos comissionados em troca de apoio político. (owashingtondourado.wordpress.com)

Os dados em (110) trazem adjetivos de estado preenchendo o *slot* predicativo com o estado de oferecimento, em (110a), e com estado de pouco interesse, em (110b), por parte dos sujeitos das construções, no processo de atribuição, sendo, portanto, comprovada que a semântica que envolve os adjetivos de estado é cotejada pela construção relacional de fingimento.

Menos frequente, o predicativo com semântica de verificador corresponde a 0,8% em construções com "pagar", dado seu caráter específico a adjetivos pátrios (cf. CASTILHO, 2010), em (111).

(111) Porém, a carência dele não só explica a necessidade constante dele por um abraço (ou um cheiro, já que Gominho gosta de **pagar** de **baiano**) como também reflete muito o modo subserviente com o qual desempenha de cunhã. (cartasparapi.com.br)

Embora o *slot* predicativo apresente gradualidade, há restrições de preenchimento quanto aos subtipos semânticos e, para comprovar, aplica-se o teste de substituição com base em Neves (2011) quanto aos subtipos semânticos dos adjetivos classificadores, exemplos em (112), em construções com "dar" e com os subtipos semânticos dos adjetivos qualificadores, exemplos em (113), em construções com "pagar".

(112) a. Se o amor da sua vida te deu um chute no traseiro, por quê motivos você acredita que irá traze-lo de volta **dando** uma de **tonta**? (deiafargnoli.blogspot.com)

b. Se o amor da sua vida te deu um chute no traseiro, por quê motivos você acredita que irá traze-lo de volta **dando** uma de **sindical**?

c. Se o amor da sua vida te deu um chute no traseiro, por quê motivos você acredita que irá traze-lo de volta **dando** uma de **bilateral**?

d. Se o amor da sua vida te deu um chute no traseiro, por quê motivos você acredita que irá traze-lo de volta **dando** uma de **shakesperiano**?

e. Se o amor da sua vida te deu um chute no traseiro, por quê motivos você acredita que irá traze-lo de volta **dando** uma de **antialérgico**?

f. Se o amor da sua vida te deu um chute no traseiro, por quê motivos você acredita que irá traze-lo de volta **dando** uma de **literário**?

g. Se o amor da sua vida te deu um chute no traseiro, por quê motivos você acredita que irá traze-lo de volta **dando** uma de **interno**?

h. Se o amor da sua vida te deu um chute no traseiro, por quê motivos você acredita que irá traze-lo de volta **dando** uma de **milenar**?

i. Se o amor da sua vida te deu um chute no traseiro, por quê motivos você acredita que irá traze-lo de volta **dando** uma de **antigo**?

j. Se o amor da sua vida te deu um chute no traseiro, por quê motivos você acredita que irá traze-lo de volta **dando** uma de **habitual**?

(113) a. Esse senhor que se acha dono da razão, duvido se fez alguma prova apenas teve uma formação bosta por te pago e que **paga** de **gostoso**. (rondonoticias.com.br)

b. Esse senhor que se acha dono da razão, duvido se fez alguma prova apenas teve uma formação bosta por te pago e que **paga** de **<u>óbvio</u>**.

c. Esse senhor que se acha dono da razão, duvido se fez alguma prova apenas teve uma formação bosta por te pago e que **paga** de **<u>possível</u>**.

d. Esse senhor que se acha dono da razão, duvido se fez alguma prova apenas teve uma formação bosta por te pago e que **paga** de **<u>necessário</u>**.

Os exemplos em (112) são restrições de preenchimento porque não apresentam natureza atributiva que se corresponda semanticamente com o *slot* sujeito da construção, sendo assim, os adjetivos classificadores *sindical*, em (112b), e *bilateral*, em (112c), são tipos de adjetivos improdutivos.

De acordo com Neves (2011), o adjetivo classificador exerce a função de tipificar o substantivo que o acompanha "segundo um conjunto de características ligadas às atividades do indivíduo de cujo nome se derivam" (NEVES, 2011, p. 193) e, embora, em (112d), o adjetivo *shakespereano* designe o rol de características atribuídas à Shakespeare, na construção de fingimento esse subtipo de adjetivo não é cotejado.[26] Em (112e), o adjetivo classificador *antialérgico* possui propriedades referenciais e se associa a um sujeito não humano e inanimado, assim esse subtipo de adjetivo também não é produtivo, uma vez que nas construções relacionais de fingimento o *slot* sujeito é preferencialmente [+humano/+animado].

Os demais testes com "dar" foram realizados com adjetivos classificadores com noções adverbiais: adjetivo delimitador *literário*, em (112f), adjetivo de localização *interno*, em (112g), adjetivo de tempo decorrido *milenar*, em (112h), adjetivo de substituição de tempo *antigo*, em (112i), e adjetivo de aspecto *habitual*, em (112j), confirmando que tais adjetivos não são cotejados no preenchimento do *slot* predicativo por não possuírem propriedade atributivas.

O teste de substituição em construções com "pagar" mostra que os adjetivos que expressam a semântica de modalização epistêmica de asseveração, como *óbvio*, em (113b), modalização epistêmica de eventualidade, como *possível*, em (113c), e modalização deôntica, como *necessário*¸ em (113d), não são cotejados pela construção, sendo, portanto

[26] O adjetivo *shakesperiano* é improdutivo no preenchimento do *slot* predicativo, mas substantivo próprio que nomeia o indivíduo, atribuindo-lhe o rol de características que o definem metonimicamente, é perfeitamente compatível, ou seja, a construção *dar uma de Shakespeare* denota "agir como/passar-se por" Shakespeare.

restrições de preenchimento do *slot* predicativo por, também, não apresentarem propriedades atributivas.

Com base no parâmetro que tipifica a semântica do predicativo, os dados revelam que a semântica de qualificador é a mais frequente, porém é possível que outros tipos semânticos ocupem/preencham esse *slot*, promovendo a expansão de *types* diferentes nessa posição, pois, segundo Himmelmann (2004), isso se dá pela associação da expansão da classe hospedeira[27] a categorias com propriedades diferentes, o que, em termos de propriedades construcionais, mostra que a construção tem seu *slot* predicativo preenchido por tipos semânticos graduáveis, assim como o *slot* sujeito, confirmando grau intermediário de produtividade e composicionalidade da construção relacional de fingimento e, consequentemente, o grau de esquematicidade, no nível das microconstruções se mostra mais restrito.

3.1.7 Aspectualidade: durativa e pontual

A tabela 19 ilustra os dados quanto a aspectualidade da construção de fingimento e revela, de um modo geral, que as construções apresentam aspecto durativo e pontual.

Tabela 19 - Aspectualidade da construção

Construções com o verbo	Aspecto durativo	Aspecto pontual
PAGAR	57/131 43,5%	74/131 56,5%
DAR	186/487 38,2%	301/487 61,8%

Fonte: Elaboração própria.

Para se chegar a caracterização da aspectualidade da construção relacional de fingimento, é necessário correlacionar alguns fatores, tais como:

(i) presença ou ausência de material interveniente
(ii) a forma verbal das construções.

[27] No original: host-class expansion (HIMMELMANN, 2004).

Nesse sentido, as próximas tabelas apresentam os resultados obtidos a partir do cruzamento entre (i) os parâmetros que controlam a aspectualidade das construções e presença de material interveniente, tabela 20, e (ii) os parâmetros que controlam a aspectualidade das construções e a forma do verbo relacional de fingimento, tabela 21.

Tabela 20 – Análise cruzada entre aspectualidade e material interveniente

PARÂMETROS		**Aspecto Durativo**	**Aspecto Pontual**
PAGAR	**Ausência**	52/131 39,69%	48/131 36,64%
	Presença	05/131 3,82%	26/131 19,85%
DAR	**Ausência**	08/487 1,64%	0/487 -
	Presença	178/487 36,55%	301/487 61,81%

Fonte: Elaboração própria.

O cruzamento dos dados mostra que as construções sob análise com presença de material interveniente são mais frequentes com aspecto pontual em construções com "pagar", com 19,85%, e em construções com "dar", com 61,81%. Esse cruzamento contribui na definição de padrões de uso em que o falante seleciona construções com ou sem elemento interveniente delineando as características de cada padrão.

A aspectualidade das construções relacionais de fingimento está associada à forma em que os verbos são empregados e, consequentemente, ao ambiente morfossintático, considerando, por exemplo, que o tempo interno de perífrases verbais é marcado pelo verbo auxiliar em posição de V_1, conforme exemplos em (114), e, em casos de verbo pleno, a marcação aspectual é codificada por morfema flexional, conforme a ocorrência em (115).

(114) a. Ela tem um PUTA silicone e quer falar de naturalidade a mulher? **Quis pagar uma** de sou natural. Ah, por favor. hahahaha E se fosse pra ser natural, porque não deixaram a axila e as pernas peludas também? Papinho pra boi dormir isso dai. (opesquisadorcristao.com.brao.com.br)

b. Ou talvez eu tenha sido um tanto machista, **quis dar uma** de mulher livre, que fala suas vontades, mas talvez tenha pensado que, por ele ser homem, tinha obrigação de querer transar logo. (aumagic.blogspot.com)

(115) Ela ainda **paga uma** de santinha e mãe zelosa (sendo que ate para o pastor da igreja, que é casado, ela já se ofereceu). (dominiodesi.blogspot.com)

A próxima tabela mostra a frequência dos verbos "pagar" e "dar" em construções relacionais de fingimento na correlação de parâmetros que avaliam a aspectualidade (durativa e pontual) e a forma verbal.

Tabela 21 - Análise cruzada entre aspectualidade e forma do verbo relacional de fingimento

PARÂMETROS		Aspecto Durativo	Aspecto Pontual
PAGAR	Infinitivo	18/131 13,74%	55/131 41,98%
	Gerúndio	33/131 25,19%	0/131 -
	Particípio	0/131 -	01/131 0,76%
	Presente	05/131 3,82%	12/131 9,17%
	Pretérito perfeito	0/131 -	05/131 3,82%
	Pretérito imperfeito	01/131 0,76%	01/131 0,76%
DAR	Infinitivo	60/487 12,32%	296/487 60,78%
	Gerúndio	125/487 25,67%	05/487 1,03%
	Particípio	0/487 -	0/487 -
	Presente	0/487 -	0/487 -
	Pretérito perfeito	0/487 -	0/487 -
	Pretérito imperfeito	01/487 0,20%	0/487 -

Fonte: Elaboração própria.

A forma infinitiva também possibilita que o aspecto pontual seja o mais produtivo em construções com "pagar", com 41,98%, e em construções com "dar", com 60,78%, correlacionada com a intervenção do artigo "uma" em orações absolutas, em (116), e em orações reduzidas, em (117). Nesse sentido, a ideia aventada de que os diferentes ambientes morfossintáticos propiciam a aspectualidade pontual das construções é confirmada.

(116) **Pagar uma** de coitada? Justo eu! (ceticismo.net)

(117) Sim, porque todo homem que acabou de conseguir a liberdade, com um monte de mulheres que ficam dando em cima, gosta de **dar uma** de Prima Dona. (revistaandros.com.br)

Conforme apresentado na tabela 20, o aspecto durativo é mais frequente em construções relacionais de fingimento com ausência de material interveniente, com 39,69%, em construções com "pagar", em (118a) e, ainda que menos frequente, com 1,64%, em construções com "dar", conforme o exemplo em (118b). Vale ressaltar que construções com "dar" sem material interveniente não são produtivas, sendo coletadas no *corpus* 08 ocorrências e todas apresentam aspecto durativo.

As construções de fingimento com "pagar" sem intervenção de material apresentam tanto aspecto durativo, com 39,69%, quanto aspecto pontual, com 36,64%, o que revela, em termos de produtividade, que pelo fato de as construções se apresentarem em ambiente morfossintático diversificados, os dados apresentaram percentuais equipolentes.

De acordo com os resultados apresentados na tabela 21, na análise cruzada entre aspectualidade e forma verbal, a forma não-finita de gerúndio se revela a mais produtiva com aspecto durativo em construções com "pagar", com 25,19%, e em construções com "dar", com 25,67%.

(118) a. O jornalista foi duro, mas ele está certo: Vocês estão **pagando de** fãs de um esporte que não conhecem, nunca jogaram. Vocês não fazemparte da cultura americana, é uma vida falsa e virtual, covarde. (nflbrasil.net)

b. O tucano de Colatina, ao jornal A Tribuna (31/07), afirmou desconhecer o flerte entre os dois partidos, **dando de** desentendido. (seculodiario.com.br)

Com base nos dados, chega-se ao entendimento de que há uma correlação entre ausência/presença de material interveniente, forma verbal e ambiente morfossintático para a caracterização da aspectualidade (pontual/durativa) das construções relacionais de

fingimento com "pagar" e "dar". Logo, mediante a construção relacional de fingimento apresentar formas distintas com significados distintos, a partir do esquema mais geral, um nó na rede é promovido, distinguindo o subesquema + pontual e o subesquema + durativo, caracterizando a produtividade da construção na medida em que sanciona, inclusive, padrões microconstrucionais, o que permite a leitura de que a construção é esquemática. Nesse sentido, os subesquemas podem ser assim representados:

(i) Subesquema$_1$: Suj+V$_{rel}$+de+SN/SAdj ↔ fingimento + durativo

(ii) Subesquema$_2$: Suj+V$_{rel}$+uma+de+SN/SAdj ↔ fingimento + pontual

3.1.8 Natureza pragmática do predicativo: eufórico e disfórico

Na tabela 22, verifica-se que a natureza pragmática do predicativo das construções de fingimento é mais produtiva com predicativo disfórico, com 77,9%, em construções com "pagar" e, com 63,6%, em construções com "dar".

Tabela 22 - Natureza pragmática do predicativo

Construções com os verbos	Eufórico	Disfórico
PAGAR	29/131 22,1%	102/131 77,9%
DAR	177/487 36,4%	310/487 63,6%

Fonte: Elaboração própria.

As ocorrências a seguir, em (119), exibem exemplos das construções de fingimento com predicativo disfórico.

(119) a. Quem tenta ser muito perfeitinha, acaba **pagando** de **chata!** (atrevida.uol.com.br)

b. Desta vez não houve manipulação e por isso não há líderes. E por isso esses corruptos estão feito baratas tontas baixando as passagens por todo o país. Estão **dando** uma de **lesos**. (conversafiada.com.br)

Culturalmente, em certos meios sociais, 'fingir' *ser muito perfeitinha*, em (119a), leva o indivíduo a sofrer como consequência ser interpretado como uma pessoa *chata*, com

denotação de sem graça/insípida, assim como, em (119b), *dar uma de lesos* corresponde a 'fazer-se/passar-se por' desentendido na confirmação do estado fingido do sujeito. Em ambos os casos, as construções se apresentam pragmaticamente com sentido disfórico, a partir da leitura dos predicativos *chata* e *lesos* como adjetivos com indicação para o negativo (NEVES, 2011). Já os exemplos em (120) mostram as construções relacionais de fingimento com predicativo eufórico.

(120) a. Pô, eu gostaria muito de ser contratado da Sony, ser contratado da Warner, pegar umas festas com a Madonna, entrar assim, tá ligado? De Armani, e a Madonna ali, **pagar** de ***superstar***, tipo o Bono, saca a viagem? [*risos*] (gafieiras.com.br)

b. Portanto, você que quer **dar** uma de **mulher moderna** com visual chique e elegante, sem apelar, use o azul amanhã:) (unhabonita.com.br)

Em (120a), *superstar* é um substantivo que nomeia o indivíduo famoso e popular trazendo brio e relevante importância social , assim como em, (120b), *mulher moderna* pode ser considerado um atributo que eleva a autoestima do indivíduo. Os dois predicativos apontam para uma natureza pragmática eufórica, no sentido de que são interpretados como algo positivo (NEVES, 2011). Vale destacar os resultados obtidos, na próxima tabela, a partir do cruzamento entre a natureza pragmática do predicativo e presença/ausência de material interveniente para caracterizar as construções relacionais de fingimento e se chegar ao padrão de uso mais produtivo para cada microconstrução.

Tabela 23 – Análise cruzada entre natureza pragmática do predicativo e material interveniente

PARÂMETROS		Eufórico	Disfórico
PAGAR	**Ausência**	24/131 18,32%	76/131 58,01%
	Presença	05/131 3,82%	26/131 19,85%
DAR	**Ausência**	01/487 0,20%	07/487 1,44%
	Presença	176/487 36,14%	303/487 62,22%

Fonte: Elaboração própria.

Os números confirmam que, de fato, o predicativo com natureza pragmática disfórica é mais frequente e produtivo, independente se há ou não intervenção de elemento, ou seja, esta é uma propriedade herdada do esquema mais geral da construção presente em todos os níveis da rede, mostrando, então, que a rede é esquemática.

3.1.9 Subjetividade da construção

Os dados exibidos na tabela 24 apresentam os números referentes ao parâmetro que avalia o grau de subjetividade das construções, considerando as construções com grau [+subjetivo] quando, a partir do entorno contextual, há marcações codificadas que se concentram na opinião/juízo de valores do interlocutor e com grau [-subjetivo] diante de uma perspectiva contextual neutra/objetiva do interlocutor.

Tabela 24 - Grau de subjetividade

Construções com os verbos	[+ Subjetivo]	[- Subjetivo]
PAGAR	124/131 94,6%	07/131 5,4%
DAR	171/487 35,1%	316/487 64,9%

Fonte: Elaboração própria.

A distribuição dos dados indica que as construções de fingimento são [+ subjetivas] em construções com "pagar", com 94,6%, enquanto que as construções com "dar" apresentam um caráter [- subjetivo], com 64,9%. Pode-se verificar que as construções com "pagar" apresentam mais marcas codificadas no discurso que esbocem a opinião/atitude do interlocutor, ao contrário das construções com "dar", o que revela um traço mais discreto e objetivo.

(121) **Acho** lindo vc **pagar** de salvadora dos animais, defensora, alma boa e caridosa, mas prejudicar PESSOAS por isso... **sei não**... não **me parece** tão boa ideia. (escrevalolaescreva.blogspot.com)

(122) Se o legislativo começar a **dar** uma de vitima então que volte a ditadura militar. (poderonline.ig.com.br)

Em (121), o verbo modal epistêmico *Acho* adianta que se trata da opinião do falante e serve como fundo discursivo para revelar que, na verdade, não está seguro da atitude do interlocutor em *pagar de salvadora dos animais, defensora, alma boa e caridosa*, exteriorizando sua incerteza, no plano discursivo de figura, com *sei não... não me parece tão boa ideia*, o que revela alto grau de subjetividade. Em (122), não há nenhuma marcação codificada que transmita o juízo e/ou opinião direta do falante sobre o interlocutor, apenas relata o dizer do sujeito da construção configurando um uso [- subjetivo], sem deixar marcas codificadas que atestam sua opinião.

Por meio do cruzamento de parâmetros, pode-se avaliar se a presença de material interveniente se correlaciona com o grau de subjetividade da construção, além de contribuir na caracterização dos padrões microconstrucionais, sendo os resultados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 25 - Análise cruzada entre grau subjetividade e material interveniente

PARÂMETROS		**[+ Subjetivo]**	**[- Subjetivo]**
PAGAR	**Ausência**	95/131 72,53%	04/131 3,05%
	Presença	28/131 21,37%	04/131 3,05%
DAR	**Ausência**	05/487 1,03%	03/487 0,62%
	Presença	166/487 34,09%	313/487 64,26%

Fonte: Elaboração própria.

As construções relacionais de fingimento mais produtivas com "pagar" são as [+subjetivas] com ausência de material interveniente, com 72,53%, enquanto que as construções mais produtivas com "dar" são as [-subjetivas] com presença de material interveniente, com 64,26%. Construções com "dar" com traço [+subjetivo] são mais frequentes com ausência de material, com 1,03%, e tais considerações revelam que a construção sob análise é produtiva ao apresentar aspectos graduáveis e que se distingue a depender da configuração da construção.

Os resultados até aqui permitiram a descrição do pareamento forma-significado das construções foco deste estudo para que, então, fosse possível descrever a rede hierárquica das construções relacionais de fingimento com "pagar" e "dar".

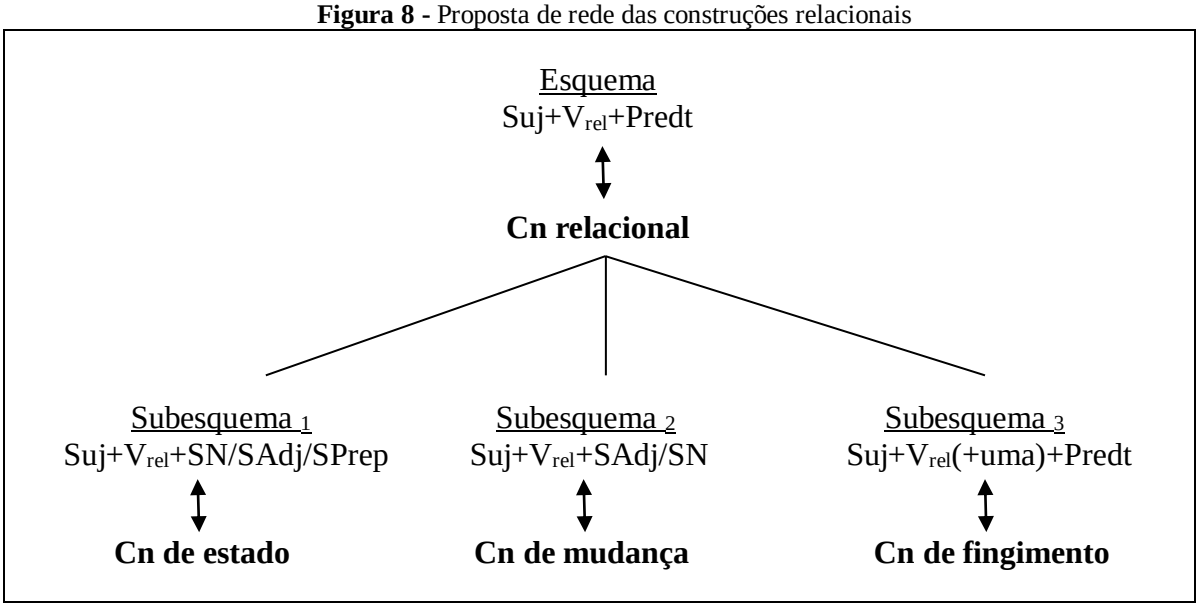
3.2 Hierarquia construcional das construções relacionais

Dando continuidade à análise, esta subseção almeja caracterizar e compreender os níveis esquemáticos (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021) e as relações de herança (GOLDBERG, 1995) da construção de fingimento. Nesse sentido, entende-se que tais construções pertençam à rede de construções relacionais e se associam/se conectam com os membros mais prototípicos estabelecendo relações de herança que conferem certas similaridades entre seus padrões de uso.

3.2.1 Rede hierárquica da construção relacional de fingimento

Com base nos resultados apresentados, é possível definir as propriedades da construção de fingimento como mais um membro da rede de construções relacionais, passando a configurar um dos subesquemas da rede de construções relacionais juntamente com o subesquema de estado e o subesquema de mudança, descritos por (FERREIRA, 2015), conforme apresentado abaixo.

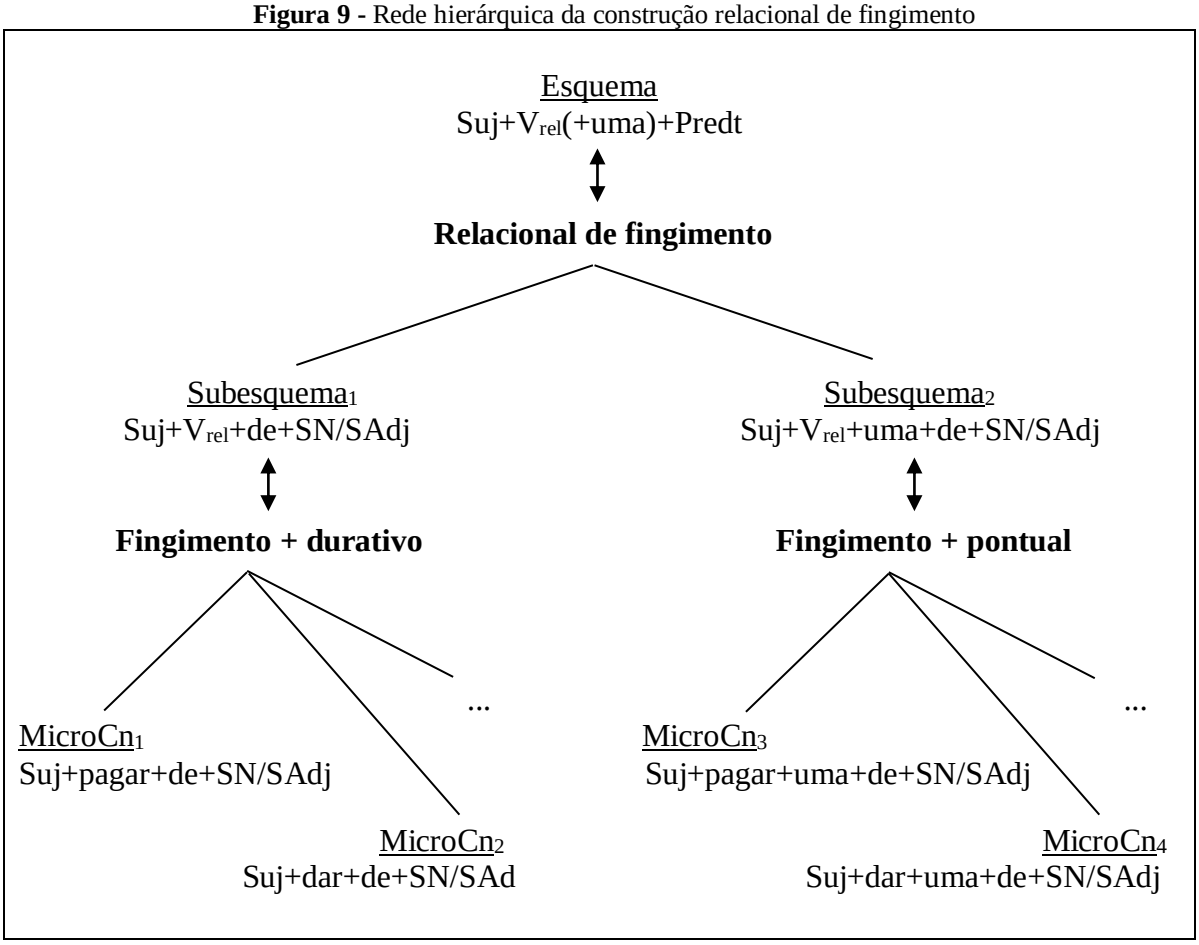
Figura 8 - Proposta de rede das construções relacionais



Fonte: Própria da autora com base em Ferreira (2015).

Uma vez estabelecido o *status* da construção sob estudo no interior da rede de construções relacionais e descrito o percurso de análise que revelaram traços singulares quanto à forma, ao significado e às propriedades construcionais, faz-se necessário primeiramente apresentar a rede hierárquica da construção relacional de fingimento com "pagar" e "dar", para, então, apresentar sua caracterização.

Figura 9 - Rede hierárquica da construção relacional de fingimento



Fonte: Própria da autora.

As microconstruções + durativas, $MicroCn_1$ e $MicroCn_2$, apresentam padrões distintos a depender do preenchimento do *slot* verbal. A microconstrução durativa com "pagar" é mais subjetiva e ocorre mais frequentemente na posição/função de V_2 em perífrase modal com predicativo na forma de SAdj simples sob a semântica de qualificador de avaliação psicológica, enquanto que a microconstrução durativa com "dar" se difere por integrar mais produtivamente contextos de subordinação (reduzidas).

As microconstruções + pontuais, $MicroCn_3$ e $MicroCn_4$, com "pagar" e "dar" também se particularizam. A microconstrução pontual com "pagar" é mais produtiva em contextos de subordinação (reduzidas) com alto grau de subjetividade e *slot* predicativo preenchido pela

forma de SAdj simples no diminutivo e semântica de qualificador de avaliação psicológica. Em contrapartida, as microconstruções pontuais com "dar" são menos subjetivas e mais produtivas como V_2 de perífrase modal com predicativo expresso sob a forma de SAdj simples.

Para ilustrar, o quadro 5 sintetiza e descreve as microconstruções e as relacionam com o padrão construcional que se mostrou mais produtivo para cada uma delas.

Quadro 5 - Padrão construcional produtivo das microconstruções relacionais de fingimento

Microconstruções	Padrão construcional produtivo
Suj+pagar+de+SN/SAdj	- ausência de material interveniente - forma finita no infinitivo - V_2 de perífrase modal - SUJ: indivíduo/agente/[+humano/+animado] - aspecto + durativo - Predt: SAdj simples/qualificador/disfórico - [+ subjetivo]
Suj+dar+de+SN/SAdj	- ausência de material interveniente - forma finita no infinitivo - contexto de subordinação: reduzidas - SUJ: indivíduo/agente/[+humano/+animado] - aspecto + durativo - Predt: SAdj simples/qualificador/disfórico - [+ subjetivo]
Suj+pagar+uma+de+SN/SAdj	- presença de material interveniente - forma finita no infinitivo - contexto de subordinação: reduzidas - SUJ: indivíduo/agente/[+humano/+animado] - aspecto + pontual - Predt: SAdj simples diminutivo/qualificador disfórico - [+ subjetivo]
Suj+dar+uma+de+SN/SAdj	- presença de material interveniente - forma finta no infinitivo - V_2 de perífrase modal - SUJ: indivíduo/agente/[+humano/+animado] - aspecto + pontual - Predt: SAdj simples/qualificador/disfórico - [- subjetivo]

Fonte: Elaboração própria.

A seguir, apresentam-se os construtos que se enquadram no padrão construcional específico das microconstruções em questão.

✓ MicroCn$_1$: Suj+pagar+de+SN/SAdj

(123) Ele quis **pagar** de bom e não aguentou a pressão, caiu no choro. Isso mesmo que vocês estão lendo, ele começou a chorar a implorar por perdão. Ahhh... Aí eu gostei! Estava no comando novamente. Fingi que não vi a festa inteira e nunca mais olhei na cara. (isabelafreitas.com.br)

✓ MicroCn$_2$: Suj+dar+de+SN/SAdj

(124) Eles sempre gostam de **dar** de *haters* na *net*, ai o bicho pega para o lado deles e desconversam tudo. (escrevalolaescreva.blogspot.com)

✓ MicroCn$_3$: Suj+pagar+uma+de+SN/SAdj

(125) Aquela bisca que não me venha aqui para **pagar** uma de gostosinha. (brejas.com.br)

✓ MicroCn$_4$: Suj+dar+uma+de+SN/SAdj

(126) Vc até pode **dar** uma de rebelde, mas não é não, meu camaradinha. (deusilusao.com)

Ao considerar a hierarquia construcional pela ótica *bottom-up*, chega-se ao nível intermediário da rede com variabilidade de elementos no preenchimento do *slot* verbal, caracterizando dois subesquemas a partir da correlação entre aspectualidade da construção, forma verbal (inclusive os ambientes morfossintáticos em que essas formas se apresentam) e presença/ausência de material interveniente, conforme já apresentado anteriormente, sendo (i) Subesquema$_1$: Suj+V$_{rel}$+de+SN/SAdj ↔ fingimento + durativo e (ii) Subesquema$_2$: Suj+V$_{rel}$+uma+de+SN/SAdj ↔ fingimento + pontual.

Por meio do pareamento forma-significado, a interpretação da construção relacional de fingimento é promovida quando:

(i) os elementos da construção formam um *chunk*, ou seja, uma sequência de palavras que se associam por rotinização e frequência.

(ii) o *prefab* configura uma expressão semifixa, pois admite a inserção de material interveniente, promovendo um nó na rede que permite a configuração de subesquemas.

(iii) a preposição "de" encabeça um sintagma preposicional (SPrep) com núcleo nominal ou adjetival.

(iv) o predicativo tem valor atributivo em relação ao sujeito.

(v) as construções relacionais de fingimento podem apresentar natureza pragmática disfórica e eufórica.

(vi) o sujeito é essencialmente indivíduo [+humano/+animado] com papel de agente por excelência, uma vez que age e controla o seu estado fingido.

Dando continuidade à descrição das construções relacionais de fingimento, quanto à dimensão das construções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021), as microconstruções podem ser descritas da seguinte maneira:

(i) quanto ao *tamanho*, são categorizadas como complexas por constituírem *chunks* não composicionais com suas partes internas analisáveis.

(ii) no que compete à *especificidade*, as construções são concebidas como intermediárias, uma vez que o *slot* predicativo é preenchido tanto por SN quanto por SAdj com um gama diversificada de *types* qualificadores promovendo a produtividade das construções.

(iii) em relação à *conceitualização*, são entendidas como intermediárias, nem tão lexicais e nem tão procedurais, pois estão vinculadas ao conceito de *prefab* com identidade de processo relacional.

Quanto às propriedades construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021), pode-se concluir que as microconstruções relacionais de fingimento com "pagar" e "dar" apresentam as seguintes especificidades quanto ao:

(i) grau de *esquematicidade*: no entendimento de que a esquematicidade se relaciona à extensão de padrões abstratos permitindo aos falantes captar e

associar cognitivamente um conjunto esquemático generalizado com o propósito de instanciar novas construções, ainda que inconscientemente, pode-se concluir que as construções que denotam fingimento de estado com "pagar" e "dar" possuem grau intermediário de esquematicidade, no nível do subesquema, pois (i) emergem na língua por instanciações de uso e passam a integrar a rede das construções relacionais ao compartilharem certas propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas, (ii) impõem certas restrições de preenchimento nos *slots* da construção, (iii) é possível, ainda, detectar novas instanciações de uso a partir de outros exemplares que compartilham das mesmas especificidades de forma e significado e que denotam o significado de fingimento, como por exemplo, construções com os verbos, "fingir", "fazer" "bancar" e "passar", permitindo a rede novas extensões e, assim, interpretá-las como produtivas no nível das microconstruções.

(ii) grau de *produtividade*: essa propriedade está intimamente relacionada com a esquematicidade, pois ambas são consideradas gradientes e dizem respeito a extensibilidade de um esquema na instanciação de novas construções. Assim, ao reconhecer as construções relacionais de fingimento como parcialmente esquemáticas, no nível do subesquema, deve-se considerar que sua produtividade se restringe em alguns aspectos. De acordo com os dados analisados, as construções relacionais de fingimento são estruturas semiabertas, pois apresentam o *slot* sujeito com preenchimento mais restrito em posição fixa e o *slot* predicativo em posição aberta, sendo preenchido por SN e SAdj atributivos/qualificadores com tipologia morfológica distintas, expandindo sua classe hospedeira (HIMMELMANN, 2004). A produtividade também pode ser entendida em termos de frequência (BYBEE, 2003; 2010) à medida que, pela rotinização, um item passa a sancionar, por analogia, novas construções.

(iii) grau de *composicionalidade*: no que compete à composicionalidade, as microconstruções de fingimento, tanto pontuais quanto durativas com os verbos "pagar" e "dar" são compreendidas como não composicionais, uma vez que o verbos cotejados pela construção não recuperam o significado de

transferência (significado nocional prototípico). Quanto à composicionalidade semântica, o significado das partes não é mais recuperado no todo, promovendo o sentido de fingimento próprio da construção, refletindo na não composicionalidade sintática, pois há a composição de uma estrutura entrincheirada, um *chunk*, na formação dos *prefabs*. Tomando a composicionalidade e a analisabilidade como duas propriedades distintas (BYBEE, 2010), a construção relacional de fingimento é considerada menos composicional e analisável, pois a palavra que preenche o *slot* verbal mantêm suas especificidades como verbo da construção e podem se apresentar nas formas não-finitas e finitas, além de admitirem que advérbios 'modifiquem' o seu sentido e permitirem que materiais intervenientes sejam alocados em sua estrutura, como em *pagar uma de* e *dar uma de*.

3.2.2 Relações de herança na rede

As construções relacionais de fingimento apresentam características singulares e inerentes à construção que perpassam todos os níveis da rede sendo herdadas pelas microconstruções desde o esquema mais geral, sendo:

(i) o *slot* sujeito de primeira ordem *indivíduo* [+humano/+ animado] exerce por excelência o papel semântico de agente.

(ii) o *slot* predicativo é mais produtivo sob a forma de SAdj com semântica atributiva qualificadora de avaliação psicológica e natureza pragmática disfórica que ocorre devido a conceptualização dos falantes ao assumirem que o estado fingido tende para o comportamento negativo, ou seja, de acordo as experiências e visão de mundo dos falantes o fingimento está diretamente atrelado com o conceito de esconder o que é ruim e mostrar o que é bom.

Pensando em uma rede hierárquica que abrigue as construções de fingimento, chegou-se ao entendimento de que tais construções integram a rede descrita por Ferreira (2015), conforme apresentado na figura 8, ao considerar que o esquema mais geral e abstrato da construção relacional sanciona subesquemas que se referem à construções de estado e de mudança de estado. De acordo com a autora:

> [...] evidenciamos que a construção relacional apresenta subtipos (construção de estado ou de mudança de estado), que também apresentam subníveis (a construção de estado pode ser habitual ou não e a construção de mudança de estado pode ser resultativa ou não). (FERREIRA, 2015, p. 124)

Os construtos instanciados pelas microconstruções que representam as construções de estado são observadas, em (127a), com o verbo "ser" e, em (127b), com o verbo "estar". Já os construtos instanciados pelas microconstruções de mudança de estado estão descritos, em (128a), com o verbo "ficar" e, em (128b), com o verbo "virar".

(127) a. A estrada de Petrópolis **é** muito bonita. [*O grande passeio*, Clarice Lispector] (FERREIRA, 2015, p. 125)

b. Uma vez, quando Ofélia **estava** sentada, tocaram a campainha. [*A legião estrangeira*, Clarice Lispector] (FERREIRA, 2015, p. 90)

(128) a. ...a fazenda começou a mudar de aspecto; os campos **ficaram** monótonos... [*A parasita azul*, Machado de Assis] (FERREIRA, 2015, p. 90)

b. ... o travesseiro cresceu como um danado dentro de mim e **virou** crime. [*Vestida de preto*, Mario de Andrade] (FERREIRA, 2015, p. 91)

De acordo com a proposta construcional, as construções podem ser conceitualizadas como nós que se ligam a outros nós por meio de elos formando uma rede hierarquicamente organizada, assim os elos de herança são particularmente responsáveis por transferirem propriedades dos nós dominantes para nós mais específicos capturando generalizações através das construções, sendo tais relações essencialmente responsáveis pela organização estrutural das construções na rede.

Para identificar o que permite às construções de fingimento integrar a rede de construções relacionais é importante considerar como se estabelecem verticalmente as relações de herança entre os membros mais prototípicos, no caso, construções com "ser" e "estar". Na rede, os elos relacionais de subparte permitem que a propriedade de processo relacional que rege a predicação das construções (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) promova e impulsione a conceptualização e novas construções com significados distintos, mas preservando uma parte do significado central. A estado relacional da construção no nível do *esquema* permite que o nível imediatamente mais baixo, *subesquesmas*, preserve essa propriedade e impulsione a instanciação de *microconstruções* de estado com "ser" e

"estar", em (129), mudança de estado com "ficar" e "virar", em (130), ou fingimento, em (131) com "pagar" e "dar", por exemplo.

(129) a. Cronologicamente a situação era a seguinte: um homem e uma mulher **estavam** casados. [*Os obedientes*, Clarice Lispector] (FERREIRA, 2015, p. 63)

b. Nossa amizade **era** tão insolúvel como a soma de dois números. [*Uma amizade sincera*, Clarice Lispector] (FERREIRA, 2015, p. 63)

(130) a. Ela **ficou** espantada, com o acontecimento nas mãos, numa mudez que nem pai nem mãe compreenderiam. [*Tentação*, Clarice Lispector] (FERREIRA, 2015, p. 35)

b. E de repente riu sacudindo o avental: Depressa, até a casa da Juana Louca, quem chegar por último **vira** um sapo! [*Que se chama solidão*, Lygia Fagundes Telles] (FERREIRA, 2015, p. 64)

(131) a. Aceitar o convite do restaurante, chegar lá, não comer quase nada (para **pagar** de educada), pra depois chegar em casa e atacar a geladeira. Aceitar tudo que o cara propõe (pra vc ficaria muito melhor sair na quinta, mas acaba aceitando sair na quarta por medo do cara não te chamar uma segunda vez). (fanficobsession.com.br)

b. Não quero **dar** uma de blogueira da Capricho aqui, mas talvez este *post* alerte os publicitários de concessionárias ou até de montadoras, para o fato de que nós mulheres também podemos ser apaixonadas por carro. (acidezfeminina.com.br)

Consequentemente as *microconstruções* abstratizam do nível superior essa propriedade relacional e promovem nós na expansão esquemática da rede e, no caso das construções de fingimento, as microconstruções assumem aspectos + pontuais e + durativos.

As construções relacionais partilham, ainda, outros aspectos, conferindo-lhes propriedades em comum, tais como: sujeito [+humano/+animado], predicativo atributivo com semântica qualificadora e flexibilidade da forma verbal em se apresentar em diferentes ambientes morfossintáticos, revelando gradiência entre essas propriedades, conforme pode ser observado com os exemplos que seguem.

(132) a. Um milhão e meio de pessoas já assistiram esse vídeo onde um gatinho vai **dar** uma de esperto com uma cobra. (petrede.com.br)

b. O lanche pode até ser bom, a hipocrisia da parada é **pagar** de lanchonete diferente... até chegar a atendente *suicide girl*? (papodehomem.com.br)

Em (132a), *gatinho* é sujeito de primeira ordem indivíduo e animado, mas não humano. Já em (132b), o sujeito não é humano e não apresenta traços de animacidade, porém é perceptível que um determinado estabelecimento finja ser uma *lanchonete diferente* por oferecer *o lanche* como opção de cardápio. As construções mantém seu sentido de fingimento devido ao elo de extensão metafórica que permite a indivíduos humanos ou não, inanimados ou não, "passar-se por" ou "fingir ser" aquilo que não são.

Nessa perspectiva, reconhece-se que a esquematicidade da rede é ampliada, além de, consequentemente, estabelecer condições propícias para que o grau de produtividade aumente a medida que o *slot* predicativo, em posição aberta, permita seu preenchimento por vários *types* produtivos.

No que compete às construções de fingimento, no nível mais abstrato, tem-se o *esquema* representado pelo pareamento Suj+V_{rel}(+uma)+Predt ↔ Relacional de Fingimento que captura um padrão mais genérico acerca do conjunto dos constituintes oracionais para conceber o significado de fingimento das construções relacionais a partir de experiências rotinizadas pelos usuários da língua.[28] A partir de uma generalização taxonômica mais geral, nós na rede emergem instanciando *subesquemas*, em nível intermediário de abstração, que denotam aspectos verbais diferentes a depender da configuração estrutural, tornando-a mais esquemática ao capturar um padrão que instancia, no nível mais baixo da hierarquia, *microconstruções* que se materializam por meio de *construtos*, esses entendidos como usos concretos/produções linguísticas dos falantes.

Acredita-se que a rede das construções relacionais de fingimento seja mais esquemática e produtiva, uma vez que outros exemplares são cotejados para integrarem a rede, tais como os verbos "fingir", "passar", "fazer" e "bancar", cada qual com suas próprias especificidades, mas também com certas similaridades para serem recrutados à categoria. Exemplos podem ser observados de (133) a (136).

(133) Via filmes de terror até cansar sem sentir medo algum, mas qualquer estalinho dentro da casa já era suficiente pra me fazer correr para o quarto e **fingir** de morta. Ainda nessa época da "coragem de mentira", eu devia ter uns 10, 12 anos, minha mãe

[28] Na figura 8, o pareamento Suj+V_{rel}(+uma)+Predt ↔ Cn de fingimento representa um subesquema da rede das construções relacionais e, ao propor a rede das relacionais de fingimento, na figura 9, tal pareamento é abstraído como o esquema dessa rede, pois "os esquemas e subesquemas são as subpartes do sistema linguístico [...] não devem ser vistos como representações mentais, embora possa haver sobreposição entre tais representações" (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, 45).

chegaria de madrugada e me deixou sozinha em casa à noite com nossa cachorra. (medob.blogspot.com)

(134) Deixe de cinismo que você pensa da gente o mesmo que esses gaúchos que você tá criticando agora. Fica se gabando de viver em PP e falando com desprezo e desdém do Norte e Nordeste brasileiros. Seja homem rapaz! Mantenha sua linha de raciocínio e não a modifique pra se **passar** de bonzinho. Sempre achei vc muito chato e ridículo mas cínico não imaginava. Não venha dar uma de moralista seu tosco! (blogs.band.com.br)

(135) Esse coração aí
Tá se **fazendo** de bobo
Ele gosta mesmo é de mim
Esse coração aí
Tá sendo ignorante
Pra me esquecer
Vai precisar de um transplante. (musixmatch.com.br – Marília Mendonça)

(136) A grande verdade é que a POLÍCIA MILITAR tá cheio de CIVIS com farda, sem dizer essa molecada que entrou na rabeira do último concurso, que tá lá só pra ter uma arma no coldre e **bancar** de machão!!! Na hora de pôr a farda pra paquerar as meninas é bom né, mas pra por a farda pra desfilar e mostrar o patriotismo é ruim né! Isso tá me cheirando a MOTIM!!!! (jairsampaio.com)

Os dados apresentados denotam sentido de fingimento que são percebidos por implicações que o falante constrói no discurso e capturados pelas inferências recolhidas pelo ouvinte (BYBEE, 2010) corroborando com a expansão da rede de construções relacionais de fingimento. Contudo, não será realizado o aprofundamento analítico de tais usos, ainda que se considere muito valoroso e pertinente, ficando o estudo, aqui, focalizado em exemplares com "pagar" e "dar".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se concentrou em descrever as construções relacionais de fingimento com os verbos "pagar" e "dar" com base teórica assentada nos Modelos Baseados no Uso em comunhão com os preceitos subjacentes à Gramática de Construções. A análise recorre à amostra sincrônica com dados coletados do *Corpus do Português*, seção *Web Dialets* (DAVIES; FERREIRA, 2006), com dados de *sites* e *blogs* de ambientes virtuais, um terreno fértil para o estudo desse tipo de construção.

Para tanto, partindo do conceito de construção, ou seja, pareamento de forma-significado, [[F] ↔ [S]], foram adotados parâmetros de análise que abrigassem tanto os aspectos formais quanto os de significados para compreender como o arranjo estrutural das construções se acomodam e, ao mesmo tempo, em que medida são cotejados pela construção que denota estado de fingimento. Ao adotar uma metodologia de cunho qualitativo e quantitativo, pôde-se analisar dados de uso extraídos de contextos reais, fruto de interação verbal, ainda que virtuais, e submetê-los ao processamento de informações com o auxílio do programa GoldVarb X (SANKOFF, *et al.*, 2005) como ferramenta que garantisse a credibilidade analítica do material.

A análise consistiu na caracterização dos padrões construcionais de fingimento baseado nos parâmetros adotados. Até esse ponto, foram mapeados e classificados os tipos semânticos e formais dos constituintes que preenchem os *slots* da construção, tais como sujeito e predicativo.

Por meio do cruzamento de parâmetros, chegou-se aos seguintes resultados: (i) o sujeito é essencialmente de primeira ordem indivíduo, [+humano/+ animado] com controle sobre o estado fingido e papel semântico de agente; (ii) predomina a natureza semântico-pragmática disfórica com entonação negativa, pois a construção assume o caráter mais pejorativo, principalmente quando associado ao tipo de SN e SAdj no diminutivo e aumentativo no *slot* predicativo; (iii) as construções com "pagar" apresentam alto grau de subjetividade e as construções com "dar" são mais frequentes com menor grau de subjetividade e (iv) a aspectualidade da construção está intimamente relacionada ao ambiente morfossintático e à forma na qual os verbos se apresentam, possibilitando e estabelecendo padrões microconstrucionais distintos ao considerar a possibilidade de

inserção de material interveniente entre o elemento verbal e a preposição "de", com dois subesquemas na rede das construções relacionais de fingimento: um subesquema + durativo, com indicador de ausência de material interveniente, e um subesquema + pontual, com indicador de presença de material interveniente, que, consequentemente instanciam quatro microconstruções, sendo elas: (i) MicroCn$_1$: Suj+pagar+de+SN/SAdj, (ii) MicroCn$_2$: Suj+dar+de+SN/SAdj, (iii) MicroCn$_3$: Suj+pagar+uma+de+SN/SAdj e (iv) MicroCn$_4$: Suj+dar+uma+de+SN/SAdj.

Compreende-se que as construções de fingimento se situam na rede das construções relacionais e estabelecem relações de heranças com os exemplares mais centrais por compartilharem principalmente propriedades referentes ao processo relacional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Assim, a análise se preocupou em descrever detalhadamente as construções relacionais de fingimento com "pagar" e "dar" fundamentada em parâmetros de forma e significado que atrelados aos conceitos construcionais de esquematicidade, produtividade e composicionalidade possibilitaram vislumbrar sua acomodação na rede hierárquica das construções relacionais, ainda que mais periférica e distante do protótipo com o verbo "ser" e "estar".

Acredita-se que os resultados aqui apresentados possibilitarão o desenvolvimento de pesquisas posteriores, principalmente quanto à produtividade e à esquematicidade na rede de construções relacionais de fingimento como, por exemplo, a expansão da classe hospedeira do *slot* verbal, uma vez que este estudo se concentrou apenas com os exemplares "pagar" e "dar".

REFERÊNCIAS

BARBOSA, N. P. de U. Manual de Métodos Quantitativos de Pesquisa. **Grupo Anima Educação**. Belo Horizonte, vol. único, 2014. Disponível *online* em: https://www.researchgate.net/publication/281067204. Acesso em: 10/05/2019.

BASSO, R. M. **Descrição do português brasileiro**. Linguística para o ensino superior. 1 ed. Parábola. São Paulo, 2019.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Editora Nova Fronteira, 37ª edição. Rio de Janeiro, 2009.

BOAS, H. **A constructional approach to resultatives**. Stanford, CA: CSLI Publications, 2003.

BORBA, F. S. **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.

BRINTON, L. J.; AKIMOTO. M. **Collocational and idiomatic aspects of composite predicates in the history of English**. vol. 47. John Benjamins Publishing Company Amsterdam Philadelphia, 1999.

BYBEE, J. Morfology as lexical organization. In: HAMMOND, M.; NOONAN M. (eds.). **Theoretical Morphology:** Approaches in Modern Linguistics. Academic Press. San Diego, p. 119-141, 1988.

_____. Cognitive Processes in Grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (ed.). **The New Psychology of Language.** vol II. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

_____. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**. n. 82, n. 04 2006. Disponível *online* em: http://www.jstor.org/stable/4490266. Acesso em 07/10/2020.

_____. **Language, usage and cognition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. **Linguagem, uso e cognição** Tradução de Angélica Furtado da Cunha. 1. edição, Cortez Editora. São Paulo, 2016

CAMACHO, R. G. *et al.* O substantivo. In: ILARI, R. (org.). **Palavras de classe aberta.** São Paulo. Editora Contexto. p. 13-56, 2014.

CASTILHO, Ataliba T. de. O sintagma verbal. In: **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CORÔA, M. L. M. S. **O tempo nos verbos do português**: uma introdução à sua interpretação semântica. Editora Parábola. São Paulo, 2005.

COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. London: Cambridge University Press, 1976.

CROFT, W. **Radical Construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

_____. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. In: ÖSTTMAN, J-O.; FRIED, M. (Ed.). **Constructions grammars**: cognitive grounding and theoritical extension. Amsterdam: Benjamins, p. 273-314, 2005.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, F. L. C. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1975.

CUNHA, F. L. C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 7. ed., 2a reimpressão. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016. Disponível *online* em: https://docero.com.br/doc/1580vv. Acesso em 05/06/2021.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português:** 45 milhões de palavras, 1300s-1900s, 2006. Disponível *online* em: https://www.corpusdoportugues.org . Acesso em: 25/03/2020.

DRZAZGOWSKA, J. As perífrases verbais no português europeu. In: **Romanica Cracoviensia.** vol.11, p. 107-115, 2011.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. 1. ed., 2a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

FERREIRA, B. G. P. **Construção relacional**: estado, mudança e resultado. 2015. 136 f. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, UFRJ, Rio de janeiro, 2015.

_____. **Construção predicativa de mudança de estado e de propriedade com os verbos ficar, tornar-se e virar.** 2019. 144f. Tese de doutorado em Letras Vernáculas. Programa de Pós-graduação em Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

FURTADO DA CUNHA, M. A. As construções de movimento causado e ditransitivas: elos de polissemia. **D.E.L.T.A**, vol.33, n.1, p. 109-132, 2017.

GOLDBERG, A. **Constructions:** a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions:** a new theoretical approach to language. Trends in Cognitive Science. vol. 7. n. 5, p. 219-224, 2003.

_____. **Constructions at work:** the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.) **Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University, p. 15–31, 2013.

GOMES, A. S.; KANTHACK, G. S. Padrões de uso da construção qualificadora [V uma de X]. **e-scrita** Revista do Curso de Letras da UNIABEU. Nilópolis, vol.12, n. 1, p. 12-26, 2021.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (Ed.). **What makes grammaticalization?**: a look from its fringes and its components. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, p. 21-42, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar**. 3ª edição. London: Edward Arnold, p. 168-305, 2004.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R. (org.). **Palavras de classe aberta.** São Paulo. Editora Contexto. p. 65-242, 2014.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1971.

KEMMER, S.; BARLOW, M. **Usage Based Models of Language.** Chicago: The University of Chicago Press, 2000.

LACERDA, P. F. A. da C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista LinguíStica**, UFRJ. Volume Especial, p. 83-101, 2016.

LAKOFF, G.; JOHNSON. M. **Metaphors we live by.** Chicago: Chicago University Press, 1980.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar.** vol. 1, Theoretical prerequisites. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

_____. Construction Grammars: Cognitive, radical, and less so. In: ILBAÑEZ, F. J. R. de M.; CERVEL, M. S. P, eds. **Cognitive Linguistics**: Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 101-159, 2005.

_____. **Cognitive Grammar**: a basic introduction. Oxford University Press, 2008.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português.** 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NHOATO, H. **Propriedades semânticas e pragmáticas de modificadores do núcleo do sintagma nominal**. 2018. 145 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP, São José do Rio Preto, 2018.

OLIVEIRA, J. M. **Minicurso**: Introdução ao GoldVarb X: uso e interpretação. 2014. Disponível *online* em: https://www.academia.edu/20023923/minicurso_goldvarb. Acesso em: 10 jul. 2020.

PERINI, M. A. **Sintaxe**. Linguística para o ensino superior. 1 ed. Parábola. São Paulo, 2019.

RAMPAZZO, F. O internetês na escola. **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo, ano 3, n. 40, 2009.

RAPOSO, E. B. P. *et al*. (org.) **Gramática do Português**. Vols. I e II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SAID ALI, M. **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a variable rule application formacintosh and windows. Toronto: University of Toronto, Department of Linguistics, 2005.

SILVA, J. R.; SABINO, M. C. A construção estativa com o verbo ser. **Gragoatá**. Niterói, vol. 25, n. 52, p. 757-784, 2020

SMITH, E. E. S.; KOSSLYN, S. M. K. **Procesos cognitivos**: modelos y bases neurales 2ª ed. Madrid, Espanha: Pearson, 2008.

TRAUGOTT, E. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Ed.) **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Series: Topics in English Linguistics, Berlin & New York: Mouton de Gruyter, p. 29-74, 2010.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

_____. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. 1ª edição, Editora Vozes. Petrópolis, 2021.

TRAVAGLIA, L. C**. O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 5 ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

APÊNDICE A

Relação dos resultados com a fórmula {pag* de}

FORMAS	*TOKENS*	FORMAS	*TOKENS*
PAGAMENTO DE	24415	PAGAMENTE DE	8
PAGAMENTOS DE	1645	PAG. DE	7
PAGAR DE	954	PAGODEIROS DE	7
PAGINA DE	920	PAGEVIEWS DE	6
PAGA DE	627	PAGÁVAMOS DE	6
PAGE DE	564	PAGADO DE	5
PAGO DE	514	PAGINADOR DE	5
PAGOS DE	344	PAGODEIRO DE	5
PAGINAS DE	317	PAGAREMOS DE	4
PAGANDO DE	313	PAGODINHO DE	4
PAGADOR DE	275	PAGER DE	3
PAGADORES DE	230	PAGARMOS DE	3
PAGÃOS DE	175	PAGAMENDO DE	3
PAGÃ DE	139	PAGADORIA DE	3
PAGAS DE	138	PAGODA DE	3
PAGODE DE	113	PAGÚ DE	3
PAGADORAS DE	99	PAGAI DE	2
PAGAM DE	98	PAGAÇÕES DE	2
PAGÃO DE	95	PAGAMNETO DE	2
PAGOU DE	93	PAGANO DE	2
PAGÃS DE	76	PAGAPAU DE	2
PAGADORA DE	67	PAGINADA DE	2
PAGAMOS DE	64	PAGINAMENTO DE	2
PAGINAÇÃO DE	58	PAGININHAS DE	2
PAGANISMO DE	55	PAGLNOSSIM DE	2
PAGES DE	51	PAGU DE	2
PAGANTES DE	50	PAGURUS DE	2
PAGERANK DE	46	PAGEVIEW DE	1
PAGTO DE	46	PAGERANKING DE	1
PAGANTE DE	41	PAGERAK DE	1
PAG DE	39	PAGAVEL DE	1
PAGARIA DE	36	PAGEOCUR.C DE	1
PAGAÇÃO DE	29	PAGEMNTO DE	1
PAGAVA DE	27	PAGEMENTO DE	1
PAGARAM DE	27	PAGEM DE	1
PAGUE DE	27	PAGELAS DE	1
PAGUEI DE	26	PAGELANÇA DE	1
PAGELA DE	17	PAGEL DE	1
PAGARÁ DE	17	PAGE_LOG DE	1
PAGSEGURO DE	17	PAGE-RANK DE	1
PAGANIZAÇÃO DE	16	PAGÉ DE	1
PAGODES DE	16	PAGARÍAMOS DE	1
PAGA-PAU DE	15	PAGARÁS DE	1
PAGAREM DE	15	PAGARA DE	1
PAGARÃO DE	13	PAGAPAUS DE	1
PAGUEM DE	11	PAGÃOS-YS DE	1
PAGAVAM DE	9	PAGÃO-BRUXO DE	1
PAGARIAM DE	9	PAGANUCCI DE	1
PAGET DE	8	PAGANOTTI DE	1
PAGAREI DE	8	PAGANIZAR DE	1
Total de 100 formas distintas com 33.124 *tokens*			

APÊNDICE B

Relação dos resultados com a fórmula {da* de}

FORMAS	*TOKENS*	FORMAS	*TOKENS*
DADOS DE	26921	DALÉM DE	62
DATA DE	26296	DATAVA DE	61
DANÇA DE	2872	DAME DE	56
DAR DE	2710	DANILO DE	55
DATAS DE	1967	DAVAM DE	53
DADO DE	1249	DANOSAS DE	52
DAMA DE	1008	DANIFICAÇÃO DE	48
DATADA DE	830	DAMIÃO DE	47
DATADO DE	768	DANINHAS DE	47
DANOS DE	749	DANOSA DE	47
DATAM DE	730	DAMON DE	46
DANO DE	514	DATAVAM DE	46
DANDO DE	506	DALMO DE	44
DANIEL DE	371	DAMASCO DE	44
DANADA DE	319	DARCY DE	44
DANADO DE	313	DARWIN DE	44
DAMAS DE	289	DARK DE	41
DANÇARINA DE	274	DADE DE	40
DADA DE	246	DANOSO DE	38
DAVA DE	219	DARF DE	36
DANÇAS DE	201	DATAR DE	36
DATADOS DE	176	DANIELA DE	35
DAVI DE	172	DASHBOARD DE	35
DATAÇÃO DE	165	DAVIS DE	35
DATADAS DE	144	DANÇANTES DE	34
DADAS DE	142	DASH DE	34
DAVID DE	141	DAKI DE	33
DARÁ DE	139	DANINHA DE	33
DAI DE	133	DATAFOLHA DE	33
DA DE	127	DAEMON DE	32
DATANDO DE	125	DANIELE DE	31
DANI DE	122	DANCE DE	30
DANTE DE	117	DARDOS DE	30
DANÇAR DE	113	DARWINISTA DE	29
DAY DE	112	DAMASCENO DE	28
DANÇARINAS DE	109	DANIFICADO DE	28
DANTAS DE	108	DANÇAM DE	27
DANCINHA DE	103	DADOR DE	26
DATA-BASE DE	100	DARDO DE	26
DARIA DE	95	DATA-LIMITE DE	26
DALVA DE	88	DATE DE	25
DANÇARINO DE	88	DANAÇÃO DE	24
DANÇARINOS DE	87	DARÃO DE	24
DAMOS DE	84	DANIFICADA DE	23
DANÇANDO DE	83	DANIFICADOS DE	22
DANOSOS DE	80	DARWINIANA DE	22
DAREI DE	70	DANADOS DE	21
DAMÁSIO DE	67	DANÇAVA DE	21
DANÇANTE DE	67	DANIFICADAS DE	20
DADIVA DE	66	DA- DE	18
Total de 100 formas distintas com 74.367 *tokens*			

APÊNDICE C

Relação dos resultados com a fórmula {pag* [?] de}

FORMAS	*TOKENS*	FORMAS	*TOKENS*
PAGAMENTO ATRAVÉS DE	273	PAGARÁ MULTA DE	25
PAGAR MULTA DE	152	PAGOU FIANÇA DE	25
PAGAMENTO INTEGRAL DE	123	PAGAMENTO ELETRÔNICO DE	23
PAGAR INDENIZAÇÃO DE	118	PAGAR EXCESSO DE	23
PAGAR MAIS DE	101	PAGA PARTE DE	22
PAGAR PARTE DE	84	PAGAMENTO ANUAL DE	22
PAGAR IMPOSTO DE	82	PAGAMENTOS FUTUROS DE	22
PAGAMENTO MENSAL DE	81	PAGINA PRINCIPAL DE	22
PAGAMENTO, DE	79	PAGO ANTES DE	21
PAGAR TAXA DE	71	PAGA, DE	20
PAGAMENTO E DE	69	PAGAMENTO PARCELADO DE	20
PAGAMENTO INDEVIDO DE	66	PAGAR E DE	20
PAGAR JUROS DE	60	PAGODE, DE	20
PAGAR, DE	55	PAGOS, DE	20
PAGINA INICIAL DE	55	PAGA METADE DE	19
PAGAMENTO É DE	54	PAGA PLANO DE	19
PAGAR TAXAS DE	49	PAGAR ALUGUEL DE	19
PAGAR CONTAS DE	48	PAGES 29 DE	19
PAGAMENTO ANTES DE	47	PAGO É DE	19
PAGO, DE	46	PAGOU MAIS DE	19
PAGA IMPOSTO DE	45	PAGA ANTES DE	18
PAGAMENTO OU DE	44	PAGAMENTO RETROATIVO DE	18
PAGAR DÍVIDAS DE	44	PAGAR ALÉM DE	18
PAGAR METADE DE	42	PAGAR ANTES DE	18
PAGAR TUDO DE	42	PAGA TAXA DE	17
PAGAR CONTA DE	38	PAGA UMA DE	17
PAGAR. DE	36	PAGAR IMPOSTOS DE	17
PAGAMENTOS ATRAVÉS DE	34	PAGA UM DE	16
PAGAR SALÁRIOS DE	33	PAGAR DÍVIDA DE	16
PAGA ATRAVÉS DE	32	PAGAR É DE	16
PAGAM IMPOSTO DE	32	PAGAR PREÇO DE	16
PAGAR PLANO DE	32	PAGAR SALÁRIO DE	16
PAGO ATRAVÉS DE	32	PAGARÁ PRESTAÇÕES DE	16
PAGA PAU DE	31	PAGES 5 DE	16
PAGAMENTO IMEDIATO DE	31	PAGO E DE	16
PAGAMENTO TOTAL DE	31	PAGO FOI DE	16
PAGAR FIANÇA DE	31	PAGOU MULTA DE	16
PAGAMENTOS E DE	29	PAGA DENTRO DE	15
PAGAR DEPOIS DE	29	PAGAMENTO SERÁ DE	15
PAGAR UMA DE	29	PAGAMENTO ÚNICO DE	15
PAGAMENTO. DE	28	PAGAMENTOS, DE	15
PAGÃOS, DE	28	PAGÃOS E DE	15
PAGAR ATRAVÉS DE	28	PAGAR MILHARES DE	15
PAGA MAIS DE	27	PAGAR PASSAGEM DE	15
PAGAMENTO PARCIAL DE	27	PAGAR PENSÃO DE	15
PAGAR DESPESAS DE	27	PAGAS ATRAVÉS DE	15
PAGINA PESSOAL DE	27	PAGES 15 DE	15
PAGOS ATRAVÉS DE	27	PAGES 16 DE	15
PAGAMENTO DENTRO DE	25	PAGES 22 DE	15
PAGAR MULTAS DE	25	PAGES 26 DE	15
Total de 100 formas distintas com 3.576 *tokens*			

APÊNDICE D

Relação dos resultados com a fórmula {da* [?] de}

FORMAS	*TOKENS*	FORMAS	*TOKENS*
DA PARTE DE	7239	DA FAZENDA DE	173
DAR CONTA DE	4670	DA PRESIDÊNCIA DE	169
DARÁ CONTA DE	1706	DADOS CADASTRAIS DE	169
DAR UMA DE	1188	DADOS OFICIAIS DE	164
DANDO CONTA DE	965	DAVA VONTADE DE	162
DAMOS CONTA DE	779	DANDO SINAIS DE	161
DA COMARCA DE	619	DA BÍBLIA DE	157
DA SECRETARIA DE	579	DAR LIÇÃO DE	155
DA PREFEITURA DE	570	DA CÂMARA DE	150
DAS CLÍNICAS DE	569	DA MULHER DE	150
DADOS SÃO DE	544	DA PAZ DE	149
DAR TEMPO DE	456	DA GRAÇA DE	148
DANDO UMA DE	425	DANÇA, DE	145
DA SAÚDE DE	418	DAREM CONTA DE	145
DA CIDADE DE	407	DAR AULA DE	141
DA UNIÃO DE	396	DAR CONDIÇÕES DE	141
DAR DICAS DE	396	DADOS ATRAVÉS DE	140
DADO CONTA DE	378	DAVA SINAIS DE	140
DA IGREJA DE	363	DAS EMPRESAS DE	139
DAR TESTEMUNHO DE	359	DA MATA DE	136
DADOS PESSOAIS DE	358	DA CASA DE	135
DAVA CONTA DE	311	DA VEIGA DE	131
DA REPÚBLICA DE	283	DATA PROVÁVEL DE	131
DA COMISSÃO DE	277	DA VILA DE	130
DAR SINAIS DE	277	DANOS OU DE	130
DAR AULAS DE	273	DAS APARIÇÕES DE	130
DA GUARDA DE	272	DA VERDADE DE	129
DA MANHÃ DE	267	DAS ASSOCIAÇÕES DE	127
DA VIDA DE	267	DAR VONTADE DE	126
DADOS, DE	266	DA COMUNICAÇÃO DE	124
DAS CONFEDERAÇÕES DE	264	DA ORGANIZAÇÃO DE	122
DA SILVA DE	263	DATA OFICIAL DE	120
DAS INDÚSTRIAS DE	248	DA CULTURA DE	115
DAR CABO DE	241	DA FUNDAÇÃO DE	115
DA INDÚSTRIA DE	239	DAR DOR DE	115
DA FOLHA DE	225	DATA EXATA DE	115
DA COSTA DE	224	DAVA TEMPO DE	112
DADOS E DE	223	DAR TUDO DE	111
DADO MOMENTO DE	218	DAVI, DE	110
DAS LÁGRIMAS DE	218	DA ARQUIDIOCESE DE	104
DA EDUCAÇÃO DE	210	DAHAN (DE	104
DAVAM CONTA DE	206	DADOS . DE	103
DARIA CONTA DE	201	DATA PREVISTA DE	103
DA INFORMAÇÃO DE	192	DA PUTA DE	101
DA ESCOLA DE	186	DANDO INDICAÇÃO DE	101
DARMOS CONTA DE	184	DA APOESP DE	99
DA LAVRA DE	181	DARIA TEMPO DE	99
DANDO DICAS DE	179	DAR OPORTUNIDADE DE	98
DA JUSTIÇA DE	177	DAR EXEMPLOS DE	96
DA LIBERDADE DE	175	DA CRIANÇA DE	95
Total de 100 formas distintas com *36.596 tokens*			